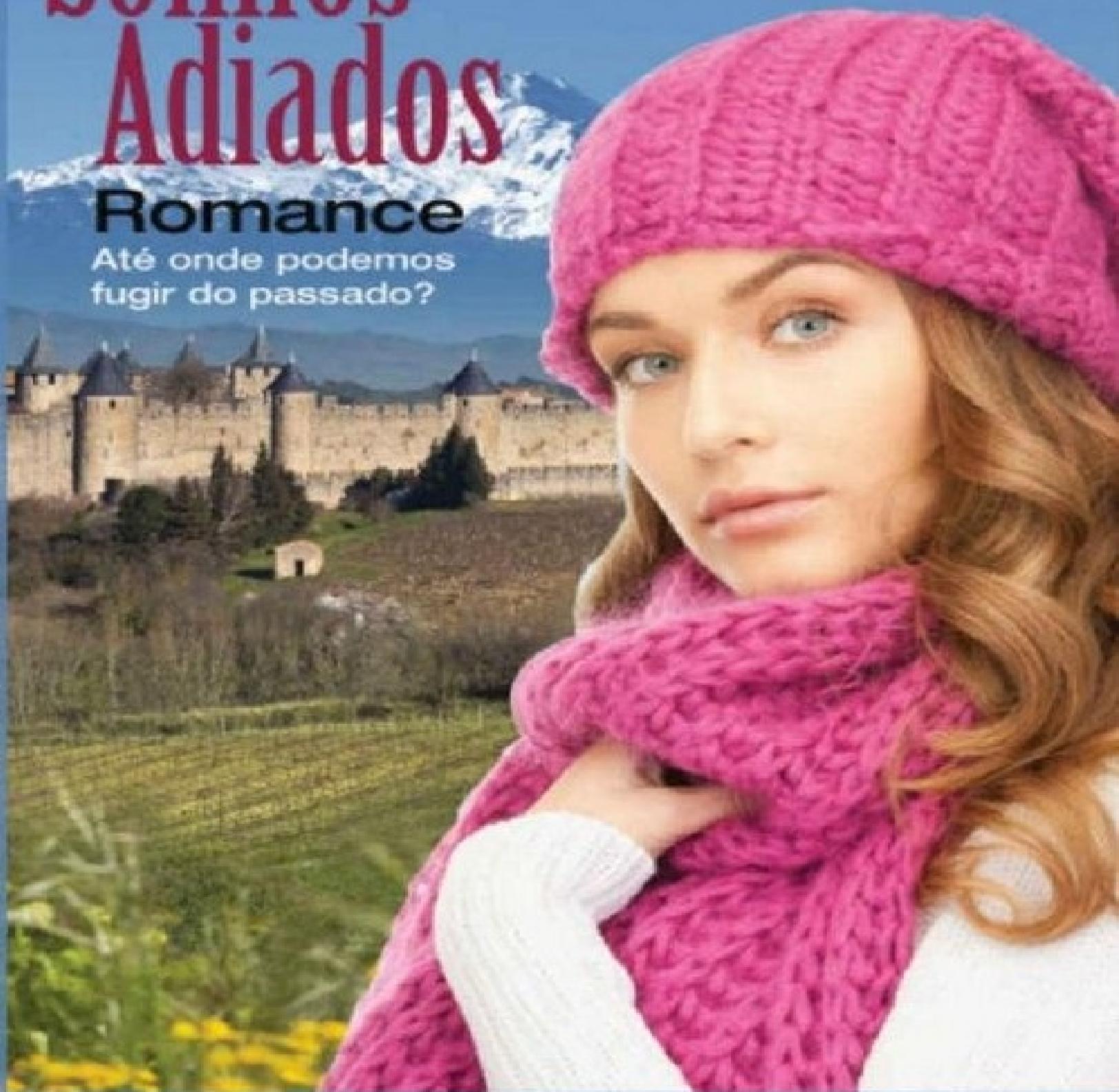


# Sonhos Adiados

**Romance**

Até onde podemos  
fugir do passado?



# Ambra Blanchett

# Sonhos Adiados

Romance

Até onde podemos  
fugir do passado?



# Ambra Blanchett

SONHOS ADIADOS

# **AMBRA BLANCHETT**

## **OUTROS TÍTULOS DA AUTORA**

ANNA BRINCOS DE PRINCESA JARDINS DE LUAR

GABRIELLE ( no prelo)

Copyright © 2015 Ambra Blanchett Capa Zomm Mind Artes Digitais Fotos de One Dollar Photo Revisão e edição de texto da autora All rights reserved.

ISBN-13: 978-1503382800

ISBN-10: 150338280X

CreateSpace assigned

Todos os direitos estão reservados, incluídos os de reprodução total ou parciais.

O meu agradecimento a todos os leitores do Wattpad que acompanharam, capítulo após capítulo, um texto ainda sem revisão e que deixaram os seus votos e comentários. Agradeço especialmente ao amigo escritor português Gonçalo Coelho, que para minha surpresa leu este livro e me ajudou na revisão embrenhando-se tanto na história, que me fez voltar a gostar deste romance, que já tinha colocado de lado há algum tempo pela dificuldade que tive em escrevê-lo.



SONHOS ADIADOS



ROMANCE

## SONHOS ADIADOS

Este romance é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência.

*“O mundo já caiu, só me resta dançar sobre os destroços.”*

*Clarice Lispector*

## Capítulo 1

- Então ma petit, é hoje que saís comigo? Aline? Vá lá! – implorava o homem. - Quanto tempo mais vou ter que provar que te adoro? – e pegou-lhe pelo braço quando ela passava acariciando-o levemente.

Aline riu-se. Michel Dubois, era um dos mais prestigiados advogados da cidade e um dos clientes assíduos do bar do hotel, mas também um depravado, segredo que mantinha entre as paredes do seu apartamento. Divorciou-se recentemente e corria o boato que morava sozinho num duplex de luxo no centro. Era um homem charmoso, elegante e tinha um filha de mulheres atrás dele desde sempre. Constava que a musher não aguentou tanta concorrência.

- És velho demais para mim. – soprou-lhe de forma coquete quando passava na sua frente com uma bandeja carregada de bebidas.

Michel deu uma gargalhada com voz grave e sonora. Adorava a vivacidade da rapariga. Espontânea. Linda e escultural. Não era demasiado alta. Gostava das raparigas pequenas. Não falhava um unico dia. Desde que a conheceu, que, todos os dias depois do expediente do consultório e do tribunal passava pelo bar só para a ver.

Atrás do balcão a preparar novos pedidos distraiu-se um pouco a pensar porque é que o achava tão interessante. Já passara dos quarenta há muito, mas continuava a ser muito charmoso. O cabelo claro e uma pose de deus grego davam-lhe o direito de ter sempre uma companhia feminina pendurada o que não a deixava muito descansada. Fazia meses que a tentava com promessas de jantares, saídas e idas ao teatro, mas havia qualquer coisa nele que a assustava, tanto quanto a fascinava.

- Vá lá Aline! Prometo que não te mordo! – gracejou. – Só uma bebida fora daqui, num ambiente mais sossegado e depois levo-te a casa.

- Tenho o meu próprio carro. – gracejou passando lesta por entre as mesas.

Agarrou-lhe a mão livre quando passava e com aquele olhar de diabo pediu-lhe: - Dez minutos do teu tempo?

Sabia fazer cara de sofrimento e não tinha pejo em mentir descaradamente. Era advogado e sabia bem como fazê-lo. Aline sabia em quantos minutos se transformariam os dez que ele pedira. Tinha noção do que ele queria: sexo. Mas isso já não lhe chegava. Queria alguém em quem pudesse encostar a cabeça e

contar os seus problemas, mas, até à idade de vinte e seis anos, fora precisamente o contrário: foi sempre ela a dar o ombro e a escutar os problemas dos outros. Agora, queria alguém que a completasse e quem sabe se ele não seria a pessoa certa.

- Vou pensar no teu caso. – riu-se de novo, puxando a mão e deslizando para trás do balcão do bar.

Uma bebida não fazia mal. Não podia beber enquanto trabalhava e aquele encontro servia para descontraír de uma noite de muito trabalho. Queria convencer-se que ele era um homem diferente daqueles que conhecia.

- O homem é atraente como o diabo! Parece o Brad Pitt e está fascinado por ti. – disse a colega ao lado enquanto agitava um cocktail no *shaker*.

- Oh Francine. É muita areia para mim...achas que ele se vai interessar por uma empregada como eu?

- Não sejas tola. Dizem por aí se separou há pouco. Deve estar carente.

São esses os mais fáceis de apanhar.

- Talvez, amiga. Mas não é bem o que estou à procura, e não quero apanhar ninguém dessa forma e, depois de Étienne, quero alguém que me ame.

Se bem que...- riu-se sem terminar o raciocínio.

Queria dizer e não teve coragem que, se ele a amasse seria capaz de se entregar a um homem como ele.

Ao fim de alguns minutos deixou de o ver e respirou de alívio. A noite estava a acabar e estava desejando deitar-se, doíam-lhe os pés. A perspectiva de enfrentar Rose, a mãe, não a deixava animada, mas hoje não tinha alternative, ia para casa.

Passada meia hora o bar estava vazio e a limpeza do balcão estava pronta.

- Francine, vou sair. Vens?

- Não...estou à espera do Richard. Vai-me levar a casa.

- Ah bom! Então até amanhã.

Pegou na bolsa e no casaco comprido e saiu para a noite fria.

A brisa marinha a florou-lhe os cabelos soltos, deixando-os ligeiramente no ar. Aconchegou o casaco e dirigiu-se ao carro parado no parque de estacionamento. Deviam ser umas duas horas da madrugada e a rua estava deserta. O barulho dos saltos altos das botas era o único som audível à volta.

Avistou a matrícula do Peugeot 206 branco e revolveu a mala em busca da chave. Raro era o dia em que a encontrava à primeira tentativa.

Uma sensação de que estaria a ser observada invadiu-a de repente como se tivesse um par de olhos cravados nas costas. Finalmente encontrou a chave.

A uns três metros do carro premiu o comando automático e um silvo acompanhado de piscar de luzes indicou que o carro estava destrancado.

Mas...que raio...o que é que ele estava ali a fazer?

Michel estava dentro do carro dele, mesmo ao lado de seu modesto Peugeot.

- Estou à espera da tal bebida.- disse assim que ela se aproximou da porta do carro.

- Vai ter que ficar para outro dia. Já passa da hora. Os bares estão fechados.

- Oh minha querida. Tenho um em casa digna da rainha do Sabá. Anda lá.

– e empurrou-a pelo cotovelo para o luxuoso Audi A6, azul escuro estacionado ao lado do dela.

- Está bem. – e retirou o braço com rapidez. – Mas vou no meu carro. Eu sigo-te.

Não ia correr o risco de ter que ficar à merce da boleia dele.

- Segue-me então. São cinco minutos até lá.

No trajecto muita coisa lhe passou pela mente: fazer inversão de marcha e rumar direito a casa, acelerar e desaparecer sem que ele a visse, enfim...um chorrilho de palermices que se destinavam a remediar a estupidez de ter concordado em acompanhá-lo. Ao pensar em fugir estava apenas a tentar mentir a si própria. Sabia como aquela bebida ia acabar. Os homens só a viam para isso e, ao concordar em ir à casa dele, estava a pôr-se a jeito para ir para a cama com ele.

Seguia a poucos metros do carro dele quando o viu entrar no parque privativo de um condomínio privado. Estacionou ao lado e abriu a janela. O

advogado saiu do carro e aproximou-se dela.

- Vem. A entrada é ali. – e apontou para a luxuosa entrada com portas de vidro e um porteiro em permanência a controlar as entradas e saídas.

Michel passou-lhe o braço pelos ombros apertando-a. Sentiu-se desconfortável ao contrário do que esperava.

O apartamento com sala ampla de lareira e zona de lazer e refeições em open space numa decoração em tons de preto, minimalista, era cem por cento masculino.

Apontou-lhe o sofá para que se sentasse e disse: - Que queres beber?

- O mesmo que tu por favor.

Tentou sentir-se à vontade mas o ambiente era pesado. Talvez fosse da cor. Ele dirigiu-se ao bar e, de costas preparou duas bebidas. Entregou-lhe um copo com whisky, coca-cola e gelo e sentou-se a seu lado. Com o comando accionou o som. November Rain, soou na voz de Axel Rose, o vocalista - Conheces? – perguntou.

- Já ouvi algures, penso que o meu pai costumava ouvir... não te estou a chamar velho, desculpa. – disse desajeitada.

- Vem cá. – e estendeu-lhe a mão. – Dança comigo.

Puxou-a até si e encostou-se a ela sem ser demasiado intrusivo.

Cheirava a uma mistura de perfume caro e tabaco. Michel abraçou-a e Aline deixou. Soube-lhe tão bem aquele abraço apesar de parecer ter um diabinho ao ouvido a dizer-lhe que não confiasse no homem.

Em alguns segundos estava no quarto dele, despida, e com as mãos e os pés atados às grades da cama. O que se seguiu nem no seu maior pesadelo julgou ser possível. Um monstro surgiu por detrás do homem gentil e bem vestido. Não conseguia reagir e, por mais que tentasse o corpo pesava toneladas. Teve sempre a sensação que tudo estava a acontecer com outra pessoa.

Passadas duas horas ainda sentia o corpo a flutuar. Ele soltou-a e, massajando-lhe os pulsos doridos pelo aperto dos lenços de seda, disse: - Vou fazer de ti uma rainha. Como tu és bela. Estás a ver. O tio Michel tem uns comprimidos mágicos que te tiram o medo. É bom não é? – perguntou.

Zonza e sem crítica sobre o que aconteceu concordou.

- Agora vou deitar-me e tu daqui a pouco, quando estiveres menos zonza podes ir embora. Até amanhã.

E desapareceu no quarto sem se importar com ela, fechando a porta atrás dele.

Aline sentia a cabeça à roda e com alguma dificuldade caminhou até à torneira do lava loiças, meteu a boca debaixo do jacto de água e deixou o líquido escorrer-lhe pela garganta e, em simultâneo lavou a cara na tentativa de ficar mais desperta.

Sentou-se numa cadeira junto à bancada e pousou a cabeça em cima da madeira. Uma onda de raiva e arrependimento invadiu-a. Michel não passava de um traste prevertido igual a tantos outros que conheceu e, nem sequer tentava disfarçar. Depois de saciado deixou-a ali, sozinha e entregue a si própria ainda com resquícios de droga no corpo.

Perdeu a noção do tempo. A claridade anunciava a alvorada através das largas janelas do apartamento. Levantou-se e dirigiu-se ao quarto dele cheia de raiva. Rodou a maçaneta devagar, com o máximo de silêncio que conseguiu e avançou até meio da divisão na penumbra. Michel estava nu em cima da cama, completamente desprotegido. Aline olhou em volta e os seus olhos pousaram numa jarra de cristal vazia, único ornamento em cima da cómoda. Pegou nela com as duas mãos e, aproximou-se da cama. Sem pensar bateu-lhe com ela na cabeça, ouviu um baque e o homem acordou meio estremunhado, tentando soerguer-se, para de seguida tombar de novo em cima da cama. Não esperou para ver o que acontecia. Calçou as botas, pegou na bolsa e saiu apressada para o corredor.

Desceu no elevador e chegou ao carro com dificuldade. Abriu a porta e atirou-se para dentro do carro. Tinha que sair dali com rapidez. Talvez o tivesse morto. O baque do vidro a bater-lhe na cabeça parecia que lha rachara ao meio. Zonza e em pânico pela possibilidade de ter morto Michel, sentiu a cabeça a rodar e entrou por um túnel escuro e comprido.

Acordou com o sol a bater-lhe na face. As pessoas circulavam pelo parque indiferentes à sua tragédia. Carros chegavam e partiam. O movimento indicava que deviam ser mais de nove horas. Olhou para o relógio do carro.

Dez horas da manhã. A boca seca sabia-lhe a qualquer substância que não conseguia indentificar e a cabeça pesava toneladas. Aos poucos as recordações da madrugada surgiram na sua mente, e a lembrança da pancada que lhe dera na cabeça também.

Uma ligeira pancada no vidro do carro, despertou-a do entorpecimento.

Abriu os olhos e viu uma camisa azul com divisas. Um gendarme estava do lado de fora.

Merda! Conhecia-o. Costumava ir ao bar do hotel.

- A menina está bem?

Abriu o vidro lentamente e disse: - Estou sim. Devo ter adormecido. – desculpou-se. - Obrigado senhor policia.

Ligou o carro e ainda zozza acelerou encadeando as mudanças, rumo a casa. Tinha que desaparecer dali rapidamente. Talvez tivesse assassinado o homem. Ia ser presa. Presa por assassinio e prostituição, sim, porque se ele não estivesse morto ia acusá-la de prostituição. Meteu-se com o diabo sem saber. Não lhe restava alternativa senão desaparecer para longe.

## Capítulo 1

Lá fora devia estar frio a avaliar pelo aspecto dos trauseuntes e, de forma inconciente aconchegou o casaco de penas ao peito. Pessoas trajando fatos de ski saiam do comboio com destino ao teleférico. A azáfama da gare de Oloron Sainte Marie desviou-lhe a atenção por momentos do propósito de estar ali com dois sacos e algum dinheiro no bolso mas, a quinhentos quilómetros de casa. Colocou a mochila às costas, traçou o saco de desporto ao tiracolo e pegou no papel onde tinha escrito a direcção do restaurante. Não devia ser longe, a vila medieval era pequena e as distâncias menores do que em cidades grandes. Monsier Garcia dissera-lhe para telefonar quando chegasse, alguém da família a iria buscar à estação. Lamentava agora ter-se desfeito do telemóvel, mas era melhor assim. Não a encontrariam facilmente sem o telemóvel. Passou a noite anterior em Toulouse e passou parte da noite a ver telejornais e em sobressalto com receio de ouvir a noticia da morte de Michel.

Felizmente, para seu sossego, não apareceu nada e, nem nas estações de televisão mais viradas para o crime, surgiu qualquer noticia. Talvez o homem estivesse vivo, mas com uma forte dor de cabeça.

Dirigiu-se ao táxi na frente da fila, entrou e deu a direcção ao motorista.

O homem mostrou um sorriso largo e fez uma exclamação de agrado. Pelos vistos Garcia era conhecido.

- Aqui está menina. O Bistrot do senhor Garcia.

Pagou o táxi e saiu carregando com esforço, os pesados sacos contendo quase tudo o que possuía desde roupa a calçado.

Uma esplanada deserta composta por cadeiras e mesas de alumínio antecedia a entrada no café, vazia pelo frio intenso que se fazia sentir na rua.

Janeiro apresentava-se como sempre, com uma manto de neve na montanha e temperaturas negativas. Ao entrar sentiu o calor acolhedor do aquecimento central. Retirou o boné de lã cor de rosa que lhe aconchegava o cabelo e pousou os sacos no chão. Olhou em volta em busca de alguém que a pudesse receber. Dois velhotes, sentados a uma mesa jogavam xadrez em silêncio.

Quando a viram saudaram-na com um aceno de cabeça e «bom dia» e um deles chamou alto: - Antoine! Tens aqui uma cliente. – e mergulhou de novo a concentração no jogo.

O café estava bem protegido com aquela dupla, pensou. Percebeu o quando a vila era pequena. A confiança entre as pessoas era suficiente para o café ficar entregue à vigilância de vizinhos.

Aline agradeceu terem chamado Garcia e ficou à espera. O espaço parecia estar dividido em zona de café e de restaurante. A separá-los uma divisão de madeira artisticamente entrelaçada mas com visibilidade para ambos os lados através dos quadrinhos feitos pelas ripas finas. À esquerda uma porta de vaivém tinha a inscrição «cozinha» por cima. Não tardou um segundo, abriu-se para deixar passar um homem de estatura média, careca, aparentando estar na meia-idade e que trazia um sorriso caloroso nos lábios.

Um avental branco e um chapéu de chef denunciava quem era. Dirigiu-se a ela e estendeu-lhe a mão para a cumprimentar.

- Bem-vinda Aline. Presumo que seja...- dizia com uma voz calma e forte enquanto lhe apertou a mão com vigor.

- Oh sim, sou a Aline. O senhor é Antoine?

- Sou sim! – disse esfuziante. – Vai ser bom ter alguém a ajudar-me. – disse enquanto lhe indicava que se sentasse.

Aline recusou, sabia-lhe bem esticar as pernas depois de algumas horas sentada no comboio.

- Venha conhecer a minha esposa e a minha filha. – e indicou-lhe que entrasse na cozinha.

- Papá! Guarde os sacos da menina. – disse para um dos velhotes.

Na bancada uma jovem perto da idade de Aline, arranjava cenouras e batatas e colocava-os em tinas de alumínio com água.

A jovem sorriu-lhe e limpou as mãos a uma toalha de papel para a poder cumprimentar.

- Nicole, a minha filha, trabalha connosco. – Garcia apresentou-a. – E

esta jovem é a Aline, que vem trabalhar connosco.

- Olá Nicole. – ia a entender-lhe a mão, mas a jovem aproximou-se e deu-lhe um par de beijos à moda francesa.

- Espero que gostes de trabalhar connosco. – disse Nicole. – Acho que nos vamos dar bem, pelo menos vou ter alguém da minha idade para falar. – disse com ar zombeteiro para o pai, que se riu.

- E aqui está a nossa auxiliar de cozinha, Amélie...

- Acumulo funções Aline, se é que me entende. – disse a rir a esposa de Garcia. – Muito prazer, espero que se dê bem connosco. Gostamos de acolher bem todas as pessoas. A Nicole vai-lhe mostrar onde vai ficar e mostra-lhe a vila.

- Está bem mãe. Vamos Aline? Pai, dá-me as chaves da carrinha.

Antoine meteu a mão ao bolso e tirou a chave.

- Arranjámos-lhe um quarto na casa de uma senhora viúva, boa senhora.

Aluga os quartos para evitar a solidão. – esclareceu Antoine.

- Nicole, voltem para almoçar e para eu explicar qual vai ser o trabalho de Aline.

- Fica descansado pai. Não vamos fugir. – brincou.

Aline ficou encantada com a forma descontraída com que os três interagiam. Eram uma família a sério. A tristeza passou-lhe rapidamente pela mente e a inveja também. Nunca conhecera nada parecido com a cena simples e calorosa que acabara de testemunhar.

Quando as duas jovens saíram para a rua carregando os sacos de Aline, Amélie e Antoine olharam um para o outro com preocupação.

- Só espero que não venhamos a ter problemas. Não sabemos nada dela.

Tu e a tua mania de ajudares desconhecidos. Gostei do ar dela...mas...

- Ora mulher, tu e as tuas desconfianças. A rapariga implorou-me que lhe desse o lugar apesar de ser só meio tempo, disse que precisava de se afastar de casa. Olha...ela é maior de idade. Se cumprir o que pretendo dela, não quero saber demais nada.

- Tens razão marido. Fazes-me sempre descer à terra. Coitada. É tão bonita, mas tem um ar infeliz, parece que carrega o mundo nas costas.

Reparaste que esteve muito calada? – disse Amélie.

- Logo mais a nossa filha vai trazer novidades, Nicole é boa a arrancar informação das pessoas. – retorquiu Antoine.

Ao passarem a ponte de pedra, medieval, Nicole afrouxou a marcha e disse: - Aqui tudo é perto. A vila é pequena. A casa é depois da ponte. Madame Marie espera-nos.

Nicole estacionou a carrinha. Reparou que Aline fez o percurso calada, parecia admirar a paisagem e por isso não insistiu na conversa. Mas agora estavam paradas, e mais tarde iam trabalhar juntos. Era conveniente que o clima entre as duas fosse bom. Ia arriscar a perguntar.

- Estás bem? Há alguma coisa que te incomode? Se precisares de alguma coisa...

- Desculpa Nicole. Hoje não estou grande conversadora. Está tudo bem. A vila é muito bonita. Acho que vou ser feliz aqui. – disse.

Preocupava-a não saber o que tinha acontecido a Michel. Só esperava que ele tivesse acordado do desmaio e estivesse bem. Ainda não sabia o que lhe tinha dado na altura, mas ficou cega pela raiva. Nenhum homem a tratara com tão pouca consideração.

Nicole percebeu o olhar triste. Por mais que tentasse ser simpática, havia uma centelha de incómodo que não conseguia disfarçar. Se não a tivesse conhecido há pouco mais de meia hora, não desistia enquanto não soubesse a sua história toda. Quase que apostava que fugia de alguém.

- Também acho, somos muito hospitaleiros. Quando precisares de alguma coisa podes contar comigo.- disse Nicole.

- Obrigado Nicole. Do coração. – e fechou as mãos em concha levando-as ao peito.

- Vamos então.

Saíram da carrinha e Nicole encaminhou-se para um prédio antigo com dois andares e águas furtadas, com um estilo bem romântico. Janelas com persianas de madeira pintadas de azul água, e cortinas de renda tapam a vista do interior aos curiosos. Uma casa típica da Aquitânia. Nicole tocou à campainha e uma senhora pequena, com cabelo grisalho muito bem penteado num coque no alto da cabeça abriu a porta. Fez um sorriso quando viu a jovem e cumprimentou-a com um abraço. Os olhos da mulher incidiram em Aline e afrouxou o abraço com Nicole.

- Ah, deves ser a Aline. Vamos entrando. Nicole, traz os sacos para o quarto azul.

- Oh Aline! A Marie vai tratar-te como uma princesa. O quarto azul é especial. É o mais bonito da casa.

Era mesmo. Situado nas águas furtadas, disponibiliza uma vista magnífica para a montanha e para o rio. O quarto virado a sul tem na base o rio e no horizonte a montanha coberta de neve.

- É o quarto maior da casa. Era do meu filho. Como raramente me visitam, decidi alugá-lo.

Sentiu um arrepio. O que é que ela teria feito ao filho para que este se afastasse? O pensamento doloroso impedia-a de não fazer juízos de valor à luz da sua experiência.

Parecendo adivinhar os pensamentos dela, Maria deu a resposta que ela esperava ouvir.

- Vou eu visitá-los mais vezes. O meu filho vive no norte.

Fez um sorriso de alívio.

- O quarto é bem bonito Marie. Obrigado.
- Não me agradeça minha filha. Eu é que lhe agradeço pela companhia.
- Pronto, não agradeçam mais uma à outra. Daqui a pouco choram.-

brincou Nicole.

Detestava lamechices, era muito pragmática.

- Vem ver a vista da janela. – chamou Aline. – Já imaginaste a delícia de um nevão, num domingo, sentada nesta cadeira de baloiço com um bom romance na mão?

- É verdade. Vou querer experimentar essa sugestão.

- Ótimo. Já passamos pelo centro comercial. Vamos à *Fnac* comprar os últimos romances. – disse alegremente.

- Tenho cá para mim, que vão ser ótimas amigas, meninas.- observou Marie. – Gosto de vê-las juntos. A timidez de Aline e a exuberância de Nicole. As duas lindas.

- Sempre tão gentil Marie. – e Nicole abraçou a senhora. – Bom, agora vamos visitar os pontos principais da cidade. Temos duas horas.

Ao fechar a porta do quarto do qual Marie lhe deu a chave, caso quisesse ter privacidade, parecia-lhe estar a viver um sonho. Comparado com o quarto em casa da mãe, aquele parecia um salão de rainha. O seu era pequeno, despido de adornos e contendo apenas cama e um roupeiro de madeira velha.

Ali, tinha um quarto com mais de quarenta metros quadrados, pintado a azul céu muito clarinho, de soalho de madeira envernizado e muito brilhante, e duas janelas com acesso a duas pequenas varandas exteriores com uma vista soberba; uma cama de dossel em madeira antiga, roupeiro e toucador.

Reposteiros em tons florais azuis e tapetes fofos também azuis completavam a decoração. Um excesso de azul. Via-se bem que fora um quarto masculino, mas ainda assim, agradável. Passaram as duas horas seguintes a tagarelarem sobre trivialidades e Nicole mostrou-lhe os pontos principais da cidade, o percurso do rio, a catedral, a praça e outros pontos que teria que lá voltar para os fixar.

A visita à *Fnac* foi inevitável e Aline trouxe dois romances de autoras inglesas que desconhecia, mas que Nicole dizia serem geniais. Há tanto tempo que não lia.

- Nicole, porque é que os teus pais me contrataram? Precisam assim tanto de outra pessoa?

- Oh sim. A vila é muito visitada por turistas em todas as estações. Agora temos o ski e na primavera começam a aparecer os turistas estrangeiros. Já vais ver logo a quantidade de pessoas que temos para jantar.

Nicole consultou o relógio e disse: - Vamos. Temos que almoçar antes de servirmos as refeições. Daqui

por uma hora, o restaurante está cheio. Não te preocupes que vais ter muito trabalho, sobretudo aos jantares.

O nervosismo inicial desapareceu. Foi acolhida pela família Garcia e por madame Marie de forma calorosa e foi o suficiente para se acalmar um pouco mais. Começou a pensar que não devia ter causado grande dano a Michel para além de um galo na cabeça e esse pensamento também serviu para descontraí-la.

O trabalho também não a preocupava, era semelhante ao que fizera desde sempre: servir à mesa.

Descobriu durante a tarde que Nicole e ela eram da mesma idade, que só ia trabalhar a tempo parcial no restaurante - a partir das dezoito horas até às vinte e duas - e que ia ter que arranjar outro emprego para conseguir sobreviver. O salário que lhe iam pagar era à conta para as despesas com o quarto e comida. Não se queixava, sabia as condições quando aceitou. Quando implorou que lhe dessem o part-time, foi mais pelo isolamento da região e, pela distância de casa que queria manter a todo o custo. Dificilmente a iriam descobrir ali.

Aline e Nicole estavam a postos para começar a receber os primeiros clientes. Assim que entraram as primeiras pessoas, Nicole elucidou-a sobre quem eram dividindo-os em duas categorias: turistas e locais.

O restaurante estava quase cheio e era o princípio da azafama que iria seguir-se todos os dias.

A campainha tocou e, surgiu da cozinha um prato apetitoso pronto a ser servido a um cliente. Antoine era um excelente chef pelo que Aline observou de tarde. Não admirava que o restaurante estivesse quase cheio depois de meia hora de estar aberto.

As duas mal falavam com a pressa de servirem os clientes.

- Estas a sair-te muito bem! Parece que já fazes isto há muito tempo.-

disse Nicole.

- E faço. – respondeu enquanto pegava a travessa para a mesa cinco.

- Depois contas melhor. Temos tempo de pôr a conversa em dia.

Gostou de Nicole assim que a conheceu. Simples, directa, e sem afectações.

Um casal de nariz empinado, com ar aristocrático entrou. Olharam em redor, como se estivessem à espera de serem recebidos com pompa e circunstância e bateram os olhos nas duas empregadas, à espera de serem atendidos com rapidez.

- Eu vou lá. São os snobes dos Duchamps. Têm a mania que são da nobreza. – disse baixinho enquanto pegava numa ementa. – Observa e se alguma vez os atenderes já sabes. Cliente tem que ser satisfeito e, especialmente estes.

Ouviu Nicole cumprimentá-los por *madame* e *monsieur* e dizer que a mesa deles estava reservada. Sentou-os a uma janela, deixou a ementa e foi pendurar o casaco de pele de imitação, no bengaleiro ao fundo da sala. Tão aristocráticos porque não vão a um restaurante fino? Já tinha percebido que afinal as pessoas iam ali pela qualidade da comida. Não sendo um restaurante luxuoso, a decoração simples, sóbria e agradável tornava-se acolhedora. As paredes estavam rebocadas de forma tosca, pintadas de amarelo quase branco e faziam contraste com as mesas e cadeiras de madeira sólida. Nas paredes alguns quadros a óleo, de artistas da cidade fazia com que funcionasse como galeria, uma ideia que Aline achou interessante.

- Ainda não chegou o nosso cliente mais esperado. – disse com ar de mistério.

Sem entender nada, Nicole fez um ar de interrogação.

- Sim, o solteirão mais cobiçado da região. Thierry Morin. E por falar nele...

Nicole virou-se na direcção do olhar dela. Um homem jovem mas que já passara dos trinta há algum tempo estava parado a cumprimentar alguns clientes do café. O aspecto dele dava a impressão de ter saído de um filme de cowboys moderno. Vestia calças de ganga, botas de cabedal, camisa de flanela vermelha e um casaco de pele castanha com gola de pele de ovelha. Despiu o casaco, colocou-o no braço e subiu em direcção ao restaurante.

- Vai lá. – empurrou-a. – Aproveita a vista. É um borracho.

Aline admitiu para si que sim, mas manteve-se em silêncio. Cabelo castanho-escuro, olhos verdes e uns lábios cheios com um sorriso maroto. O

tipo de homem que a atraía, mas agora era tarde demais, decidiu ficar fora do mercado há dois dias. Os homens iam deixar de fazer parte da sua vida definitivamente. O seu karma com os homens não era bom nesta vida, por isso desistia.

- Oh, lá vai ele cumprimentar os sogrinhos.

Sem entender nada Aline seguia os movimentos do homem.

- Então é casado? Não entendo? – manifestou confusão.

- Não chegou a ser, felizmente. Mas o pior é que entrou em celibato. Faz mais de seis anos que ninguém lhe conhece namorada. – respondeu Nicole.

Aline não quis ouvir mais nada. Com tantos predicados, já o estava a achar maravilhoso e os homens eram todos uns ogres. Nem pensar. O sino de alerta soou e desta vez ia respeitá-lo. Nem queria olhar para o vaqueiro urbano.

Nicole meteu-lhe a ementa na mão e empurrou-a em direcção a Thierry Morin. Já desistira dele há muito. Houve um tempo em que só faltou declarar-se de forma aberta, mas ele nunca notou o seu interesse, ou fingiu que não percebia. Não era rapariga para se humilhar e gostava muito de si, para correr atrás de um homem que nem a via.

Timidamente Aline aproximou-se e perguntou: - Boa noite. Tem preferência de mesa?

- Boa noite. Não. Conheço-a? – perguntou olhando-a com muita curiosidade.
- Sou a nova empregada. Esta aqui está bem para si? Espera alguém?
- Não, vou jantar sozinho. Não quer acompanhar-me? – perguntou com um sorriso.
- Obrigado, estou a trabalhar Já escolheu o prato ou quer que volte daqui a uns minutos.
- Não, já escolhi. Hoje é dia de assado de cabrito. Está escolhido.
- Para beber?
- Um jarro pequeno de vinho da casa. Pergunte à sua colega. Como disse que se chamava?
- Não disse. Até já.

Afastou-se com um sorriso nos lábios que não passou despercebido a Nicole e que o deixou muito intrigado.

- Então, o senhor solteiro atirou-se a ti? Isso é inédito! Thierry nunca namoriscou ninguém depois de Sylvie. Estou a estranhar. Na verdade, olhando bem para ti, és uma beleza amiga. O homem tem bom gosto.

- Olha, deixa-te de coisas dessas. Os homens para mim morreram. Qual é o vinho que ele quer? Disse que tu sabes.

Com o sobrolho franzido, tirou o jarro do aparador, encheu-o directamente da pipa colocada em cima do tripé e estendeu-lho.

- Toma, vai lá. Depois tens que me explicar essas mortes!

Riram as duas com contenção. Há tanto tempo que não ria. Sentiu o rosto iluminado.

- Aqui está o seu vinho senhor...

- Thierry. Thierry Morin. – e estendeu-lhe a mão apertando-a com firmeza.

Na realidade foi mais parecido com um afago. Mão áspera mas doce.

- Aline Gauthier. – respondeu.

Não percebeu o tempo passar, talvez por estar ocupada e longe de tudo o que a incomodava nos últimos anos, sentia-se leve e descontraída. O

restaurante enchia mais do que o habitual e a família Garcia atribuía esse facto à presença bonita e elegante de Aline, uma novidade impossível de passar despercebido numa vila pequena. À sua volta formou-se um grupo de jovens que passaram a frequentar o café todas as noites. Mesmo que intentasse na decisão que trazia consigo quando se mudou, de não se relacionar com ninguém, não conseguia. Nicole e o seu grupo não a deixavam sozinha. Depois do trabalho ficavam a jogar setas ou cartas até tarde para descontrair. Nicole tinha um grupo de amigos simpáticos e prestáveis. Durante o dia trabalhavam nas pistas de sky como instrutores, mas não falhavam o café no Bistrot do Garcia depois do jantar para descontrair e contar algumas piadas sobre as pessoas que durante o dia ensinavam a esquiar, muitas delas, oriundas da Rússia – para surpresa de todos – e com mais de sessenta anos.

Servir à mesa não era o seu sonho de emprego, mas era realista, tinha que se sustentar e por ora servia. Hoje era mais um dia em que o restaurante estava cheio.

- Que achas de sairmos logo? Dançar? – perguntou Nicole enquanto passava com uma travessa bem decorada com legumes e carne assada.

- Dançar? Onde?- perguntou Aline.

- Já falamos...deixa-me terminar as mesas.

A clientela do restaurante era tanta que já passara mais de meia hora e a ainda não tinham conversado. Aline ficou a pensar na dança. Fazia tempo que não calçava os sapatos de dança.

- Olha quem entrou. – disse Nicole ao passar por ela.

Fosse quem fosse, não conseguia ver. Ainda pensou que fosse um dos rapazes, talvez Pierre, que há alguns dias não descolava dela, mas não viu o fato verde e preto dos instrutores da estância e continuou a recolher louça e servir pratos. Pierre estava apostado em fazê-la rir com as histórias das senhoras russas idosas que ensinava a esquiar. As peripécias eram tão mirabolantes que Aline duvidava que fossem totalmente verdade.

Aline sempre ouviu dizer que quando se tinha uns olhos cravados nas costas, invariavelmente a pessoa se voltava nessa direcção. Sentiu-se observada, mas não quis dar crédito a uma sensação parva, explicada pelo senso comum. Querem lá ver que agora se tornara paranóide? Sentia qualquer coisa a incomodá-la vindo das costas.

- Há pelo menos dez minutos que está encostado ao balcão a observar-te.-

soprou-lhe Nicole ao passar por ela com uma travessa recheada de carne e legumes na mão.

- O quê? Hoje só falas por enigmas. – disse para Nicole e saiu em toda a velocidade por entre as mesas tentando dar conta de todos os pedidos dos clientes. As duas raparigas eram de facto muito lestras a servir à mesa mas o trabalho na hora do almoço dava para mais duas. Era inverno e a estância estava cheia de esquiadores que faziam uma pausa e vinham almoçar à vila.

- Já escolheram? – perguntou ao casal onde há pouco tinha deixado a ementa.

Aline pegou no bloco de anotações e o seu olhar vagueou por instantes até ao balcão do café. O barulho das pessoas a falar animadamente tinha um ruído de fundo que a distraía dos pormenores. Encontrou um par de olhos azuis serenos e duros, a observarem-na. Percebeu o que Nicole lhe quis dizer há pouco. Tinha qualquer coisa de perturbador. Parecia uma dor profunda, invisível, mas havia uma centelha no seu olhar que parecia raiva. Não ia pensar mais no assunto. Fosse o que fosse não lhe interessava. Não viera para longe para arranjar namorado. Queria paz e distância de homens.

Anotou o pedido do casal e passou-o para a cozinha. Nicole esperava que o pai lhe passasse um prato e estava a aproveitar uns segundos de pausa.

- Já percebi. Estavas a falar do vaqueiro?

A rapariga deu uma gargalhada contida – tendo o cuidado de se virar de costas para o público – e disse: - Nunca pensaria em chamar-lhe tal coisa. Mas é um vaqueiro bem engraçado, não achas?

- Sim, mas tem um olhar duro. Faz-me lembrar... - e não concluiu a frase.

Nicole já se habituara aos silêncios dela. Nestas duas semanas aprendeu que tinha que dar espaço a Aline e não a forçar a falar sobre si. Aos poucos haveria de confiar nas pessoas. Nicole estava preocupada, os rapazes do grupo estavam em competição por ela e tinha receio que as amizades terminassem. De uma coisa estava certa: Aline não estava interessada em nenhum e isso já evitava problemas. Mantinha-se alegre e cordial no tracto com todos, mas não deixava nenhum avançar mais do que a barreira que ela deveria ter estabelecida no seu interior. Até hoje as apostas entre eles de quem a acompanharia a casa nunca tiveram qualquer efeito. Aline regressava a casa sozinha, todas as noites nas últimas duas semanas.

Aos poucos a sala foi esvaziando e quando se atreveu a olhar de novo para o balcão já não o encontrou. Já se tornara um ritual a presença de Thierry nas horas das refeições. Embora fosse cliente habitual da casa, a sua presença passou a ser mais intensa: três vezes ao dia lá estava ele, ora para jantar, ora para beber café.

- Ufa! Finalmente acabámos. Vou pôr a placa de encerrado na porta.

Num segundo Nicole estava de volta.

- Então, já pensaste? Vamos sair à noite?

- Para ser sincera, não estou com vontade de sair...ficas chateada se eu não for?

- Ora Aline, claro que não. Mas...não gostas de te divertir?

- Gosto...mas estou saturada de saídas à noite. Prefiro um bom livro por companhia.

- As nossas saídas são diferentes, vais gostar. É o pessoal das danças de salão que se costuma reunir aos sábados à noite no Havana em Pau. Vem lá?

Uma campainha tiniu-lhe no ouvido. Danças de salão! Nem imaginava que pudessem existir por estes

lados.

- Tu danças?

- Não, mas adoro ver. A Lorena e o Michel dançam. Formam um par e vão a competições. O Thierry também dança.

Não quis dar demasiada importância ao assunto, mas ficou bastante curiosa. O vaqueiro dançava.

- Está bem. Convenceste-me. Mas porquê tão longe de casa?

- Porque é o único clube que passa danças latinas. É um espectáculo prazeroso. As pessoas reservam mesas com antecedência só para apreciar de graça as exposições das escolas. Sim...vêm bailarinos de outras escolas e fazem competições amigáveis...

Um sorriso surgiu-lhe na face e a amiga ficou intrigada.

- É impressão minha ou estás entusiasmada com a ideia?

- Bem...estou muito curiosa. Pensando melhor...sim. Vou com vocês.

- Que bom miúda! Fico feliz que vás connosco. Já combinamos os pormenores. Vamos acabar de limpar a sala e pôr as mesas para o almoço de amanhã.

Passaram duas semanas e finalmente conseguia ficar mais calma em relação à possibilidade de se ter tornado uma assassina. Não surgiu qualquer notícia nos jornais, nem na televisão e os gendarmes não a procuraram, sinal de que o homem estava vivo.

- Aline! – gritou Marie lá de baixo das escadas. – Despacha-te! Está aqui a Nicole e os rapazes.

Uma última olhadela ao espelho e considerou-se pronta. Blusa preta com fios prateados e calças de cetim brancas. Por cima um bom casaco de penas. O

frio de Janeiro era intenso e a última coisa que lhe convinha era ficar doente.

Estava sozinha no mundo e não podia contar com ninguém. Desceu as escadas com a ligeireza dos seus vinte e seis anos e em segundos estava na entrada da casa. Aline esperava-a.

- O que levas aí na mão? Sandálias de Verão? Não! Não acredito! – disse levando a mão à boca em sinal de espanto.

- Acredita.

- Já percebi. Por isso te decidiste a vir connosco. És cá uma caixinha de surpresas.

- Vamos. Até logo Marie. – e deu um beijo na face da senhora. Habitou-se a cumprimentá-la dessa forma desde que foi morar na sua casa.

- Não bebam em excesso. Quem conduz?

- Hoje é a Lorena que não põe uma gota de álcool na boca. Fazemos à vez. Mas fica descansada Marie. Ninguém do grupo bebe em excesso. Vamos divertir-nos apenas.

Um carro estava parado à espera delas.

- Vamos com a Lorena e o Michel. O Martin e o Jean já foram.

Meia hora depois estacionaram no parque da discoteca. O néon no cimo do edifício de betão cinzento, era a única indicação da natureza do estabelecimento.

- Vais ficar surpreendida com o interior. É muito agradável. Boa noite Pierre. – cumprimentou o porteiro.

- Olá Nicole. Hoje trazes uma amiga nova?

- É a Aline. Trabalha connosco no restaurante.

O rapaz cumprimentou-a com um aperto de mão e dirigiu-se ao grupo.

- A vossa mesa está reservada. Até logo mais. – disse o porteiro.

Cedeu passagem ao grupo abrindo a porta.

Até agora Aline não achou nada de novo. Era um clube nocturno, daqueles que frequentara durante muito tempo. A diferença era a iluminação. Mais clara.

A música não tinha qualquer diferença dos outros clubes. Será que Nicole não se enganara? Uma batida moderna saía das colunas de som.

- Pensei que... fosse só música latina?

- Calma mulher...a música muda a cada meia hora. Funciona como discoteca também. Olha! Lá estão eles. – e apontou para a mesa ao fundo, depois da pista onde os dois rapazes os esperavam. – Pareces um gatinho assustado.

O que a incomodava eram as lembranças de sítios parecidos e do que lá viveu. A última cena ainda lhe martelava na cabeça como se fosse um pilão de ferro a esmagar paredes.

A sala estava decorada em tons de branco e amarelo desmaiado e estava iluminada por uma luz difusa mas que deixava ver na perfeição quem estava a alguns metros de distância. Parecia um ambiente para pessoas mais velhas que eles, mas muitos jovens o preferiam a avaliar pelo número de mesas preenchidas com caras que não deviam ter mais que trinta anos.

- Interessante este espaço...

- O dono é um antigo dançarino. Quis proporcionar um espaço que proporcionasse divertimento nocturno aos mais jovens e um sítio onde dançar fora das salas de ensaio ou dos concursos. O François é um homem muito interessante...amigo dos meus pais. Deixou de dançar quando a esposa e seu par na dança

teve um cancro no seio.

- Triste. Mas...

Nicole não a deixou terminar a frase.

- Não, não morreu. Felizmente está viva e de saúde...mas passaram anos complicados. Hoje têm este espaço onde ainda dançam por vezes. Depois apresento-te às pessoas. Aline...

- Sim Nicole...

- Quero ver-te dançar. Sei que trouxeste os sapatos para isso.

- Não sei. Acho que foi a força do hábito de os carregar comigo. Não sei.

Depois vejo. Não tenho par e há muito que não danço.

- Não seja por isso. Olha quem ali está!

- O quê? Quem?

- O teu vaqueiro mulher. Acabou de entrar. Uauuu! Olha só a fatiota!

Thierry acabara de entrar. O conjunto era bastante sedutor. Era de facto um homem imponente e vistoso. Alto, cabelo castanho-escuro, porte atlético e uma presença que chamava a atenção sobre ele.

- Acho que ele ouviu a nossa conversa. – disse Nicole a brincar. – Já tens par.

- Não brinques Nicole. – disse zangada. – Não estou virada para flirts.

- Não te zangues. Ele é muito amigo do Pierre. São companheiros das danças. Deve tê-lo convidado.

Não tardou um segundo que Pierre o chamasse. Do outro lado da pista levantou o braço saudando-o e, lentamente abriu caminho à volta dos pares que dançavam um bolero.

Vestia calças azuis e camisa branca e o ar de vaqueiro desaparecera por completo dando lugar a um homem sofisticado e charmoso.

O coração de Aline acelerou sem perceber porquê. Pensar que o homem iria ficar perto dela deixou-a ansiosa. O ar misterioso e duro intrigava-a tanto, como fazia com que tivesse vontade de fugir dali. Desde que o conheceu, no dia em que chegou à vila, sentia que ele estava no café mais vezes do que seria suposto, e que os pais de Nicole deveriam ter razão. Só esse motivo era suficiente para querer fugir dele. Chegava de envolvimentos amorosos.

- Boa noite.

Começou a cumprimentar todos com um abraço aos homens e um beijo na face às mulheres.

Pierre puxou uma cadeira para o amigo e Aline viu que não tinha saída.

Ele ia ficar. Já só restava ela para cumprimentar. Parecia tê-la deixado para o fim de propósito. Sentou-se a seu lado na cadeira que Pierre lhe reservara e inclinou-se para ela para a cumprimentar.

- Olá. Posso cumprimentar-te?

E, antes que ela respondesse ele deu-lhe um beijo na face. Mais demorado que seria suposto, mas talvez tivesse sido impressão dela. Um cheiro a perfume caro, suave e masculino, sem ser demasiado intrusivo, chegou-lhe às narinas. Um arrepio desceu-lhe da nuca pela coluna abaixo.

- Boa noite, prazer, Aline. – deu por si a murmurar.

Nicole riu-se e do outro lado sussurrou-lhe.

- Céus mulher, não se conhecem já? O vaqueiro deu-te volta ao miolo.

A mesa estava animada. Lorena, a morena do grupo, com um corpo modelado por anos de dança e de esqui parecia pronta para atacar um bolero.

Pierre, alto e loiro de olhos azuis e um sorriso simpático na face, era apenas o seu par na dança. Na vida e no amor ele preferia a companhia masculina mas actualmente estava sozinho. Ao contrário do que podiam esperar, não se sentia marginalizado por ter outra orientação sexual, e, nem fazia bandeira disso.

Vivia de forma tranquila com os amigos e com os namorados quando os tinha.

Na realidade procurava um companheiro estável, mas, como costumava brincar com Lorena «o mercado estava escasso de homens» e os dois estavam sem namorados. Desde crianças que formaram par na Associação de Dança e uma amizade sólida unia-os.

- Gosta da nossa vila? – ouviu do seu lado direito.

- Desculpe...sim claro. Fui muito bem recebida.

- O Garcia é um bom anfitrião e Nicole não lhe fica atrás. Não é Nicole?

- Sim Thierry, charme sabes tu destilar...- e riu-se para ele. – Não é para mim que o fazes pois não? Bem te percebo. A minha amiga vale isso, mas cuidado...

- Ora Nicole, não entendo o que queres dizer. – disse Thierry.

Aline já estava incomodada com a conversa dos dois. Algo lhe escapava.

Percebera que afinal nem conversaram muito ao longo da vida dos dois. Era evidente que Nicole gostava, ou era apaixonada por ele. Será que ele não via?

- Acho que ela gosta de si...nunca percebeu? – deixou escapar em surdina para o seu lado direito.

Que homem cego! Atreveu-se a olhar para ele e encontrou um par de olhos azuis, sérios e divertidos ao mesmo tempo.

- Acha? Não me parece. Eu e Nicole brincamos um com o outro há muito tempo, mas é só isso. Não dançamos a mesma música.

- Sério? E que musica dança você?

- Tu...trata-me por tu. Danço a que tu quiseres.

Um tango começara a entoar pela sala e vários pares deslocaram-se para a pista.

- Dá-me a honra desta dança?

E já estava de pé com a mão estendida para a levar para a pista.

- Vai Aline, para que raio trouxeste os sapatos! – disse Nicole divertida.

- Parece-me que há aqui alguma coisa que eu não sei!

- Pois há! Vai lá e mostra-lhe Aline.

- Deixe-me calçar os sapatos.- pediu Aline puxou do par de sandálias de danças latina e calçou-as perante um Thierry estupefacto e deliciado mostrando um sorriso. Ele levantou-se, ajeitou os pés dentro do sapatos com cerca de cinco sentimentos de salto e mostrou-se pronta.

Thierry pegou-lhe pela fina cintura e encaminhou-a para a pista.

Mão na mão e olho no olho. A fórmula para a dança correr bem. Percebeu de imediato os passos que ele queria fazer. Ao som da *Comparsita* deslizaram na pista fazendo os passos obrigatórios e encenando a dança. Uma salva de palmas surgiu das mesas.

- Estamos aprovados. – disse ele enquanto a fazia inclinar-se para trás.

Mais uma volta e dois passos atrás e, sentindo todo o seu corpo deslizou à sua ordem. Thierry sabia comandar o seu par. Encaixavam bem e sentia-se bem com ele.

- Onde aprendeste a dançar?

- Na minha terra. Faz muitos anos e tu?

- Como tu? Competes?

- Não. Deixei de ter par.

- Ummm. – disse ele. – Gosto de dançar contigo...

- Também gosto de dançar contigo. Tens um ar menos duro.

- O quê?

- Nada. Vamos acabar em estilo?

Thierry passou-a por baixo das suas pernas e levantou-a do outro lado e, nos últimos acordes ficou pendurada no pescoço dele numa posição muito sugestiva.

- Lindo! Adorei. Temos que repetir. – dizia-lhe enquanto as palmas surgiam com força.

- Será um prazer. Também gostei.

- Combinado. Segunda-feira às dezassete e trinta na associação. Estou a convidar-te para ires comigo.

- Já entendi. Obrigado. Eu vou.

- Isso é uma certeza? – perguntou ele.

Ela assentiu com a cabeça e um sorriso que ele achou maravilhoso.

Dirigiram-se à mesa e sentaram-se nos lugares que deixaram vazios.

Thierry perguntou-lhe o que é que ela queria beber e dirigiu-se ao balcão. Pela primeira vez na vida tinha um homem a servi-la.

### Capítulo 3

Aline pedalou ao longo do rio Gave, com o cabelo ao vento, sentindo o fresco da manhã no rosto. Hoje não tinha vontade de encontrar ninguém, a quem tivesse que cumprimentar ou fazer conversa de circunstância. Estava pouco faladora. No final da rua virou à direita em direcção ao vale e entrou na estrada rural que percorria de bicicleta desde final de Abril, depois que a neve derreteu.

A meio da noite os fantasmas antigos voltaram a atormentá-la e foi difícil voltar a conciliar o sono. Fazia quase quatro meses que não tinha pesadelos.

Desde que se mudara para Oloron Sainte Marie que a vida tomara um rumo diferente: trabalho no restaurante, convívio com o grupo de amigos de Nicole e uma vez por semana ia à associação dançar. Thierry passou a ser o seu par.

Mas, a noite passada o pesadelo foi horrível. Passou a noite a fugir de uma figura desconhecida, que a perseguia com uma faca, até acordar encharcada em suor e aos gritos. Felizmente Marie tinha o sono pesado. A imagem que o espelho lhe devolveu de manhã não foi agradável, denunciava uma noite mal dormida. Esperava que o ar fresco da manhã dissipasse o cansaço e lhe devolvesse a boa disposição.

Conseguiu evitar Marie que, de certeza iria fazer perguntas sobre a aparência dela, «estás doente filha», «devias ir ao médico» e outras recomendações feitas com muito afecto, mas que hoje não queria ouvir. Depois de a estância ter fechado Garcia só precisava dela para servir os jantares e, tal como estipulava o contrato, passou a trabalhar metade do horário.

Este trabalho que Thierry lhe ofereceu tinha-a tirado do sufoco em que ia passar a viver em pouco tempo. As economias terminaram e o que ganhava com o part time não era suficiente para viver. Essa preocupação tirou-lhe o sono durante umas semanas. Não partilhavaos os seus problemas com ninguém por opção e, havia dias em que quase enlouquecia de solidão. Ao seu redor as pessoas preocupavam-se. Nicole e os pais perguntavam todos os dias se precisava de alguma coisa. Por orgulho dizia que não. Mas quando pagava a renda a madame Marie, ficava com uns míseros duzentos euros para viver até ao final do mês. Consultas médicas de rotina, roupa nova e sapatos eram coisas que estavam além das suas possibilidades e, nessas alturas as unhas desapareciam dos dedos. Desde criança que as roía até fazer ferida. Chega a ter vergonha de mostrar as mãos e, quando estão uma lástima esconde-as nos bolsos. Mas, felizmente nos últimos tempos arranjou uma boa solução sugerida por Nicole – verniz de gel. Davam dureza às unhas e um brilho fantástico, evitanto assim que as devorasse até fazer sangue nos dedos.

Quando tomou a decisão de sair de casa já tinha sofrido muito, e hoje reconhece que o devia ter feito mais cedo, mas foi difícil abandonar a casa onde nasceu e cresceu. Por pior que fosse era a sua casa, a única que conhecia. Protelou a decisão durante anos com receio da solidão. Não foi fácil transpor a soleira da porta com uma mochila às costas e um saco de viagem na mão, sem dizer adeus e fugida com medo de ser presa por assassinato.

Parecia-lhe ouvir os epítetos refinados com que a mãe a brindou desde que era adolescente. Ao longo dos anos foi mudando a forma de a agredir.

Deixou de lhe bater com frequência e passou a ofendê-la com nomes feios.

*“ Puta, saíste-me uma grande puta! Achas que algum homem te vai querer sem ser para foder contigo? Devias ter morrido com o estupor do teu pai!”*

Rose, adoptara uma linguagem grosseira, mesmo vulgar e, desde que o pai morreu nunca mais fez esforços para mudar. A essência verdadeira veio ao cimo, como Aline sempre suspeitou. Aos doze anos já duvidava que aquele ser abjecto fosse sua mãe. Não gostava dela. Chegara o dia de partir. Não suportava a vergonha do que Michel fizera consigo e, sentia-se a criatura mais nojenta ao cimo da terra. Talvez Rose tivesse razão e não passasse de uma vulgar prostituta. A única diferença é que as outras procuravam dinheiro e ela não. O que procurava nos homens era algo bem diferente mas que nunca obteve. Nem do pai: amor filial.

Escolheu um dia em que ela não estava em casa e tinha a certeza que não encontraria nem Olivier nem Jardel.

Vinte e seis anos de maus tratos que aguentou estoicamente sob uma promessa que tinha feito ao pai: cuidar da mãe se ele morresse.

A doença já o tinha levado desde que tinha dezasseis anos e não lhe restava mais ninguém a quem amar naquela casa, ou que a amasse. Era difícil admitir que detestava a mãe sem se sentir culpada, mas havia dias horríveis, especialmente quando Rose acordava com o diabo no corpo e na língua como dizia o pai quando era vivo.

Mãe é mãe. Dizia-lhe o pai, «ela não é má, está apenas zangada». Mas zangada com o quê?

E os filhos não deviam ser sagrados para os pais? Deviam ser amados incondicionalmente. Então porque é que a tratava mal, diferente da forma como tratava os rapazes mais velhos?

A diferença de idades entre ela e os irmãos era significativa, mas, Olivier e Jardel ainda estiveram em casa uns anos até saírem. Jardel o mais novo dos rapazes, era o seu preferido e tratava-o com muito afecto. Dizia que era o único parecido com ela. Olivier saiu de casa no princípio da idade adulta.

Também não a suportava, embora disfarçasse muito bem. Era um rapaz corpulento, mas gentil e muito inteligente, capaz de perceber coisas nas pessoas que só alguém bem treinado podia fazer.

As primeiras recordações remontam aos quatro anos e, uma delas em especial está sempre viva. Um dia, a mãe, enraivecida por mais uma partida misteriosa do pai – que aconteciam há muitos anos - pegou nela e arremessou-a contra a parede fria da cozinha sem mais explicações e com uma crueldade sem descrição possível.

Naquele dia chorava com saudades do pai-ausente há um mês-e, o único que lhe dava colo quando era menina. Nunca conseguirá apagar da sua memória o olhar de ódio de Rose no momento em que lhe pegou nos braços e atirou o frágil corpo de criança contra a parede. O resultado foi um braço com uma fractura e um enorme alto na cabeça. A explicação que a obrigou a dar no hospital e na escola infantil foi ter caído da bicicleta.

Um dia queria poder entender o porquê de tudo o que lhe fizeram, mas possivelmente morrerá na ignorância.

Na verdade quando Olivier – o mais velho dos rapazes-estava em casa a mãe era mais dissimulada, mas assim que ele saía voltava o calvário; quando estava só com Jardel e com ela, a crueldade voltava.

Olivier – o mais velho - fez sempre um esforço para dar a entender à mãe que detestava a irmã, mas nunca teve um gesto para a magoar de alguma forma.

Por vezes o olhar dele indicava pena e sentia tristeza nos seus olhos.

Ocasionalmente dava-lhe rebuçados e gomas às escondidas da mãe e chegou a pegar-lhe ao colo para a consolar dos maus tratos dela. Um dia, deu-lhe um beijo na testa e disselhe: - Vou embora, querida, vou apanhar os maus para longe daqui.

Aline tinha dez anos e ele vinte.

- Leva-me contigo. – pediu. – Não quero ficar aqui.

- Ficas com o pai, ficas bem, volto daqui a umas semanas para te ver.

Nunca entendeu aquelas palavras, nunca entendeu o que ele ia fazer, mas rezou muito para que ele os apanhasse, fossem eles quem fossem os maus.

Há medida que foi crescendo e amadurecendo percebeu que as relações entre pais e filhos não eram o que ela conhecia. Devia ter por volta de dez anos quando ao sair da escola, no meio de um temporal de inverno foi com uma amiga até sua casa a convite da mãe desta. Observar a forma como a mãe de Christine a tratava, fê-la pensar que ou era muito má, e merecia todos os castigos que apanhava, ou teria

sido adoptada e não tinha as qualidades que esperavam dela. Devia ter um defeito grave para que a mãe não gostasse dela.

Quando o pai estava a agonizar nos seus braços – durante o ataque cardíaco fulminante-perguntou-lhe se havia alguma coisa que lhe quisesse dizer; o pai pedia-lhe perdão enquanto a olhava com ar de quem leva um segredo consigo para a sepultura, mas antes de fechar os olhos para sempre garantiu-lhe que não havia nada a contar.

No anos que se seguiram foi espancada e obrigada a fazer todo o trabalho doméstico durante anos e, muitas vezes pensava em fugir mas faltou-lhe a coragem, não sabia para onde ir e tinha medo de morrer sozinha. Esse medo hipocondríaco faz parte de si ainda hoje. Tentava sempre desfazer-se destes medos mas raro era o dia em que não pareciam um martelo na sua cabeça, a dar marteladas que a deixavam sem conseguir pensar em nada. Isolava-se até eles passarem e a vida continuava sempre igual. Às vezes pensava que estava a deprimir, mas arranjava sempre força em qualquer coisa e continuava com a vida.

Depois de quase um quilómetro de terra batida – revendo a vida em retrospectiva-pedalando na estrada ladeada pelo campo verdejante com as primeiras flores campestres a brotarem e o cheiro a primavera a entrar-lhe pelas narinas, avistou a casa grande lá em baixo no vale. Sentiu um frio na barriga, sabia que ele estava lá à sua espera, só não entendia porque é que isso a fazia sentir diferente, ansiosa e com vontade de se esconder.

Abrandou a velocidade da bicicleta e entrou dentro do pátio interior pela enorme porta de madeira. A casa em forma de quadrado, construída em pedra, estava rodeada de árvores frondosas nesta altura do ano e com sardinheiras floridas a penderem das janelas do primeiro andar. Ao longe era uma visão fantástica e Aline gostava de estar ali desde o primeiro dia. O pátio interior, tipicamente francês, com um poço e um lago minúsculo é a parte mais agradável da enorme casa de campo. Do lado direito ao fundo do pátio, está o lago com dois cisnes, quase tapado por um chorão que pende sobre ele. Por baixo da árvore um banco de jardim em ferro forjado e a circular por ali livremente a maior parte do dia, perus, patos e pavões a arrastar a cauda. Uma porta em madeira maciça com batentes de bronze em forma de leão dá acesso às escada que levam ao primeiro andar: a morada da família, onde ela ainda não entrou.

Thierry era muito atencioso e até demonstrava um interesse excessivo na maior parte das vezes. Aline aceitava aquela atenção como se fosse a preocupação de um irmão mais velho, afinal tinha mais uns dez anos que ela, mas chegava a ser irritante. Não estava habituada a ser cuidada ou até que se preocupassem com o seu bem-estar e ele perguntava-lhe muitas vezes se precisava de alguma coisa e, sempre que se livrava dos imensos afazeres do dia-a-dia enfiava-se no escritório, ficando até que fosse horas das tarefas diárias da quinta, como tirar o leite às vacas, ou alimentar o imenso rebanho de gansos e perus – e ficava por ali fingindo que fazia alguma coisa. Devia aproveitar e tomar um bom banho. Depois do trabalho no campo fedia a suor do esforço feito. Já percebeu que ele e a água tinham uma relação especial.

Thierry protelava a entrada em casa para tomar banho e preferia ficar no escritório até ela sair. Só não sabia se era por alergia à água, se por medo que ela desaparecesse dali, mas estava mais inclinada para a segunda opção.

Apanhava-o a jogar no facebook ou a ler o jornal online mas não fazia alusão a isso. Passavam muito

tempo em silêncio. Um silêncio precioso porque não queria enveredar por conversas pessoais ou de intimidade com ele. Desde que saiu de casa, há quase um ano, nunca mais permitiu que um homem se aproximasse. Aos vinte e cinco anos não se apanha uma tarefa da mãe por ter saído num sábado à noite – sábado de folga-com o namorado e as amigas e voltado às quatro horas da madrugada. Quando Aline entrou estava atrás da porta e nem lhe deu tempo de reagir; como já tinha bebido um pouco estava com os reflexos um pouco retardados e Rose ainda conseguiu dar-lhe socos na cabeça e na cara e pontapés nas pernas, deixando-lhe algumas nódoas negras no corpo ao mesmo tempo que lhe chamava nomes muito ofensivos. As dores da alma foram mais profundas e no dia a seguir decidiu que era também o ponto final na promessa que tinha feito ao pai. Esperava que Étienne compreendesse e a apoiasse, que fosse solidário e que até enfrentasse a mãe por ela, mas a resposta dele foi apenas uma pergunta que revelava que não tinha qualquer tipo de interesse em ajudá-la. Sentiu-se traída. Servia para o sexo mas na hora de provar que era homem e que a amava descartava-se sempre. Só ela não queria ver o verdadeiro Étienne, as amigas já a tinham alertado para o oportunista do «menino rico» como lhe chamavam de forma pouco simpática. Por medo de ficar sozinha ia aceitando aquela situação, mas agora ia terminá-la.

- Que queres que te faça? – respondeu ele com desprezo.

Nem se despediu, não valia a pena. Um ano da sua vida desperdiçado com alguém que não a queria. Voltou-lhe as costas e desejou nunca mais o encontrar. Afinal era tão desprezível como a família dela. Como é que não fora capaz de ver isso mais cedo? Três semanas mais tarde fez a burrice de confiar em Michel e, até hoje está na dúvida se se tornou uma assassina ou não.

A azáfama já era considerável. Tractores a encaminharem-se para os milheirais para continuarem a lavoura; tratadores dos animais a fazerem a primeira recolha de leite do dia; gansos, patos, perus, galinhas e cães teimavam em passearem-se pelo enorme pátio interno e voltavam a ser postos fora por algum empregado, caso contrário o chão ficava coberto de dejectos das aves em pouco tempo. Às nove da manhã uma algazarra instalava-se ali durante alguns minutos, até os trabalhadores saírem para o campo.

Dirigiu-se para a porta do escritório. Estava um pouco mais bem-disposta. Apanhar o ar fresco da manhã fez-lhe bem, apagou o cansaço da noite terrorífica e trouxe-lhe novo alento para enfrentar a vida e mais um dia.

Lá estava ele, no lugar habitual. Sentado à secretária envolto em papéis, mas com ar de quem estava à espera que chegasse. Era a sensação que tinha todas as manhãs.

- Bom dia Aline. Dormiste bem? – perguntou-lhe com um sorriso nos lábios e um brilho nos olhos. Lembrou-lhe o pai e o irmão mais velho. Era a primeira pergunta que lhe faziam de manhã, ano após ano, até que um morreu e o outro partiu para o norte de França.

Assentiu com a cabeça, cumprimentou-o e sentou-se no seu lugar preparando-se para começar a tratar dos assuntos do dia.

- Há algum assunto urgente a despachar hoje? – perguntou ao vê-lo permanecer no escritório quando já devia estar a fazer outras tarefas. - Já enviei todas as facturas a cobrar este mês e amanhã vou começar a fazer a recolha do dinheiro.

- Sim eu sei. – confirmou sereno com um sorriso nos lábios.

Thierry era um belo homem. Era estranho estar solteiro. Com trinta e seis anos estava sozinho e desconfiava que era por opção, não por falta de mulheres à sua volta. Nicole era uma das candidatas que ainda não desistira pelo que Aline percebeu.

Ficou curiosa sobre ele desde que o conheceu e, apesar de dançar com ele uma vez por semana, não quis aprofundar mais o conhecimento. Não se considerava boa avaliadora de homens e não queria mais decepções. Chegava de feridas. Pretendia ficar sozinha e dedicar-se ao trabalho e quem sabe se tivesse oportunidade ir para a universidade estudar psicologia, quem sabe dessa forma conseguisse perceber melhor o seu humano. Não queria pensar nele como homem e ia arrumá-lo no fundo do baú – do seu consciente - e deitar a chave fora para nunca mais a encontrar.

Até às dezasseis horas, Aline trabalhava como secretária de Thierry Morin na propriedade da família – uma exploração agrícola e de laticínios no vale-e, entre as dezanove e as vinte e uma servia à mesa no GarciàBistrot, um pequeno restaurante, café e pastelaria na vila de Oloron-Sainte-Marie na Aquitânia Francesa; uma pequena e maravilhosa vila medieval atravessada pelo caudal barulhento do rio Gave. Por ser pequena, medieval e numa zona campestre, tinha um encanto especial, idílico mesmo, e foi ali que conseguiu o primeiro emprego fora de Perpignan, naquele dia em que, julgando ter morto o advogado, saiu de casa apenas com a roupa do corpo, dois sacos com a restante roupa, e umas economias guardadas às escondidas da mãe.

Nunca sentiu falta de casa, da mãe ou da cidade onde residiu toda a sua vida. Mas sabia que ia sentir falta das amigas e de dançar. Felizmente já tinha par e onde dançar. Adorava a magia do tango argentino e das valsas vienenses dançadas nos grandes salões. Foi na escola de danças de salão – que frequentava duas vezes por semana-que conheceu Étienne. Estava ali para melhorar a sua performance dizia. O rapaz não tinha ritmo e cruzava os pés um no outro, indo para a esquerda quando era para ir para a direita. Mas ninguém se atrevia a dizer-lhe. Na verdade ele não estava lá para aprender nada.

Qualquer pessoa que se esforçasse um pouco conseguia aprender. Ao fim de dois meses concordou em fazer par com ele, porque mais ninguém queria. Um suplício. Mas como o sexo valia por tudo o que falhava a seguir, aguentou muitas pisadelas até que aos poucos ele deixou de ir. Pobre Étienne tão ridículo. Ainda bem que estava longe, muito longe.

Mas agora estava na presença de Thierry e, talvez por tentar encontrar-lhe defeitos e motivos para se afastar dele, comparava-o a Étienne. Distraída com os seus pensamentos, nem reparou que ele a tinha chamado.

- Chérie! Ma petit chérie. – disse Thierry.

Era assim que a tratava desde que se tinham conhecido. Carinhoso e cuidador. Estava longe daquele vaqueiro que conheceu no início e que parecia ter um olhar duro com qualquer segredo escondido.

- Oui, cést moit. – respondeu a rir.

- Pareces o anúncio da Cacharel. – disse, brincando com o assunto. -Vou para o campo, até logo. – disse olhando para ela pelo canto do olho.

- Não vais sempre? – obsevou sarcástica.

- Qualquer coisa que precisas liga-me para o telemóvel.

Abanou a cabeça em sinal de concordância e concentrou-se no trabalho.

- Aline? – chamou-a. Estava parado à porta.

- Sim Thierry?

Era sempre a mesmo ritual todos os dias, a mesma conversa e hoje não estava de muito bom humor.

- Estás com algum problema? Precisas de alguma coisa? – perguntou preocupado.

Não precisava de nada e muitas vezes desejava que ele não fizesse essa pergunta, deixava-a sem saber o que lhe responder.

Aline pegou numa pequena borracha e atirou-lha acima. Thierry apanhou-a com a mão e devolveu-lha. Saiu a rir. Aquele jogo entre eles começou a ser usual.

Thierry alimentava a esperança de quebrar o muro que ela tinha erguido à sua volta. Sabia que Aline guardava consigo um sofrimento muito grande, um segredo talvez, ninguém vem trabalhar para longe de casa sem ter um motivo bem forte.

Desde o primeiro instante em que a viu no restaurante, a servir à mesa, ficou encantado com a simpatia e os gestos graciosos dela-como quase todos os homens da vila – mas, o que mais o atraiu, foi a forma como se deslocava em redor das mesas, parecia deslizar, como se dançasse. Mais tarde percebeu porquê. Aline tinha música no corpo, toda ela era uma sinfonia, um tango argentino, ou uma valsa.

Aline era sem dúvida uma mulher linda e vistosa e sabia isso, punha os homens malucos só de aparecer no café. Parecia mais velha do que os seus vinte e seis anos, talvez pela postura de maturidade que aparentava ao servir ao balcão e nas mesas. Respondia sempre com simpatia, mas não dava espaço para graças ou piropos e, ninguém se atrevia a avançar qualquer tipo de comentário mais atrevido. Mas, soube no instante em que falou mais de cinco minutos seguidos com ela que guardava um segredo, sentia a barreira que ergueu à sua volta propositadamente para não deixar passar ninguém.

## Capítulo 4

- Sim, fica descansado. - respondeu-lhe com um sorriso. – Até logo. Já sou crescida homem! Olha para mim com este tamanho todo! – e ria-se fazendo-lhe sinal para que fosse embora.

Ele saiu a rir, mas com pena de ir embora. Ficaria ali na conversa com ela o dia todo. Algo não estava bem, apesar da forma brincalhona como lhe respondeu.

Aline hoje estava triste e Thierry sentiu-o. Ela rejeitava qualquer aproximação dele, mais íntima, mas o que mais queria era poder perceber o que a atormentava tanto. Thierry era a calma em pessoa. Tudo nele era ponderação e autocontrole.

Aline nunca o vira zangado ou descontrolado com alguma coisa. Talvez o trabalho com a terra lhe desse a tranquilidade que todos lhe apreciavam. Nos quatro meses em que trabalhava para a família Morin já tinha percebido que era muito amado por todos os familiares e respeitado pelos empregados.

Pertencia a uma família que vivia da agricultura e do fabrico do queijo. Não gostava de se vitimizar mas decidiu que tinha que ser realista, ter os pés assentes no chão e colocar-se no seu lugar. Pela atenção que ele lhe devotara desde que se conheceram, chegou a pensar que estaria interessado nela, mas com o passar dos meses, as conversas entre eles não passaram de banalidades e assuntos de trabalho e brincadeiras bem dispostas, mas, por vezes fantasiava como seria estar casada com ele e ser a senhora Morin.

Pegou no molho de papéis e começou a ordená-los. Durante o dia embrenhava-se no trabalho para não sentir a solidão e, à noite, depois de sair do Garcias, embrenhava-se na leitura. Estava sozinha no mundo há dez meses, desde que abandonou a casa da mãe, na costa do Mediterrâneo.

De Perpignan à região de Pau, distavam quase quinhentos quilómetros e, naquele dia, pegou em todas as suas economias – que amalhou durante anos às escondidas –, comprou um bilhete de comboio para a outra ponta dos Pirenéus e saiu de casa. Nunca mais telefonou, mas também ninguém a procurou, nem os irmãos nem a mãe.

Um episódio do passado recente veio-lhe à mente.

- Só as putas como tu é que se movimentam assim! Já reparaste que estão todos a olhar para o teu rabo?

Eram as palavras mais amáveis que o falecido Étienne, lhe conseguia dirigir.

- Ora ainda bem! Sabes porquê? – provocou. – Porque é podre de bom!

Vai-te foder Étienne! – disse em surdina para que ninguém ouvisse.

Aline ia a afastar-se mas ele puxou-a e disselhe ao ouvido.

- A ti, minha querida. Eu é que te fodo! – e largou-a.

Dirigiu-se à porta do salão e saiu com estrondo. O professor e os outros pares olharam uns para os outros e encolheram os ombros. Já todos tinham percebido que Aline estava desejosa de se livrar do traste.

- Marcel! Quero mudar de par! Assim nunca mais vou participar em competições com um par como Étienne. – queixou-se. – Ele não quer aprender!

- Ora Aline! Ele é o teu namorado. Ou arranjas outro ou ficas sem par.-

disse com aspereza. Ali todos estavam emparelhados. Dançar com um par era algo que exigia química e entrosamento. Os casais apaixonados faziam pares excelentes.

Preferia ficar sem par a ter que ser pisada por aquele desajeitado. A única habilidade dele era na cama. Todo ele. Vivia para isso. Não trabalhava e passava grande parte do dia no ginásio. O resultado estava à vista: aquele corpo de Adónis e o cérebro de um passarinho.

Nesse dia, tapou a frustração com uns copos a mais, no fim da noite na discoteca. A sensação de vazio assolava-a muitas vezes. Não ter norte e andar à deriva era o que mais detestava. Já pedira a Olivier que a levasse para Paris, mas a resposta não foi positiva.

- Miúda, não tenho tempo para te fazer companhia. E a minha casa é de homem solteiro.

- Mas eu vou morar sozinha! – retrucou.

- Tens apenas vinte anos! Não te quero em Paris sozinha. Aqui já tu não te portas muito bem! Pensas que eu não sei? Sei tudo acerca de ti minha irmãzinha.

- Vai-te catar Olivier! – e bateu com a porta, como sempre fazia em casa.

Esse dia foi desastroso. Vestiu uma saia preta mais reduzida que uma faixa de miss e uma blusa branca de seda justa, com decote princesa que mostrava grande parte dos seios. Calçou uns sapatos de salto vermelhos e saiu porta fora. Entrou no Peugeot que o pai lhe deixara – o carro comercial com que fazia as suas viagens para o norte e o único bem que lhe conheciam – e saiu. Esperava-a trabalho até às duas da madrugada e o que vinha a seguir era uma incógnita. Ou ia com Étienne ou até com outro se aparecesse alguém que valesse a pena, que fosse pelo menos bonito. Passava sem tudo, às vezes até sem comida decente, mas sem sexo não. Estava a ir para o caminho da promiscuidade sem que se apercebesse disso. Dona de um corpo bem definido – graças aos anos de dança – e, um rosto fora do vulgar era assediada por inúmeros homens, desde os mais jovens até aos mais velhos.

Naquela noite, Étienne não lhe punha as mãos em cima. Naquela noite recebeu o seu primeiro pagamento pela companhia de um homem e pela sua beleza, como lhe disse o médico que acompanhou depois de sair do bar.

Deixou-lhe cem euros em cima da mesinha de cabeceira.

- Querida, compra qualquer coisa para ti com este dinheiro. Faço questão de te compensar pela companhia.

- Por favor! Não quero dinheiro... não sou o que tu pensas...

O homem alto e de porte atlético, bonito e não aparentando mais de quarenta anos olhou na sua direcção enquanto se vestia e disselhe: - Ah não! Todos no bar sabem o que és! Vocês, putas finas têm a mania de se fazerem caras e decentes.

Saiu sem sequer se despedir ou dar-lhe uma oportunidade para se explicar.

O passado ainda doía e dificilmente conseguia apagar todas as recordações dos tempos em que esteve completamente à deriva. Se as pessoas da vila soubessem do seu passado não a deveriam querer por

perto.

Voltou a pegar no molho de facturas, mas estava difícil de concentrar-se.

Hoje o passado tinha vindo para ficar a atormentá-la. O seu cérebro não parava de o evocar e, desta vez recuou até à infância.

Lavar a loiça do jantar do dia anterior, varrer o chão com uma vassoura velha grande e áspera, arranjar os legumes para o almoço e pôr milho às galinhas eram as tarefas da manhã antes de ir para a escola. Não podia deixar nada por fazer, iria custar-lhe uns safanões – no mínimo-e equimoses em sítios não visíveis. Aline fazia tudo para agradar à mãe. Esforçava-se por fazer as tarefas que lhe destinava para não apanhar uma surra, mas raro era o dia em que Rose não lhe batia.

Tinha apenas sete anos, quando pela primeira vez cozinhou o jantar para a família, por imposição de Rose. Mal podia com as panelas e as lágrimas correram-lhe pela cara durante o tempo em que juntou dentro de uma panela de pressão pedaços de vários peixes, batatas, pimenta, sal, camarão e outros ingredientes que ficaram guardados no frigorífico. Era para sair uma *bouillabaisse*, uma espécie de caldeirada de peixes, mas assim que a mãe colocou a comida nos pratos e a provou, cuspiu-a de imediato. Estava intragável. Salgada e sem azeite. O pai levantou-se da mesa e, rapidamente colocou pão, paté, chouriço e fruta para substituir o desastre que ela confeccionara. Era a sua forma de defender da mãe.

Qualquer mãe com bom senso jamais poria uma criança de sete anos a cozinhar, mas Rose, tinha poucas qualidades humanas. Aline Chegou a compará-la a uma fera daquelas que os circos traziam quando passavam pela cidade uma vez por ano.

Naquele dia, a seguir ao jantar desastroso o pai foi para o café jogar às cartas com os seus *coupins* e os irmãos foram até à cidade conviver com os amigos. Aline levou uma surra de pontapés e puxões de cabelos até conseguir fugir para o quarto e esconder-se debaixo da cama. Aquele fatídico dia estava gravado na memória para sempre. Difícilmente se apagaria, mesmo que acontecessem coisas boas capazes de suplantar a maldade com que foi tratada.

Rose era a personificação da maldade humana, mas, com sete anos não conseguia perceber que a mãe era uma mulher perturbada. Aline achava que tinha nascido com um defeito qualquer e que todos os dias, envergonhava a mãe com os disparates que fazia.

Quando o pai chegava à noitinha – sempre que estava em casa, o que acontecia poucas vezes - com aquele ar de quem carregava a culpa do mundo nas costas, Aline sentia-se um pouco melhor. Conversavam sobre o dia na escola e generalidades: as amigas, as brincadeiras, as brigas, os professores e as aulas de dança, único prazer que lhe permitiam. Tinham um entendimento secreto. Nem ele perguntava se a mãe lhe tinha batido – bastava-lhe olhar para ela para perceber-nem ela contava para não o deixar triste. Se fizesse queixas ao pai decerto ele lhe diria: - Então Aline, já sabes como a mãe é, ela não faz por mal...gosta de ti.

Tens que lhe perdoar. – dizia sempre muito conciliador. Por mais que tentasse só fazia disparates. Nunca mais lhe tentou explicar que apanhava desde manhã à noite se estivesse em casa. Os únicos momentos em que ela não lhe batia eram os que estava na escola ou no ballet. Mas Rose sabia bater. Nunca batia em sítios que a roupa não tapasse. Batia nas pernas, nas costas e dos braços, locais que ficavam tapados pela

roupa, revelando premeditação no que fazia.

Aline detestava os fins-de-semana e as férias, o massacre era maior, sobretudo quando o pai desaparecia durante semanas, com a desculpa de ir trabalhar no norte, em Paris.

- Não vales nada! Não me serves para nada! Logo nasceu esta porcaria para me atormentar. – e pegava-lhe no longo cabelo castanho claro, aos caracóis dando-lhe puxões até se fartar ficando sempre com as mãos cheias de cabelos arrancados.

Aline gritava que nem uma desalmada sempre que lhe arrancava cabelos, lhe dava murros na cabeça e pontapés no rabo, mas ninguém ouvia. Viviam a dois quilómetros da cidade de Perpignan ao lado do lago dos flamingos rosa, numa quinta pequena que Rose herdara da mãe e poucas pessoas os visitavam.

As únicas pessoas que se aventuravam até à quinta eram compradores de ovos e de aves criadas no campo para restaurantes *gourmet*.

Rose era uma mulher amarga, mas nem sempre foi assim. Aos trinta anos ainda não tinha casado e, quando Denis apareceu na sua vida, solteiro e simpático – apesar de frouxo para o gosto de Rose - não tardou a certificar-se que o prendia a ela. Havia qualquer coisa nele que lhe dizia que seria o homem certo para uma solteirona empedernida caçar e, para além disso era fino, educado e, apesar de não ser uma estampa era impressionante pela sua pose aristocrática.

Trabalhavam os dois nos pomares nos arredores da cidade e depois de alguma convivência fora do trabalho, durante as horas de almoço, encontraram-se pela primeira vez a sós, escondidos entre os pessegueiros, longe da vista dos colegas, a maioria emigrantes portugueses, espanhóis e italianos.

Denis era o novo encarregado do embalamento, tinha uma posição de responsabilidade e isso agradava a Rose. Sempre fora ambiciosa e os rapazes que a procuravam tinham sempre qualquer defeito, nunca eram bons o suficiente para ela namorar. Em pouco mais de dois meses estavam a viver juntos e ela estava grávida do primeiro filho, Olivier.

Mas Rose, quase nada sabia da família do marido - apenas que viviam para norte - e, quando ele viajava para os visitar arranjava sempre a desculpa que ela se iria cansar na viagem e poderia perder a criança. Em dois dias estaria de volta e seria melhor descansar. Afinal passava o restante da semana de pé a embalar fruta pelo que nunca percebeu porque é que não o podia acompanhar? Aceitava e entendia a recusa como preocupação da parte de Denis, mas um sentimento de revolta começou a corroê-la e, ao fim de algum tempo percebeu que ele não a queria por perto da família dele.

Ao fim de três anos, Rose estava com duas crianças para cuidar, dois rapazes. Denis tornara-se um marido ausente e pouco dedicado. Cumpria o seu dever de levar dinheiro para casa, mas parecia desprovido de afectos para lhe dar, e de ambição também, o que a começou a deixar muito zangada. As suas ausências sem qualquer explicação plausível começaram a ser mais frequentes sobretudo no inverno. A desculpa era a de ir trabalhar na construção civil noutra cidade, precisava de alimentar a família e o trabalho da fruta era sazonal.

Durante anos a vida do casal e dos dois filhos seguia o ritmo da estação do ano: Denis estava em casa na Primavera e no Verão e nas outras duas estações ia para norte trabalhar noutras actividades. Rose já se habituara a cuidar dos dois rapazes e estes à ausência do pai.

O dinheiro raramente aparecia nos meses em que estava fora, a desculpa eram as despesas da hospedaria, o salário ser baixo, coisa que Rose sabia ser impossível, o trabalho na construção era bem pago. Quando ele voltava as brigas eram constantes e o ambiente insuportável e, por incrível que parecesse, as mãos de Denis eram tão finas como as de um médico, muito distantes das mãos de um operário.

Com o passar dos anos Rose tornou-se uma mulher amarga e desconfiada e Denis cada vez passava menos tempo em casa. Os rapazes cresceram e pouco questionavam o pai. Não tinham relação com ele e Rose pensava que o marido não gostava dos filhos. Nas horas de maior raiva dizia-lhes «o vosso pai é um merdas, não gosta de vocês», se gostava ou não, eles nunca perceberam.

A única coisa que tinham a certeza era que o pai e a mãe apenas estavam casados no papel, na realidade eram dois estranhos, que nada tinham em comum. Os três habituaram-se a viver dessa forma, mas apenas Aline tinha algum colo do pai.

O sexto sentido de Rose dizia-lhe que as ausências do marido continham um segredo muito bem guardado. Quando perguntou sobre os pais dele, disselhe que tinham falecido e que não tinha mais família. Pela idade sabia que tal não era possível, a não ser que tivessem sido vítimas de alguma tragédia, portanto, deveria ter pais e irmãos, mas não quis aprofundar a questão. Não quis tomar conhecimento, era melhor ficar na ignorância, essa não lhe levaria o marido de vez e sabia que não arranjaría outro. Um confronto significava ficar sozinha e nunca se atreveu a isso. Tinha dois filhos para criar e não estava nos seus planos criá-los sem pai, apesar de este ser mais um fantasma que pairava por ali de vez em quando, do que uma figura de pai normal.

Os anos passaram e quando Olivier tinha dez anos e Jean sete o pai ausentou-se um inverno inteiro. Não telefonou nem escreveu durante três meses. Abril já ia a meio quando Denis apareceu um dia ao fim da tarde, trazendo ao colo uma trouxa que continha no interior uma menina que não deveria ter mais de quatro meses.

Rose nem precisou de perguntar quem era. As feições da criança falavam por si: cabelo castanho aos caracóis – como Denis-olhos castanhos e um sorriso angelical.

Aline nunca suspeitou sequer que Rose não era sua mãe e fez os filhos prometerem que guardavam esse segredo com eles, para sempre.

Um suspiro profundo saiu-lhe de dentro. Só quando ouviu a voz dele é que se deu conta que não estava sozinha. Passaram quatro horas e nem deu por isso.

- O que eu não daria para saber o que te vai na mente...estás tão triste que se vê à distância. Conta... quero ajudar-te chérie. – disse Thierry.

- Não ias gostar de ouvir. São segredos tenebrosos. – e fez um ar assustador.

- Um dia contas?

Não sabia se esse dia chegaria. Não estava nos seus planos desvendar a sua vida a estranhos.

- Um dia Thierry. Quando eu achar que não foges ou me despedes. – disse a rir, tentando disfarçar o que não era disfarçável.

- Linda menina.

Aproximou-se dele e, num gesto ousado deu-lhe um beijo na testa.

## Capítulo 5

O vestido de corte direito, vermelho, num padrão florido, acentuava-lhe a cor do cabelo e a pele branca e sedosa. Aline tinha feições quase aristocráticas e que prendiam a atenção dos homens.

- Olá *mignone*! Posso oferecer-te um copo depois de saíres?

Um calafrio trespassou-lhe o corpo. O que é que teria feito para que o homem de meia-idade, com ar de advogado mal sucedido se atrevesse a incomodá-la? Seguiu em frente com a bandeja de copos na mão e depositou-a em cima do balcão.

- Três cervejas e dois pratos de salgados. – pediu a Jean o empregado de bar.

- A sair. – respondeu-lhe o rapaz enquanto preparava as bebidas. – Aline?

- Sim...- respondeu distraída. O incómodo da abordagem ainda estava presente. Trazia-lhe recordações de uma pele que queria despir.

- Não deixes que aquele labrego te incomode. Se for preciso ponho-o na rua. Está sempre a marcar-te. Acho que está a ficar alcoolizado...

Jean colocou as três cervejas na bandeja e os dois pratinhos de salgados e sorriu-lhe.

- Não tem problema...nem reparei nele. – mentiu.

Aline levantou a bandeja e dirigiu-se à mesa dos três velhotes *habitués* do Bistrot.

- Aqui está meus senhores. Bom proveito.

- Ah minha querida. Uma rapariga como tu vale ouro. Se fosse jovem fazia-te a corte de certeza.

Aline riu-se enquanto recolhia os copos da mesa ao lado. O pai de Garcia – o responsável pelo piropo - era uma espécie de protector que arranjava desde que trabalhava ali.

- Oh avô! Olhe que hoje não bebe mais cerveja! Vou dizer ao seu filho. – brincou com o homem.

Continuou a recolher louça suja das mesas e a apontar pedidos e abstraiu-se da presença do homem meio alcoolizado.

Aline estava a começar a ter consciência que a sua figura despertava qualquer coisa de animalesco nos homens, como se ainda vivessem nas cavernas. Durante os anos da adolescência soube-lhe bem ser

apreciada dessa forma, mas não agora. Tornara-se uma espécie de maldição. E logo hoje que trajava um vestido que pelos tons vermelhos chamava a atenção. Sentiu um corpo junto ao seu e desviou-se olhando repentinamente para trás. Um bafo a álcool aflorou-lhe as narinas.

- Então querida. Saímos?

Pegou-lhe no braço com uma mão gorda e sapuda e apertou. Um frémito de raiva trespassou-a. Raiva por todos os anos em que foi assediada e o permitiu. Raiva por ela própria. Num lampejo de fúria deu-lhe um encontrão que quase o derrubou.

- Não me volte a tocar seu porco!

Tentando equilibrar-se o homem reagiu e lançou-lhe de novo a mão ao braço. Aline reagiu tentando soltar-se mas não conseguiu apanhar a bandeja que se estatelou no chão fazendo um barulho ensurdecedor com copos e garrafas vazias a partirem-se.

A sala parou aos poucos. As pessoas tentaram perceber o que se tinha passado. Com as lágrimas nos olhos saiu do café rapidamente e nem olhou para trás. Não servia para aquele trabalho. Passou pelas portas de vaivém com estrondo e entrou na cozinha.

- Que se passa Aline? – perguntou Garcia. – Porquê essas lágrimas?

Alguém te ofendeu?

- Não! – mentiu. – Eu é que ofendi um cliente. Não sirvo para estar aqui.

As lágrimas não paravam. Não queria perder o emprego, precisava do dinheiro. Já era tão pouco o que ganhava no part-time que se prescindisse dele não lhe chegaria para as despesas mensais.

Lá fora a algazarra dos clientes voltou ao normal e o barulho de fundo ouviu-se de novo na cozinha.

- Não te preocupes...eu é que não te devia ter posto no café. Há sempre quem abuse. Vai-te embora e volta só na hora do jantar. – disse Garcia.

- Não Antoine. Tenho que fazer o meu trabalho. Isto já passa.

- Não. Vai para casa. – disse não deixando margem para dúvidas sobre quem mandava ali.

Aline acedeu. Limpou as lágrimas, tirou o avental pendurando-o e vestiu o casaco.

- Desculpem. Acho que hoje não estou muito bem. Até logo.

Antoine Garcia passou a mão pela face – o tiqueque fazia sempre que estava preocupado - e olhou para a esposa.

- A rapariga tem qualquer mistério. O avô já me disse que ela fica muito nervosa quando a pões no café a servir à mesa. – disse Amélie.

- É capaz...vamos ver como corre no restaurante hoje. Curioso que só começaram a surgir problemas

agora.

- Pois...agora já toda a vila a conhece. Sempre te disse que a rapariga é demasiado bonita para servir à mesa. Os clientes duplicaram desde que ela veio para cá. É bom para nós, mas temo que os problemas mal tenham começado. – disse Amélie.

- Tens razão, mas não vou mandá-la embora, até porque a nossa filha iria reagir mal. Parece-me boa rapariga...mas muito sofrida.

- É verdade. Só ela sabe o que a atormenta.

Thierry levantava-se de madrugada, para organizar os trabalhos que antes eram da responsabilidade do pai e que há dois anos lhe cedeu a gestão dos negócios. Mesmo num domingo embrenhava-se no trabalho.

- Bom dia pai, bom dia mãe.

O casal respondeu quase em unísono e o pai não deixou passar em branco a preocupação que já tinha há algum tempo com ele. O filho trabalhava demais.

- Hoje é domingo. São sete da manhã. Onde vais com roupa de trabalho?

Filho, devias divertir-te mais. Tenho um enorme orgulho em ti, mas queria que tivesses uma vida normal, namoradas...sabes? Estás a deixar passar a melhor época da vida de um homem. Arranja uma mulher que gostes. – disse com um sorriso.

- Ora pai, não te preocupes! Sabes que o campo me distrai...

- Não desconverses Thierry. Desde que terminaste com Sylvie que não te conheci outra namorada.

- Não quer dizer que não as tenha pai.

- Claro filho...mas uma mulher que tu ames, por quem estejas apaixonado.

Não achas querida? – e voltou-se para a esposa em busca de apoio.

- Sim. Talvez a história dele e Sylvie não esteja resolvida. – disse a mãe denotando esperanças na reconciliação.

Thierry nunca contou aos pais o verdadeiro motivo da separação.

- Maezinha...menos sim. Gostava de ser eu a decidir a minha vida. Vocês são uns pais fantásticos mas já repararam no meu tamanho?

Levantou-se com um sorriso nos lábios, para enfatizar o que tinha dito.

Os pais achavam que os filhos não cresciam e, mesmo que atingissem mais de um metro e setenta olhavam para eles como se não tivessem mais de cinco anos e os seus por vezes faziam isso.

Os três riram-se. Thierry beijou um e depois outro e saiu.

Não lhe conhecerem namoradas nos últimos anos, era uma preocupação do casal. O filho mais velho vivia demasiado dedicado ao trabalho.

Serge-o irmão mais novo quatro anos-queria distância dos trabalhos do campo, é um engenheiro aeronáutico bem-sucedido; trabalha em Toulouse e raramente vem a casa. Aproveita os grandes almoços e jantares que os pais costumam dar para manter a boa convivência entre vizinhos e amigos -como diz o pai - para conviver com as pessoas da vila, mas só vem a casa espaçadamente. Gérard e Simone educaram os filhos numa atmosfera de convivência social e participação activa na sociedade. Sustentavam de forma firme que os seus filhos deveriam ter educação sobre política, economia e serem cidadãos participativos. O lema da França «igualdade, liberdade e fraternidade» desde a revolução francesa foi-lhe bastante incutido desde crianças e, os dois vivem segundo essa permissa, para orgulho dos pais.

A tarde de domingo chegou ao fim e Thierry entrou em casa já o sol quase desaparecia no horizonte. Entrou na biblioteca para verificar se a mãe estava.

Simone lia um livro sentada na poltrona junto à lareira. Na montanha o mês de Abril ainda era frio. A Simone, não lhe passou despercebido o interesse de Thierry pela jovem que contratou para o escritório. Já pensou em ter uma conversa com a rapariga mas não a queria assustar. Pareceu-lhe um gatinho assustado desde o primeiro dia, embora tentasse disfarçar. Admirava-lhe a beleza serena e triste. Sim. Triste.

Pousou o livro de de Beauvoir, *O Sangue dos Outros*, na mesa ao lado do sofá, tirou os óculos de ver ao perto e olhou para o filho recém-chegado.

Admirou-o com olhos de mãe. Um belo pedaço de homem. Fez-lhe lembrar o marido quando era jovem. Com um senão. Gérard fora sempre vaidoso e obcecado com a limpeza e aparência. Thierry andava um dia inteiro com as jardineiras sujas de terra e estrume de animais se não tivesse um bom motivo para as despir e, por vezes só mudava de roupa para ir dançar ao clube ou passar um bocado de serão a jogar às cartas no Bistrot do Garcia na vila.

Ultimamente até jantava por lá e, quando percebeu o que ele fazia no café, percebeu que havia paixão por ali.

- Senta-te aqui um bocadinho. Faz companhia à tua velha mãe. – pediu.

- Velha! Tu? Ora mãe, não te menosprezes, fazes sombra a muita jovem. O

pai não te elogia ultimamente?

Gostava de brincar com a mãe sobre os aspectos da vida. Sempre lhe admirava a boa disposição e a sanidade mental.

- Ah sim. Como é mesmo o nome da rapariga que contratas-te? Aline...

não é? – perguntou como se não fizesse caso do que dizia.

- Sim. Pergunta. Tens a língua a coçar...que eu sei.

Conhecia muito bem a mãe. Honesta, coração onde cabia o mundo, sempre disposta a ajudar causas, mas muito curiosa acerca das pessoas.

- Parece-me uma jovem triste...- lançou para o ar.

A mãe funcionava assim. Nunca dava a sua opinião sobre as pessoas.

Lançava frases para o ar e esperava que os outros confirmassem ou infirmassem as suas hipóteses. Conseguia, desta forma saber mais do que se fizesse perguntas directas.

- Assim parece...mas Aline é mais do que se vê. Acredita. – respondeu Thierry.

- Sim claro. Há muito que não te via interessado em alguém.

- És muito matreira mãezinha. Não estou interessado em Aline.

- Sim querido. E tu és muito dissimulado. Anda! Vai lá tirar essas jardineiras nojentas antes que te sentes no meu sofá.

Thierry riu-se. Desde criança que a mãe brigava com ele por causa da roupa e do seu desleixo.

- Não venho jantar. Vou até à vila. Beijinho. – e soprou-lhe um beijo com a ponta dos dedos.

Um homem seguro e com charme, mas temeroso do fracasso com as mulheres. Sylvie fora uma desilusão tremenda para um homem de vinte e oito anos que já fizera planos de casamento com ela.

O coração da mãe ficou pequenino. Vê-lo interessado na rapariga do escritório preocupava-a. Parecia-lhe deprimida e a precisar de protecção e, se bem conhecia o filho foi isso que o aproximou dela. Poder ajudá-la. Tinha herdado de si a compaixão pelos outros.

Os dois rapazes, Thierry e o irmão, foram sempre muito populares na vila, especialmente Thierry que cedo se identificou com o campo e a agricultura, actividade da maior parte da população da zona. Depois de acabar a licenciatura fundou uma associação de agricultores da região em conjunto com Sylvie. A mesma Sylvie que passados alguns anos de trabalho na região jogou tudo para o alto para seguir o rasto de um Porsche.

Com trinta e quatro anos ainda estava solteiro e todos os dias ouvia a mãe a arranjar-lhe raparigas de família para casar. Teve bastantes namoradas, sobretudo no tempo da faculdade e quando um dia Sylvie Duchamps - com quem namorou cinco anos e que pensava conhecer bem - lhe disse que não fazia parte dos seus planos ficar a morar na vila, o seu sonho era ir para uma cidade grande, ficou desiludido e com raiva das mulheres durante muito tempo. O casamento estava marcado para dali a seis meses e até então tudo parecia bem. Ela fazia investigação na área da agricultura, em fertilizantes químicos, pelo que a afinidade profissional era mais uma coisa a juntá-los e ele ia desenvolvendo novos métodos de cultivo e experimentando os adubos que ela desenvolvia. Naquela tarde em que ela o chamou à casa dos pais – uma mansão construída no século XVIII, como muitas na vila-e, lhe disse quais eram os seus planos,

achou que ela só podia estar a brincar. Pensou mesmo que era uma brincadeira. Sylvie era conhecida pelas partidas que gostava de pregar aos outros. Sempre bem-disposta e com uma figura invejável deixava os homens a babarem-se na sua presença. Thierry durante algum tempo achou piada, sentia-se seguro e ela nunca lhe dera motivos para sentir ciúmes, para além de que não era homem de inseguranças, os pais tinham-no criado num ambiente muito harmonioso e de amor. Quando percebeu que era a sério, ainda a tentou demover, mas ela manteve-se irredutível e disse apenas.

- Aceitei uma bolsa para um instituto em Paris, e não pretendo voltar atrás na decisão. Não gosto do campo, sabes isso e muito menos de lugarejos. Se esse é o teu sonho, segue-o e não olhes para trás. Vou seguir o meu. – disse com um ar tão frio que parecia outra pessoa.

Tentou argumentar dizendo que ia com ela e logo veria o que podia fazer na cidade, mas ela disse com muita frieza: - Não ias ser feliz querido.

O que traduzido queria dizer « não quero mais ficar contigo» e, Thierry não insistiu mais.

Durante anos recordou aquelas palavras com amargura. Gostava dela. Era um amor maduro, cimentado em anos de convivência e partilha e, foi como se lhe tivessem dado uma punhalada nas costas directo ao coração. Uma semana mais tarde, descobriu por acaso, quando passava em frente à casa centenária onde vivia a família Duchamps, que o motivo era outro. Sylvie estava a entrar num Porsche com um individuo jovem e com um ar muito sofisticado.

Isto foi há seis anos, tempo em que viveu no mais absoluto celibato.

Dedicou-se ao trabalho, à pesca desportiva marítima com os amigos, à dança de salão que nunca abandonou e nem queria ouvir falar em mulheres. A única mulher que chegava perto dela era a professora de dança. Ficara sem par no dia em que a namorada o tinha deixado. Até que descobriu Aline a servir à mesa no Garcias e, ao olhar para ela, pensou que a rapariga e o restaurante não combinavam. Tinha qualquer coisa de aristocrático e musical, ritmo e graciosidade, algo que levava os homens à loucura e o mais caricato é que parecia não perceber o impacto que tinha no sexo oposto. À noite o café e o restaurante enchiam por causa dela. Rapazes e homens dos pequenos lugarejos das redondezas vinham tomar um *pastis* antes de jantar e café depois, só para a verem. Quem não tinha esses hábitos passou a tê-los para gáudio de Garcia que viu os lucros a subirem um pouco mais. Também ele passou a ser um frequentar assíduo do restaurante e, por mais que a mãe reclamasse que a comida que fizera se estragava, ele nem a ouvia.

Todas as manhãs, Thierry esperava que ela chegasse e só depois de dois dedos de conversa, partia para o campo. Confiava inteiramente no discernimento comercial dela ao ponto de lhe entregar a parte do trabalho que lhe competia no escritório: o sector de vendas dos lacticínios que fabricavam.

Aline era óptima a convencer os clientes das vantagens dos seus produtos. De certa forma parecia conhecer muito bem o trabalho da agricultura e dos lacticínios. Há vários dias que pensava em lhe oferecer trabalho a tempo inteiro, até porque já não suportava a horda de homens que todos os dias a cercavam no restaurante com galanteios muito educados, aos quais ela se mantinha indiferente. Sabia que chegaria o dia em que um tentaria transpor a barreira que ela ergueu. Temia esse dia. Não estava preparado para vê-la com outro homem. Gostava de uma mulher com carácter e que saiba defender-se, mas que ao mesmo tempo fosse meiga e simples. Aline parecia-lhe ser tudo isso. Tinha que arriscar a aproximação antes que outro se adiantasse, mas como já se enganara em relação a Sylvie tinha receio de

repetir o mesmo erro e, o medo de ser rejeitado fazia-o andar em avanços e recuos sem conseguir ser muito claro com ela.

## Capítulo 6

Por mais que Aline se esforçasse para não conviver com as pessoas da vila não conseguia, havia sempre alguém a tentar meter conversa com ela e, desde que começou a frequentar a associação de dança, passou a ser conhecida noutros círculos da vila. As pessoas eram hospitaleiras, eram muito hospitaleiras na maioria, mas, como em todas as vilas e cidades havia uma pequena comunidade muito conservadora. Todos se conheciam e sabiam da vida de cada um, logo, Aline começou a ser tema de conversa assim que deram pela presença dela em vários ambientes. O facto do Bistrot do Garcia ter aumentado a clientela nos últimos meses devido à sua presença, começou a ser motivo de maledicência. As mulheres abandonadas ao serão e as mães dos jovens casadoiros não viam com bons olhos a sua continuação naquele emprego e, sabendo que Marie a hospedava desde que viera para a cidade, o grupo das santas da igreja encarregadas de manter a moral da vila intocável, depressa cercaram a senhora à saída da padaria onde todos os dias cedo ia comprar o pão para o pequeno-almoço. Uma das beatas, a mais velha e chefe do grupo colocou-se em frente a Marie e não a deixou continuar o caminho para casa.

- Marie. Estamos aqui para a recrutar para a missão de manter os bons costumes da nossa vila. Passo a expor a situação...

Marie que já tinha sido vítima directa deste «comité de santidade podre»

– como lhe chamava-não a deixou prosseguir. Deviam ser descendentes de caçadores de bruxas, que no século XVI perseguiram pessoas nesta zona de frança, resultado da guerra religiosa entre cristãos e calvinistas.

- Não sei o que a senhora quer madame Josephine, mas já deve saber que não sou muito de missões. Por isso se não se importa...- e rodeou a mulher pela esquerda, para continuar o caminho de casa, deixando a outra a bufar de raiva.

- Mas a senhora tem em casa o demónio de saias que atenta os nossos homens cristãos, filhos de boas famílias...tem que a mandar embora.- gritou.

Marie não era para brincadeiras e não tinha problemas em responder ao pé da letra a quem quer que a afrontasse. Desde que ficara viúva aos quarenta anos, que teve que enfrentar muitas vezes as falsas beatas da vila, sempre que a viam a falar com algum homem. Felizmente hoje eram apenas um grupo de quatro, todas solteiras e frustradas.

- Ao que me parece a senhora não tem marido para que possa ser tentado a pecar. Quando aos maridos das outras, o problema é delas se não os seguram em casa... se lhes dessem um pouco mais de sexo e atenção eles não fugiriam de casa. Passe bem mademoiselle Josephine. – e dirigiu-se a casa com um

sorriso, como sempre fazia. Aline esperava-a para tomarem o pequeno-almoço.

Aos poucos foi conseguindo ganhar a confiança da rapariga. Parecia um bicho assustado quando chegou. Gostou logo dela e como o seu único filho já tinha saído de casa e morava longe precisava de alguém que lhe fizesse companhia. Era por isso que alugava um quarto, não por necessidade.

Entrou em casa e rapidamente colocou a mesa-café, leite, pão, fiambre e compotas caseiras feitas com fruta da região.

- Aline!- chamou-a. – Vamos tomar o pequeno-almoço.

- Bom dia Marie. – cumprimentou-a. – Amanhã vou eu comprar o pão.

Não tem que fazer isto, até me sinto constrangida. – confessou.

Marie pensou uns segundos e resolveu arriscar.

- Aline, até parece que não gostas que te tratem bem. – aventou.

- Não é bem isso...- quase se engasgou. – Mas na casa dos meus pais estava habituada a fazer tudo sozinha. – explicou-se. – Não quero abusar de si e da sua boa vontade.

- Imagino filha. Deve ser por isso que chegaste aqui como se fugisses de alguém. Um dia, quando quiseres estou disponível para ouvir a tua estória.

Não me quero meter na tua vida, mas acho que há qualquer coisa que tu tens medo de contar. – deixou escapar.

- Ainda não estou preparada. – disse séria. – e pousou os olhos na chávena ao mesmo tempo que passava manteiga no pão e enfiava de seguida um pedaço na boca. - Não quero enganar as pessoas que me acolheram e sinto-me uma fraude a maior parte dos dias, mas...desculpe, não sou capaz.

- Não faz mal. Não sou um tribunal de bons costumes...não tens que ter medo.

- Obrigado. Nem imagina o que as suas palavras são para mim. – deixou escapar uma lágrima.

- Oh *ma petit!* – e pruxou-a para si dando-lhe um abraço apertado.

Sentia-se estranha sempre que Marie a abraçava ou a beijava. As manifestações de afecto físico eram difíceis de digerir, como se as pessoas tivessem escamas ou garras que a magoassem, ao toque. Chegava a pensar que tinha um lado tão masoquista que acolhia mais depressa um tabefe do que um beijo.

Há dias que o convite de Thierry lhe martelava na cabeça. A família ia fazer um churrasco comunitário - como lhe chamavam-e convidaram-na para o evento. Dúvidas começaram a assaltar-lhe a mente diariamente, a partir do momento em que ele a convidara. Estaria muito exposta a perguntas sobre a sua vida – que queria evitar – e, não tinha forma de se negar a conviver socialmente a partir desse dia.

- Marie...- ainda hesitou um pouco.

- Sim filha. – deixou escapar de forma carinhosa.

Uma palavra foi um encorajamento para ela. Se fosse Rose nem sequer se atrevia a perguntar.

- A família Morin vai fazer mais um churrasco este fim-de-semana...

- E convidaram-te? Deixa-me adivinhar – fez uma pausa – o Thierry Morin convidou-te, não foi?

Ela assentiu.

- E então? Não queres ir?

- Não é isso. – tinha vergonha de dizer. – Não queria misturar as coisas.

- Misturar o quê Aline? Não sei se já reparaste mas por aqui essa relação de empregado e patrão está um pouco diluída. Aqui todos são amigos e o facto de alguns trabalharem para os Morin é apenas um pormenor. Somos uma comunidade acima de tudo. Somos uma das mais velhas comunas do país. Não misturas nada e acho que te iria fazer muito bem, mas tu é que sabes. E depois um passarinho disseme ...- e não acabou a frase.

- O quê Marie? Disselhe o quê? – perguntou curiosa.- Não me deixe assim a morrer de curiosidade...- sem pensar levou um dedo à boca e começou a trincar uma unha.

E nisto olhou para o relógio e faltavam quinze minutos para entrar no escritório. Saiu para o corredor à pressa, vestiu o casaco enquanto disse: - Logo explica-me melhor essa do passarinho. – e saiu batendo a porta com cuidado.

Marie riu-se. Não havia passarinho nenhum, queria apenas trazê-la de volta à vida. Uma jovem desta idade não podia consumir-se em tristeza e solidão, dois elementos que podem causar estragos muito grandes no corpo de uma pessoa. Marie sabia por experiência própria que a tristeza consome as pessoas, mata. Foi assim que Marcel, o seu marido morreu aos quarenta e dois anos vítima de cancro deixando-a viúva e com um filho para acabar de criar.

A tristeza depressiva em que sempre viveu e que ela não conseguiu aliviar-lhe fê-lo arranjar uma doença psicossomática – como lhe explicaram os médicos -

e, não queria ver Aline a ir pelo mesmo caminho. Nos primeiros meses a sua tristeza era vital e chegou a temer que a rapariga estivesse gravemente deprimida. Felizmente Aline era uma caixinha de surpresas e agora passados mais de dez meses parecia bem melhor.

Thierry já tinha partido para o campo quando chegou ao escritório e poupava-lhe o esforço de controlar a conversa matinal. Estava sempre muito atenta para não deixá-la evoluir para patamares mais íntimos, como falar dela ou da família para além do que considerava inevitável. Sentou-se na secretária e começou a classificar os documentos para entregar ao técnico oficial de contas. Sentiu-se observada e instintivamente olhou para a porta. Lá estava ele encostado à ombreira da porta a olhar para ela.

- Credo Thierry!- exclamou. – Que susto! Não foste para o campo? – perguntou enquanto continuava a

olhar para os papéis.

- Bom dia para ti também.- disse com um sorriso amarelo. – Tens assim tanta vontade de me ver longe? – aventurou-se a mostrar a desilusão perante a reacção dela à sua presença.

Aline levantou os olhos da secretária e com uma frieza calculada – não queria que ele pensasse que estava à espera de o ver de manhã-disse: - Não percebo? Que motivo teria eu para te querer ver longe?

Thierry percebeu que estava a ser parvo. Claro que ela não percebia, ainda não conseguia ler pensamentos e nunca lhe expressara o que sentia por ela de forma aberta.

- Desculpa, estava a brincar contigo. Chegaste tarde hoje...

Aline levantou de novo a cabeça da secretária para se desculpar mas ele interrompeu-a.

- Não me estou a queixar, estava preocupado contigo. Chegas sempre antes da hora.

- Não vi as horas passarem e fiquei a fazer um pouco de companhia a Marie. – justificou-se.

Thierry percebeu que havia alguma evolução em Aline. Falou com Marie há três semanas e estavam os dois bastantes preocupados. Metade da vila estava a conspirar para que Aline se integrasse com eles e uma pequena parte a envidar esforços para a expulsar. O clube das mal-amadas, o comité como lhe chamava Marie, fizera uma carta a Garcia e a Gérard Morin para que despedissem Aline. No seguimento dos movimentos das beatas, Simone, posta ao corrente do que se passava pelo filho, resolveu antecipar o churrasco de primavera para comemorarem a presença de Aline na vila. Oloron-Sainte-Marie tinha fama de hospitaleira e não era agora que ia mostrar o contrário.

- A minha mãe quer falar contigo. Quando puderes sobe lá a casa. E agora já posso ir descansado.- constatou. - Até logo. – e saiu porta fora com um sorriso nos lábios, mas com o coração meio apertado. Qualquer coisa se passava com Aline que ela não contava. Pela primeira vez não lhe dissera para telefonar se precisasse de alguma coisa. Ela já sabia que podia contar come ele, e estaa cansado de se humilhar. Talvez nunca conseguisse chegar perto dela, tocar-lhe o coração.

Aline ficou à espera que ele dissesse mais alguma coisa. Uma tristeza súbita invadiu-lhe o espirito. Notou que ele não proferiu a frase diária a que já se habituara «se precisares de alguma coisa telefona». Levantou-se e decidiu ir ver o que madame Simone queria. Atravessou o pátio lentamente, observando os cisnes lá ao fundo no pequeno lago interior, e a pensar na reacção dele. Pela primeira vez Aline sentiu um azedume na resposta de Thierry, e ficou na dúvida se seria resultado da preocupação que referiu ou qualquer contrariedade que teve e estava simplesmente a descarregar nela.

Qualquer coisa ali não estava certa. O Thierry que ela conheceu até agora era calmo e ponderado, não dispara tiros em qualquer direcção sem ver onde acerta.

Subiu as escadas antigas de madeira envernizada e entrou no longo corredor fazendo-se anunciar.

- Madame Simone...- chamou.- Sou eu a Aline.

Uma cabeça loira com o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo apareceu na porta da sala. Aline nunca ali esteve e a sensação foi agradável, cheirava a lar, a paz.

- Vem cá Aline. Quero falar contigo.

Entrou na enorme sala decorada com objectos antigos, certamente coisas que atravessaram algumas gerações. Uma lareira de granito acesa ao fundo da sala rectangular dava um ar acolhedor ao ambiente, sofás e estantes com livros completavam o conjunto do mobiliário. Ligeiramente ao centro, uma mesa de carvalho com cadeiras à volta, que, pela aparência deviam ser muito antigas.

Emanava um calor agradável do fundo da sala, vindo do lume que crepitava na lareira. A zona da Aquitânia era fria pela altitude a que se encontrava e apesar de ser Maio ainda estava frio em casa.

Simone deu-lhe um beijo na face enquanto lhe fazia um afago no braço.

Não fugiu retraindo-se como era habitual, sempre que alguém era mais meigo com ela, mas também não se reconheceu naquele momento e, admitiu que alguma coisa tinha mudado em si nos últimos onze meses.

- Ma petit chérie... não temos falado muito, mas queria saber como te estás a adaptar à vila e aqui... - e olhou para ela com aquele sorriso bonito que Simone tinha – o mesmo sorriso de Thierry-fixando os olhos azuis nela, à espera de adivinhar o que ela sentia.

- Bem... - começou meio envergonhada. - Sinto-me bem, têm-me tratado bem, mas desculpe Simone, porquê a preocupação? Aconteceu alguma coisa que eu não saiba? Querem-me mandar embora é isso? - deixou escapar aflita.

- Não querida. Está tudo bem. Estamos muito satisfeitos com o teu trabalho. Quer dizer... o Thierry está e, para nós isso basta. Chamei-te aqui porque queria convidar-te, pessoalmente – enfatizou o pessoalmente- para o churrasco que vamos fazer no próximo sábado. E não aceito recusas, o churrasco é especialmente para ti. Queremos que te integres na vila e nada melhor que seres apresentada às pessoas pessoalmente. É uma prática desde há muito tempo: acolher bem as pessoas de quem gostamos.

Ficou zozna. Para quem estava habituada a levar socos e pontapés até há pouco tempo, isto era no mínimo estranho. Não podia aceitar que tivessem trabalho por sua causa. Não veio para a vila para ter vida social, veio para se esconder e viver em paz.

Simone sabia dos movimentos que giravam na vila para a expulsarem mas não quis tocar no assunto, calculou que ela não soubesse e aproveitou a ocasião de estarem a sós para reforçar a sua disponibilidade.

- Há alguma coisa que possa fazer por ti?

Respondeu de imediato antes que ela fosse mais longe.

- Não. Está tudo bem. Não precisam de se preocupar comigo. – foi quase ríspida.

- Há uma coisa em ti que sempre me intrigou. Porque é que uma jovem como tu se vem enfiar nas montanhas longe de casa?

Aline tremeu.

- Não precisas de esconder. Ninguém aqui vai tratar-te mal ou julgar-te seja pelo que for. Desculpa estar

a insistir mas todos estão muito curiosos contigo. – afirmou com sinceridade.

Sinceridade que Aline percebeu nos olhos dela.

Sentiu-se encurralada. Não queria mentir, mas o que tinha para contar era tão sórdido que sabia que isso iria mudar a opinião dos outros acerca de si.

Simone mantinha-se em silêncio enquanto ela pensava. Apenas se ouvia o barulho da lareira que ia lançando pequenas faúlhas e estalidos. Lá em baixo no pátio, os perús começaram a grugulhar, sinal que alguém se aproximava.

- Deve ser o meu filho a chegar. Vou trancar a porta, não quero que nos interrompa.- levantou-se do sofá de pele e deu uma volta na chave. – Então?

Estás tão calada. Aconteceu alguma coisa grave que te levou a fugir de casa, não foi? – atreveu-se a afirmar.

Aline baixou os olhos em sinal de consentimento, mas disse logo de seguida: - Um dia eu vou contar a alguém, mas não é muito bonito, mas fique descansada não fui abusada sexualmente por ninguém se era nisso que pensava.

- É verdade, era nisso que pensava. Quando quiseres e precisares podes contar comigo. Espero-te aqui no sábado para o almoço. A roupa é informal e estamos ansiosos pela tua companhia.

Sem mais nada para conversar - afinal eram duas estranhas - Aline pediu licença e saiu de volta ao escritório.

Simone ficou a pensar sobre a rapariga, era demasiado tímida, parecia um bicho-do-mato e se não tinha sido abusada pelo pai ou pelo padrasto, que raio de coisa grave lhe aconteceu? A sua maior preocupação neste momento era Thierry. Ela e Gérard já tinham percebido o interesse que o filho mais velho demonstrava por ela. Falava muito nela. Na hora das refeições era Aline para cá, Aline para lá, e eles apenas sorriam sem dizer nada. A última ideia de Thierry era contratá-la a tempo inteiro ao que o pai o aconselhou a esperar mais um tempo e conhecer a rapariga melhor.

Aline desceu as escadas a dois e dois e quase ia chocando com Thierry que entretanto entrara.

- Olá. Estiveste com a madame Simone? – riu-se.

- Sim. – respondeu lacónica.

- Espero que não te tenha dado com o chicote.

Estavam os dois parados na entrada ao princípio das escadas, muito perto um do outro. Aline muito séria e desejando desaparecer dali e Thierry empatando-a como sempre fazia.

- Sim? Mais nada?...afinal sempre foste presa na masmorra do castelo da rainha Simone.

- Deixa de ser parvo Thierry, a tua mãe é alguma megera? – refilou a sorrir com as parvoíces que ele ia dizendo.

Não lhe conhecia este lado brincalhão.

- Ah! Afinal tens dentes. É bom ver-te a sorrir. E então contamos contigo para o churrasco de sábado? – perguntou esperançoso.

- Pois – fez um ar de resignação - se tem que ser. – disse tentando demonstrar enfado, mas sem sucesso.

Um sorriso leve denunciou-a. Tinha vontade de vir à festa.

- Tem. Fazemos questão. Faço questão. Porque é que te proteges tanto? És um enigma para mim. Porquê? Já nos conhecemos há tanto tempo e sempre que tento conversar sobre ti foges.

- Hoje é o dia das perguntas. – afirmou. – A Marie, a Simone e agora tu.

Um dia Thierry...um dia conto. Mas está tudo bem. Agora está. – e afastou-se para o escritório para se embrenhar no trabalho.

Thierry ficou a vê-la afastar-se e a pensar que não era fácil chegar até ela.

Havia uma ferida indelével mas profunda. Adivinhava-a e quase via o jorro da ferida quando lhe perscrutava o olhar. Queria ajudá-la mas ela não deixava.

Por vezes pensava que estava apaixonado por ela, mas outras sentia apenas carinho e vontade de a proteger e, foi essa vontade de a proteger que o levava todos os dias ao Bistrot do Garcia, até ela sair de serviço. Não a acompanhava a casa, mas fazia questão de saber que ela já estava em segurança. Dava-lhe dez minutos de avanço e depois saía do café fazendo o trajecto até à velha ponte, de carro. Ultimamente andava de moto – uma das suas paixões – pelo que era impossível passar despercebido. Thierry não sabia bem o que queria dela. Os pais já tinham insinuado várias vezes que ele estava a apaixonar-se por Aline, mas não sabia se era isso. Uma coisa sabia, ela era linda, tinha uma cara de anjo e um corpo de sereia, pelo que não seria sacrifício nenhum ir para a cama com ela. Algumas vezes não conseguia deixar de a olhar com desejo, mas, Aline era muito sagaz e percebeu o lampejo no seu olhar afastando-se ainda mais. Talvez sábado conseguisse aproximar-se mais, o ambiente era propício à descontracção e podia ser que o álcool ajudasse um pouco. Todos bebiam um pouco a mais nos churrascos.

## Capítulo 7

Os restantes dias da semana passaram depressa numa rotina de trabalho.

A preocupação com a festa não lhe saiu da mente e a vontade de declinar o convite foi surgindo à medida que a data se aproximava.

Era sábado de manhã, dia do churrasco. Tomou um banho demorado e depois de secar o cabelo pensou

na roupa que deveria vestir. Simone disse que era uma festa informal. Calça de ganga, blusa branca decotada e uma camisa de ganga desabotoada a servir de casaco era adequado à informalidade da ocasião. Optou por calçar botas de pele castanha de meio salto. Hoje parecia uma vaqueira. Riu-se de si própria e dos seus pensamentos. Um dia chamou vaqueiro a Thierry.

Perguntou a Marie-que passou a ser a sua conselheira em matéria de moda e decisões a tomar-se estava bem e foi encorajada. Marie disselhe que a roupa lhe dava um ar meio rebelde, mas uma rebelde com classe. Era bom e também uma novidade poder partilhar essas pequenas coisas com alguém.

- Estás linda filha. - Cuidado com os rapazes, vais ter muito trabalho hoje.

- e sorriu-lhe, como uma mãe faria a uma filha. - É bom sinal. Estás viva e de saúde.- e fez-lhe um afago na bochecha.

- Então até logo Marie. - e devolveu o gesto carinhoso com um beijo na cara de Marie.

Demonstrações de afecto era outra novidade em si. Habituar-se aos beijos das pessoas.

- Hoje vou de táxi. Uma extravagância.

- Mas vais voltar de carro. Alguém te há-de trazer de volta.

Aline aprendeu a defender-se da mãe em criança e sabia que para poder sobreviver tinha que ser duas pessoas - embora nenhuma agradasse à mãe -, uma que fazia tudo o que Rose quisesse, submissa e tipo gata borralheira e, outra, a verdadeira, quando saía para a cidade para trabalhar ou para conviver com os amigos; divertida e com sentido de humor, embora tivesse muitos dias de depressão profunda e não quisesse ver ninguém, estava sempre rodeada de pessoas. A sua beleza quase etérea granjeou-lhe muitos admiradores quando trabalhou no bar do hotel chegando a ter um séquito de homens a persegui-la para obter favores sexuais a troco de dinheiro. Envergonhava-se muito dessa parte da sua vida mas não podia mudar as coisas.

Aline era um autêntico espectáculo atrás de um balcão a servir bebidas, quer pelas coreografias que fazia com os copos, quer pela sua própria figura: simples mas com classe, e sempre com uma resposta divertida na ponta da língua para os piropos que lhe mandavam. Divertia-se muito nessas noites e muitas vezes acabava o serviço com uma cuba livre na mão e um cigarro na outra, rodeada de um grupo de homens que ficavam até o bar fechar ou serem postos na rua. Ficavam para estarem com ela.

Perpignan é uma cidade de costa com muito turismo e que atrai gente com dinheiro. Todo o dinheiro que ganhava das gorjetas ficava com ele e guardava-o para o dia em que decidisse ir embora. Tinha uma conta aberta no banco e depositava o dinheiro diariamente no cofre nocturno, não podia levar para casa mais do que o ordenado. Sair dali passou a ser uma prioridade desde que o pai falecera.

Rose, sabia que a filha trabalhava no bar e apesar de estar sempre a dizer-lhe o quanto era ordinária por trabalhar no meio dos homens, sabia-lhe bem o dinheiro que Aline levava para casa, permitia-lhe viver bem, pagar as contas e ainda ajudar o filho mais novo que só a procurava quando precisava de dinheiro. Jardel era uma espécie de chulo de mãe e um dos irmãos que hoje admitia não gostar. Mais uma vez, quando a sua vida ia sofrendo pequenas alterações para melhor, o passado surgia sempre em lampejos. Todos os dias as lembranças lhe martelavam na cabeça a consciência pesava-lhe e, por mais que dissesse

a si própria que o passado ficara lá atrás, não conseguia deixar de se sentir uma fraude, como se não fosse digna de conviver com as outras pessoas.

Deu a volta à enorme casa e entrou pelo pátio. Os perús e as galinhas tinham desaparecido e, para além do frondoso salgueiro que pendia para o centro do pequeno lago interior-onde o casal de cisnes catava os piolhos das penas - duas enormes tendas brancas assentavam numa carpete verde a imitar relva. Afinal a simplicidade que Simone lhe falara devia ser apenas no vestuário.

Como por magia aquele espaço enorme onde durante um dia de trabalho circulavam máquinas, pessoas e animais, transformou-se num maravilhoso cenário de festa. Aline não era rapariga para se deixar intimidar mas ficou constrangida com a sumptuosidade do espaço. Parecia decorado para uma festa de casamento. Aline tinha uma cultura acima da média. Apesar de ter frequentado apenas a escola profissional lia muito. Podia manter uma conversa sobre qualquer tema e até defendê-lo apaixonadamente se fosse necessário. Os anos de trabalho no bar também lhe permitiram aprender muito sobre política, economia, artes, poesia, entre muitos outros assuntos, através das conversas que ouvia aos clientes. Não podia por tampões nos ouvidos, então o melhor era aproveitar e beber dos outros o que valesse a pena.

Mas ali ninguém conhecia a outra Aline. Só a Aline tímida que tinha fugido para as montanhas.

Já circulava muita gente pelo espaço. Por alto Aline quase apostava que estariam ali umas cem pessoas. Cada tenda continha quatro mesas redondas para doze pessoas, se todas as mesas ficassem ocupadas o número em que pensou estaria certo. Então, afinal, não era um simples churrasquinho, era um festão ao uso dos Morin, como lhe disse madame Marie quando falaram sobre a festa. No canto virado a oeste um vitelo assava num espeto de metal gigante, por cima de uma fogueira enorme. O cheiro a carne assada inundava o ar activando-lhe as papilas gustativas.

Parado a uma ponta da tenda -cuja aba frontal estava enrolada-estava um homem alto, musculado e com um olhar maroto. Sentiu que ele pousou os olhos nela e não os desviou mais assim que a viu. O homem sorriu-lhe com um ar dengoso sem sequer mover um músculo do corpo ao mesmo tempo que conversava com uma loura alta, bonita, vestida com roupa desportiva sofisticada. Aline não se moveu da entrada do pátio. Não pertencia ali e, a ideia de recuar em direcção à vila, sem que dessem pela sua falta, pairou sobre ela. Bastava rodar sobre si e sair pela porta. Ninguém iria dar pela sua falta. Conhecia apenas alguns trabalhadores com quem não tinha intimidade e Thierry que parecia não estar por perto. Duas garçonetes circulavam com bandejas com *pastis* em pequenos copos e, quando uma delas passou perto do homem ele apanhou dois copos, pediu licença à loura e foi na direcção de Aline. Se tivesse um buraco tinha feito como a Alice do País das Maravilhas: saltava lá para dentro. Sempre funcionou melhor de noite. De noite era rainha e não tinha medo de nada. A mãe costumava dizer que «de noite todos os gatos são pardos» e tinha razão, era por isso que de noite se libertava e surgia a outra Aline. À luz do dia era um pouco mais difícil.

Desviou o olhar com esperança que o homem mudasse de direcção.

Talvez estivesse a ver mal. Mas não estava.

- *Bon jour mademoiselle...* - e apertou-lhe a mão com firmeza à espera que ela dissesse o nome.

E ela disse.

- Aline. Aline Gauthier. – e fez alguma pressão para tirar a mão sem conseguir.

- Encantado. Neymar Pasquet. Sou amigo da família. E você?

Perguntou mostrando um olhar de interesse demasiado próximo do seu rosto. Aline recuou. No ar havia uma mistura de perfume caro e álcool.

- Sou empregada.

- Ah! Deve ser a famosa Aline de que todos falam na cidade. – disse sem qualquer filtro, deixando-a boquiaberta.

- Falam sobre mim?- quase gritou. – E falam sobre o quê?

Neymar percebeu que não tinha sido muito hábil. Apressou-se a remediar o assunto quanto antes.

- Não se irrite senhorita. Falam no bom sentido. Falam da sua beleza e olhe que tinham toda a razão. O comité das beatas já fizeram inclusive um abaixo-assinado para...

- Pronto Neymar. – disse um homem que Aline não conhecia, e que se aproximava dos dois. Acho que te estão a chamar lá dentro, a minha mãe quer falar contigo. – despachou-o.

Aparentemente estava a ouvir a conversa dos dois e veio apagar o fogo ateadado por Neymar. Aline percebeu que ele tinha vindo por cobro à verborreia sem sentido de Neymar antes que acontecesse alguma tempestade.

- Não ligue ao Neymar. Já bebeu um pouco e quando bebe fica sem filtro no cérebro, diz tudo o que lhe vem à mente. Fora isso é um excelente homem.

Aline, não é?- disse o desconhecido.

Esperava que não fosse outro maluco como o tal Neymar.

- Desculpa...posso tratar-te por tu?

Ela assentiu.

- Serge Morin. É um prazer.

- Ah! És tu o irmão de Thierry. O homem dos aviões. – disse aliviada.

Os irmãos eram muito parecidos. Alto e com o cabelo castanho meio ondulado como o irmão, face ligeiramente mais quadrada - mais parecido com Simone-e, uns olhos castanhos quentes e muito penetrantes. Um homem interessante pensou. Thierry tem os olhos azuis como o pai e se não fosse essa diferença e o facto de Serge estar muito branco – ao contrário do irmão-seriam quase iguais.

Serge deu uma pequena gargalhada e disse.

- É isso mesmo. Detesto que me chamem por engenheiro ou doutor.

Queres uma bebida? – perguntou apanhando dois copos da bandeja.

Estendeu-lhe um e disse: - O Neymar nem te deu o pastis que trouxe para ti...mas prova este. É delicioso. Trouxeram os meus pais de Portugal o ano passado.

Aline levou o pequeno cálice aos lábios e saboreou. Sabor adocicado.

Reconheceu-o de imediato.

- Porto Calém.

- Uau!! Quem diria! Foi pura sorte ou és conhecedora.

- A segunda. – disse calmamente.

Uma música de fundo surgiu e Aline reconheceu-a de imediato e começou a trauteá-la.

- Bom. Também cantas! Que mais surpresas vou ter hoje?

- Oh! Nada disso. Gosto de Charles Aznavour. É intemporal. É um homem cheio de charme. O meu pai adorava as músicas dele. Desde miúda que as oiço.

- É verdade. Os meus pais também são fans incondicionais. Sempre que há uma festa, temos que ouvir. Também gosto...-fez uma pausa-mas aposto que alguns dos mais jovens já estão a reclamar.

- Parece-me que não conheces ninguém por aqui, não é verdade?

- Além dos teus pais e do teu irmão, não.

- Anda. – e pegou-lhe na mão.

Um toque suave e quente. Reconfortante. Fazia tanto tempo que um homem não lhe dava a mão com tanta delicadeza e à vontade. Serge percebeu o efeito que teve nela. Sentiu-a amolecer ao fim de segundos de lhe ter pegado na mão.

Mulherengo assumido – mas amando uma de cada vez como dizia sempre que o atacavam com insinuações-ainda estava solteiro aos trinta e quatro anos. Os pais pressionavam-no para que assentasse. Respondia que enquanto houvesse mulheres bonitas na terra, não se podia dar ao luxo de se reservar só para uma.

Claro que a seguir vinham as lições de moral os exemplos que lhe deram e um desfiar de razões que algumas vezes não foram pacíficas nas discussões. Há muito que Simone e Gérard rezam para que apareça uma mulher especial que o consiga parar. Querem netos e nenhum dos filhos lhos dá.

Ao fundo da tenda Neymar fez-lhe adeus enquanto dançava com uma jovem morena com ar yuppie. Parecia um tonto aos saltos.

Serge apresentou-a a amigos da família, os Pasquet, os Duchamps e outras pessoas com representatividade política, económica e social na vila e, finalmente quando se iam sentar debaixo do salgueiro esperando o almoço ser servido, Thierry surgiu no recinto acompanhado da loura que há pouco estava com Neymar. Serge continuou a fazer as honras da casa e aproximou-se deles chamando-os.

- Quero apresentar-te a noiva do meu irmão. Sylvie Duchamps, Aline Gauthier. - disse dirigindo-se às duas.

A loura olhou do alto do seu metro e setenta e oito e, olhou de soslaio para Aline dizendo apenas: - Olá.

O olá, mais frio e com desprezo que alguma vez recebeu de uma mulher.

Thierry fuzilou o irmão com o olhar. Aline percebeu a animosidade dos dois mas não entendeu o motivo. Serge ficou a rir-se de forma jocosa e disse: - A nora preferida da minha mãe. Pode ser que desta vez tenha sorte, não é Sylvie?

- Vai-te catar Serge. Falas demais. – disse Sylvie com animosidade.

A mulher levantou o queixo altivo e fuzilou-o com os olhos. Um ar de guerra pessoal pairava entre eles. Qualquer coisa lhe escapava.

De seguida, a loura puxou pela mão de Thierry e arrastou-o até junto de Simone a alguns metros de distância. Serge piscou-lhe o olho com um sorriso maroto. Subentendeu que exista algo que não era do seu domínio. De uma coisa ficou ciente: Serge não gostava da loura, ao contrário de Thierry que parecia um cachorrinho a segui-la.

Aline ficou atónita. Noiva? Não era da sua conta. Mas doía. O seu par na dança não a informou que estava noivo! A raiva passou-lhe novamente pela mente, raiva aos homens. Thierry andava a mandar-lhe sinais dúbios, mas, a tola foi ela que acreditou existir alguma coisa a ligá-los.

-Vais ficar sentada a meu lado, não há discussão sobre isso.- disse Serge.

- Não quero que fiques sozinha e...-hesitou.- É impressão minha ou ficaste decepcionada quando viste o meu irmão com a Sylvie?

- Bem...não te escapa nada! És sempre assim tão atento às pessoas?-

observou.

- E tu és sempre tão misteriosa e evasiva?- retorquiu enfatizando a palavra misteriosa mordendo o lábio no canto esquerdo de uma forma muito erótica.

Aline riu-se da forma como ele enfatizou a palavra misteriosa e ignorou o erotismo.

- Respondes?

- A quê?

- À pergunta que eu fiz sobre ti e o meu irmão. – Vá lá Aline.- pediu com as mãos postas de forma teatral para que ela se risse. – Quero saber se tenho alguma hipótese de suplantar o meu irmãozinho.

Aline meteu as mãos atrás das costas para disfarçar o nervosismo – não queria responder e começou a rodopiar com a bota do pé direito fazendo desenhos na alcatifa verde observado os pelos a baixarem e a levantarem quando aliviava a pressão. Olhou para ele e avaliou-o enquanto homem.

Céus! Há quando tempo não olhava para um homem! Serge era um homem muito bonito, tal como o irmão. Os dois tinham herdado a beleza da mãe e o porte atlético do pai. Não ficara indiferente, mas tinha que admitir que era um pouco velho para ela, já tivera uma experiência com um homem mais velho que não acabou bem e não estava disposta a repetir a burrice; mas um pouco de flirt não magoava ninguém e estava a precisar de ser cortejada, fazia-lhe bem ao ego, por isso ia deixar as coisas acontecerem até um determinado patamar. Até onde pudesse recuar sem se comprometer.

Estava sozinha desde que deixara Étienne plantado no café no dia a seguir a ter apanhado uma sova brutal da mãe. Esperava que ele ficasse do seu lado e a ajudasse a sair de casa. Não era propriamente uma donzela inocente a precisar de ser salva por um cavaleiro de armadura, mas quis testar o amor que ele lhe declarava há dois anos. Tudo falso. Como Elaine, a colega do bar já lhe dissera algumas vezes, ele era um frouxo e só queria sexo. Custou a acreditar, passava tão pouco tempo com ele - do pouco que lhe sobrava do trabalho e dos estudos-iam directo para o quarto dele quando estavam juntos.

Na realidade apenas conhecia bem o corpo de Étienne, cada centímetro da ponta dos cabelos pretos até outras pontas... por o sentir distante foi com Michel e com outros que iam surgindo; afinal, Étienne era um covarde como todos os outros e parecia só querer o corpo dela. Mas não era isso que ela queria dele, também? Não o amava, amava o sentimento. O amor, esse ainda não o tinha encontrado, pelo menos um que valesse a pena. Recordava-se bem daquele dia longínquo como se fosse hoje. Assim que lhe voltou costas o telemóvel começou a tocar deixando uma mensagem de seguida. Era Étienne.

Não atendeu e tomou uma decisão. Ia desfazer-se do telefone para que ele não a voltasse a contactar, mas, antes leu a mensagem, queria saber até que ponto ele era dissimulado.

*Espero por ti depois de saíres do bar. Amo-te.*

*Étienne.*

Não lhe faltava prosápia. Que cretino. Entrou no carro para se dirigir a casa e quando passou junto ao lago dos flamingos atirou-o lá para dentro. Nem se preocupou com a questão ecológica, só depois pensou no disparate que fez.

Desde esse dia -já fizera onze meses-que não tinha telemóvel.

- Então? – questionou-a. – Parecias a milhas daqui? Algum namorado antigo no pensamento?- sondou.

Serge tinha urgência em saber o que ela sentia pelo irmão. Conhecia bem as mulheres e sabia bem quando elas tinham outro homem no pensamento. Não foi alheio ao lampejo de tristeza que lhe viu no olhar quando o irmão apareceu com Sylvie. A odiosa Sylvie.

- A resposta é não. – aventou com um sorriso.

- Não a quê.

- Não a tudo.

- Puffff! Fico mais descansado! – exclamou. – Estou a reservar oficialmente a tua companhia por hoje, antes que mudes de ideias.- avisou-a.

- E não perguntas se quero? Não tenho voto na matéria? – brincou.

A antiga Aline estava a começar a aparecer de novo.

- Cara menina, se conhecesse Serge Morin, sabia que ele não pede, toma.

– e deu-lhe um beijo suave e quente na palma da mão.

Estava tão carente de afecto que se sentiu no paraíso com esse simples contacto. Era esse afecto que ela buscava no sexo com os homens, como tinha sucedido com Michel e depois com mais uns de quem não guardava memórias a não ser dos orgasmos que teve, e dos arrependimentos a seguir.

- Estás a ver ali aquele grupo de jovens? – apontou. – Anda. Vou apresentar-te, tens que socializar. – e rodeou-lhe a cintura com o braço conduzindo-a até ao grupo.

Serge queria marcar território. Mostrar aos outros que ela lhe pertencia neste dia.

- Quero apresentar-vos a estrela da festa. - disse junto ao grupo de jovens.

- Para com isso Serge. – disse envergonhada.- O que é que as pessoas vão pensar de mim? Deixa as coisas surgirem naturalmente. - e fez um ar de carranca.

Duas raparigas e três rapazes que conversavam animadamente viraram-se rapidamente e uma delas disse efusivamente: - Aline! Que bom ver-te fora do trabalho. Já não era sem tempo. Espero que este dia marque o teu regresso à vida social. À vida amiga! - e abraçou-a pelos ombros com carinho.

- Nicole. Não sabia que vinhas à festa. - disse admirada de ver ali a filha do patrão, e agora sua amiga.

Realmente a vila era pequena e as pessas pareciam estar ali quase todas.

- Já se conhecem?- perguntou Serge.

- Sim. Trabalho para o pai dela no Bistrot. – e desviou-se um pouco de Serge chegando-se para o lado de Nicole que entretanto fez o resto das apresentações.

- A minha amiga Aline.

Um a um foram trocando cumprimentos.

- A Aline é a melhor e mais eficiente empregada que já tivemos até hoje. -

elogiou-a. - Têm que provar os deliciosos cocktails que faz.

Aline ficou meio atrapalhada e cutucou-a no braço para ela se calar. A última coisa que queria era que ficassem a saber que era especialista em bebidas.

Sylvie apareceu vinda do nada, espampanante e com a altivez que já lhe tinha reconhecido e, puxou o braço de Serge, que encantado com tanta jovem bonita, nem lhe prestou atenção.

- Serge, o almoço vai começar e o teu irmão faz questão que estejas na nossa mesa. – disse com arrogância e sentido de posse face aos dois homens. -

Só tu. - enfatizou o tu.

O objectivo era excluir Aline, o que não passou despercebido a ninguém.

- Ah bom! Se é assim vou para outra mesa – fez uma pausa - a não ser...

que a Aline vá para a nossa mesa, também. – e pegou-lhe na mão.

O toque de Serge – que não fazia cerimónias com as mãos - começava a ser familiar, ao fim de quase uma hora na sua presença. Tudo servia de desculpa para ele lhe tocar e, amiúde havia um roçar de braço, de mãos ou a respiração dele, perfumada, perto dos cabelos dela. Naquele momento a atenção que lhe estava a dispensar salvou-a de se sentir sozinha. Mas, não deixou de pensar que ele parecia um furação, ao contrário de Thierry mais parecido com um lago tranquilo. Serge pegou-lhe pela mão e puxou-a na direcção da mesa e Aline olhou constrangida para Nicole, como a dizer-lhe «eu preferia ficar com vocês» mas seguiu-o. Uma mistura de sentimentos começou a invadi-la: o desejo de estar com jovens da sua idade e a necessidade de atenção por parte de um homem mais velho, como Serge, que sabia bem o que uma mulher gostava e precisava.

- Vai lá Aline. Já nos juntamos depois do almoço. – disse Nicole.

Nicole sabia da fama de Serge e, estranhou Thierry estar acompanhado de Sylvie depois de tantos anos de terem acabado o namoro. Algo estranho se passava naquele dia com a família Morin.

Na mesa estavam os pais de Serge, Thierry e Sylvie com o seu ar empertigado.

- Minha querida. – disse Simone dando-lhe um abraço leve. Já tinha perguntado por ti. Senta-te aqui. – e apontou o lugar entre os dois filhos.

*Oh Meus Deus!- pensou. Será que está a ver por qual dos dois me decido. O que é que esta senhora pensa que está a fazer?*

Aline pediu licença, sentou-se e sem querer roçou no braço musculado e macio de Thierry. Sentiu um arrepio na espinha e uma grande confusão na mente. Aquele braço fortemente musculado, moreno e quente era uma tentação e imaginou-se a passar as mãos pelos braços e pelo peito onde se vislumbravam alguns pelos que apareciam pela abertura da camisa. Devia estar maluca, o homem tinha a noiva ali ao lado. Se tivesse juízo fugia dali, mas uma vontade enorme de brigar por ele surgiu.

Simone estava numa amena cavaqueira com Sylvie – a sua nora preferida como disse Serge – acerca de moda e, Serge falava com o pai acerca dos aviões. Thierry olhou para ela e sorriu com doçura, como sempre fazia, aquele olhar que ela conhecia tão bem. Aline devolveu-lhe o sorriso e quando os olhos

azuis dele se encontraram com os dela sentiu uma inquietação e a pulsação a subir. Ele inclinou a cabeça e chegou os lábios ao ouvido dela, fazendo-a estremecer.

- Parece que estamos sozinhos. Esqueceram-se de nós... estás muito bonita hoje.

- Obrigado. – agradeceu num murmúrio não fosse a namorada dele armar um escândalo.

Escândalo não queria. Na última semana deu consigo várias vezes a pensar nele, o que não lhe agradava de todo. Com a proximidade e o perfume dele a pairar no ar inebriando-a, estava a sentir uma inquietação conhecida e da qual tentava fugir. Queria distância de homens, mas as suas hormonas não lhe davam descanso.

O almoço começou a ser servido e todos se empenharam em comer a deliciosa carne de vaca assada. Por todo o lado ouviam-se risos e pessoas a conversar, a algazarra era enorme e em conjunto com a música tornava-se difícil as pessoas manterem uma conversa perceptível, pelo que cada vez mais subiam o tom de voz. Festas com franceses eram sempre muito barulhentas, sobretudo depois de uns copos de bom vinho da região.

Na mesa do canto esquerdo Neymar parecia ter holofotes em vez de olhos, sempre cravados nela. Aline atribuiu ao álcool que ele já tinha ingerido mas vieram-lhe à memória os anos em que trabalhou no bar do hotel e, recordou-se dos homens que a procuravam e que lhe faziam propostas. Elaine, a amiga e colega de trabalho-também barmaid-dizia-lhe que ela ainda havia de fisgar um rico. Na verdade foi assediada muitas vezes com piropos mais subtís e, outros mais descarados que lhe chegavam a dizer ao ouvido - depois de lhe pedirem que fizesse um cocktail com aquelas coreografias que só ela sabia fazer-obscenidades como uma vez um homem de meia-idade frequentador assíduo do bar lhe disse: - Se tu te dobrares bem como quando fazes essas maravilhosas bebidas, deves dar uma boa foda.

Dou-te quinhentos francos se foderes comigo hoje. – e ficou a olhá-la com ar guloso à espera que ela concordasse.

Aline não respondeu. Pôs-lhe a bebida na frente batendo com o copo com força, chamou Elaine para a substituir por uns minutos e foi vomitar para a casa de banho.

Sentiu um hálito quente no ouvido e estremeceu. Os pensamentos do passado estavam ali, na sua mente, mais uma vez.

Era Serge a sussurrar-lhe: - Uma moeda de ouro pelos teus pensamentos. Estavas longe outra vez.

- Impressão tua. – mentiu descaradamente. Não podia contar-lhe o que lhe ia na alma.

- Sim claro, e eu sou o Pai Natal. – desconversou.

Aline ficou atónita com a capacidade que ele tinha de perceber quando ela estava ausente. Era muito perspicaz e não guardava nada para si. Muito diferente de Thierry que era um túmulo.

Mas porque é que estava a compará-los?- pensou. Não estava interessada em nenhum deles. Ou estaria a avaliar por qual se decidir? Os dois eram demasiado velhos para ela. Serge tinha mais oito anos e

Thierry dez e a diferença de idades era sempre um entrave à relação, sabia isso por experiência própria.

O almoço ia no segundo prato. Tomate recheado «da nossa estufa» disse Gérard. Aline já não conseguia comer mais. Tinha devorado um succulento bife – resolveu concentrar-se na comida para não pensar que estava entre os dois irmãos-e ainda queria provar algumas das deliciosas sobremesas que estavam expostas , mas, por outro lado estava ansiosa que o almoço acabasse e pudesse escapar-se para junto de Nicole e do seu grupo. Tinha um pressentimento que o dia não iria acabar bem e aqui não estava protegida pelo balcão. No hotel, no final da noite fugia muitas vezes pelas traseiras para escapar a algum cliente mais embriagado, quando não decidia sair com algum que lhe agradasse mais.

Thierry não lhe dirigiu mais a palavra, mas fazia questão de lhe lembrar que estava ali: ora roçava a perna nela, ora o braço e, Aline começava a pensar que não era intencional, muito pelo contrário, ele fazia de propósito e o facto começou a incomodá-la. Tinha a noiva ali ao lado e estava a roçar-se nela? Os irmãos Morin tinham um problema qualquer com mulheres, ou então eram doidos e ela não sabia. A certa altura em que a mãe e a namorada de Thierry tinham voltado ao assunto da moda Parisiense, ele apertou-lhe a mão debaixo da mesa. Aline ia dando um salto, mas ele voltou a apertar-lha e só depois a tirou. No mesmo instante em que ele tirou a mão, Serge voltou à carga e disselhe ao ouvido: - A primeira dança é minha. - disse como qualquer macho alfa que marca território junto da sua fêmea.

Nem sabia que havia um baile e ficou incomodada com a atitude dele.

Queria sair dali o mais rápido possível mas não podia dar nas vistas. E o raio do almoço que não acabava!

*Onde é que esta gente mete tanta comida?*

Voltou a pensar pousando os talheres alinhados em sinal de que tinha terminado a refeição.

Durante todo o tempo do almoço, a loura, namorada de Thierry – recusava-se a dizer o nome dela - ignorou-a sempre e, a certa altura fez questão de meter conversa com ela, mais para ficar bem vista perante Simone do que pelo interesse em conhecê-la - E então minha querida, está a gostar da sua festa? Parece que lhe dedicaram esta festa. – perguntou e imediatamente virou a cara para Thierry concentrando-se em dizer-lhe qualquer coisa ao ouvido que o fez ficar sério, mostrando que não esperava continuar a conversar com ela.

Serge não tinha pejo em dizer o que quer que fosse e viu que Sylvie estava a ser cínica, por isso despejou o que sentia: - Pensava que tinhas mudado um pouco Sylvie. Continuas a mesma arrogante. Se não queres saber a resposta porque é que perguntas? - disse em defesa de Aline e, desta vez marcou pontos junto dela.

- Ora Serge! Não sei do que falas querido. – disse coquete.

- Para alguém que lida com estrume estás muito fina. Devem ser os ares de Paris. – e levantou-se da mesa, pedindo licença a todos.

Simone percebeu que era altura de passar às sobremesas para aliviar os ânimos carregados. Começava a arrepende-se de ter convidado Sylvie.

Mesmo depois do término do namoro dela com Thierry mantiveram o contacto e pensou convidá-la, mas só percebeu que não devia tê-lo feito quando Thierry lhe disse de forma muito educada que não ia desfazer o convite, mas que não a voltasse a convidar sem lhe perguntar primeiro. Thierry era sempre muito polido e cavalheiro e nunca contou aos pais o verdadeiro motivo do término do namoro há seis anos, quis preservar a reputação dela, sabia que iria ficar mal falada e inventou uma desculpa verossímil para toda a vila e para a família: incompatibilidades de personalidade. Serge sabia que ela tinha traído o irmão com um executivo de Paris e, estranhou a mãe insistir em manter a presença daquela família entre eles. Conhecia as mulheres à distância, tinha uma espécie de dom – como os amigos lhe diziam-para as entender e, ao olhar para Aline, viu um poço de carência à espera de ser preenchido. Por outro lado, o olhar dela revelava experiência com homens, nada tinha de inocente em matéria de sexo. Um homem sabia quando uma mulher possuía a centelha da luxúria e Aline fazia tudo para a disfarçar sem no entanto conseguir.

- Dão - nos, licença? – disse Serge para os pais.

Pegou na mão de Aline, ajudando-a a levantar-se da mesa.

- Vamos, querida. A mesa das sobremesas espera-nos.

Com familiaridade e deixando todos boquiabertos, pegou-lhe pela cintura e saíram da mesa.

Serge, o velho Serge, exibia o troféu que conquistara: Aline.

Thierry ficou a chispar de raiva por não ter a iniciativa que o irmão tinha.

## Capítulo 8

Terminado o almoço, seguiu-se a tarde de dança uma tradição nas festas dos Morin. Permanecer no recinto da festa ia trazer-lhe problemas com Serge e com Neymar. Rapidamente estaria no meio de uma disputa entre dois homens, situação que poderia ser muito constrangedora e que podia condicionar a opinião das pessoas presentes.

Gérard levantou-se e começou a bater no copo com um garfo e dirigiu-se na sua direcção. As atenções viraram-se para ele e seguiu-se o esperado discurso que Aline já tinha suspeitado que iria acontecer pelos comentários que ouviu aqui e acolá.

- Meus amigos! – elevou a voz bastante. – Obrigado pela vossa presença, espero que a carne estivesse do vosso agrado, mas quero brindar à pessoa que nos juntou aqui hoje. – e pegou na mão de Aline levantando-a para que todas a vissem.

- *A toi* Aline! Esperamos todos que sejas feliz connosco. – e bebeu um gole de vinho rosé espumoso.

Todos o imitaram levantando o copo em direcção a ela.

Imediatamente se ouviram vozes em uníssono: - Discurso! Discurso!

Os músculos das costas e dos braços ficaram tensos em resposta ao stress da situação, não se sentia preparada para se expôr daquela maneira e um nó no estomago veio terminar com o resto. De repente estava no meio de um dilema: não queria estar ali, pelo menos daquela forma exposta, mas também não podia ser ingrata com a família, estavam a acolhê-la de uma forma que ela nunca sonhou. Tonta pela emoção – e pelo vinho rosé já ingerido-olhou em volta à procura de alguns olhos que lhe devolvessem alguma segurança.

Encontrou Nicole que lhe piscou o olho como sinal que estava ali com ela e quando se preparava para agradecer as palavras gentis de Gérard sentiu uma mão forte e quente no braço direito: Thierry estava junto a ela e tinha a mão pousada gentilmente no seu antebraço. Rodou a cabeça ligeiramente na direcção dele e ao cruzar o olhar com o dele sentiu-se em casa. Humedeceu ligeiramente os lábios carnudos com a língua e sentindo-se amparada disse: - Obrigado a todos mas especialmente ao Thierry – e sorriu-lhe - ao Gérard e à Simone pela forma como me acolheram. - a voz falhou um pouco, ficou emocionada. – Queria agradecer também as três pessoas que não estão aqui hoje, Marie, Antoine Garcia e Amélie.

- E eu? – diz uma voz conhecida vinda da multidão. – Fui eu quem te recebi aqui, já te esqueceste de mim? Tenho um azar com o sexo feminino! – disse Serge.

Gargalhada geral. Serge estava a fazer as suas palhaçadas como era hábito.

- Eu também mereço. – e aproximou-se dela pelo lado contrário ao que o irmão estava. – Afinal fui eu que te aturei toda a manhã. – rematou a rir.

Aline resolveu entrar na brincadeira, estavam todos a rir e respondeu: - E obrigado ao Serge também antes que entre em depressão.

Mais gargalhadas.

- E agora música maestro. – disse Gerard para a pequena banda de baile que estava no recinto.

Ainda o pai não terminara de falar e já Thierry a puxava pela mão para alguns metros de distância de Serge.

A música dos anos setenta abriu o baile a pedido de Gerard e o conjunto começou a tocar « *A toi*, de Joe Dassin» um balada romântica com um poema fantástico que fala da vida e do amor.

Thierry enlaçou-a pela cintura e sem pedir licença conduziu-a para o meio da pista improvisada com estrados de madeira. Aline deixou-se conduzir e relaxou nos braços fortes e musculados dele fechando os olhos e seguindo a música. Sentia-se bem com ele como par de dança e começava a aceitar que também como homem. Thierry mantinha-a a centímetros dele enquanto dançavam a um compasso ternário e acidentalmente o queixo dele roçava na face dela fazendo-a corar. Pela primeira vez desde que o conheceu tomou consciência que era um homem másculo, gentil e bonito. Um friozinho na barriga fez-se sentir e finalmente a música chegou ao fim. Foram os cinco minutos mais longos e saborosos que passou

nos braços de um homem. Todo o sexo que fizera com outros e todos os orgasmos que tivera, não eram nada comparados com a segurança e carinho que ele lhe deu naquele momento.

Formavam um par perfeito e compatível na dança, parecia que o faziam há anos e, quando a banda deu os últimos acordes e ele afrouxou a pressão na cintura dela, Aline viu que eram o único par na pista. Surgiram salvas de palmas e a alguns metros Nicole gritava: - Bravo! Lindos! Um par perfeito. – e todos voltaram a aplaudir o par. – Temos par para representar a vila no concurso em Paris! – voltou a gritar Nicole.

A alguma distância Sylvie olhava rancorosa para o par. Aline agradeceu a dança a Thierry e dirigiu-se para junto de Nicole e dos amigos que a receberam com beijos e abraços.

A música continuou com um tema actual – conforme Gérard combinara com a banda-desta vez para os mais novos e a pista encheu-se de pessoas, inclusive Aline que acompanhou o grupo que alegremente se abanavam ao som do ritmo *hip-hop*. A dançar esquecia tudo. A dança foi a forma como sempre sublimou a imensa dor que assolava desde a infância.

A alguma distância Serge olhava pensativamente para ela – o que não passou despercebido a Aline-e Sylvie estava com o braço enganchado em Thierry para mostrar que ele era sua propriedade. Aline olhou na direcção deles enquanto dançava e verificou que Thierry apesar de estar de braço dado com Sylvie, estava com os olhos postos nela.

*Podes ser a noiva ou namorada mas ele não gosta de ti! Pedante!*

*Mulher horrível.* – atreveu-se a pensar.

O vocalista da banda informou que iam fazer um intervalo de dez minutos.

O grupo de jovens presentes na pista dispersou e, Aline sentou-se junto ao lago debaixo do enorme salgueiro a atirar pedaços de pão aos cisnes que prontamente os apanhavam.

Ao longe Gérard viu a jovem e aproximou-se. Já percebeu que os dois filhos estavam de olho nela e queria avaliar melhor quem tinha em casa, o pouco que conhecia da rapariga era a parte profissional – irrepreensível-mas havia qualquer coisa nela que o preocupava. Talvez fosse o seu semblante demasiado triste ou o mistério acerca da vinda dela para esta comuna na região da Aquitânia Francesa. E porquê esta zona e não outra? E porque é que uma jovem estava ali tão sozinha e desamparada em vez de estar perto da família? Todas estas questões já tinham sido discutidas com Thierry, mas este limitava-se a dizer que também não sabia e que se um dia ela quisesse contar, seria da iniciativa dela, não porque ele pressionasse.

- Sozinha? – questionou sentando-se na outra ponta do banco.

- Sim. Gosto deste cantinho. – respondeu. – Sento-me aqui muitas vezes.

- Sim eu sei. Mas hoje é dia de festa...olha quem ai vem...- e apontou para Serge que se dirigia na direcção deles.

- Ele é meu filho, mas não te deixes iludir...- avisou a sorrir.

- Não o vejo dessa forma Gérard, pode ficar descansado.- sossegou-o respondendo de forma directa.

Mas no entanto sabia que estava a mentir, também apreciava a atenção de Serge. Apreciava qualquer afecto que lhe dessem, embora agora conseguisse tomar decisões quanto a isso.

Serge sentou-se junto dela e passou-lhe o braço pelos ombros atrevido-se – mesmo em frente ao pai-a dar-lhe um beijo na face. Aline ficou corada mas não se mexeu de onde estava. Qualquer reacção sua chamaria mais a atenção das pessoas do que o beijo casto que ele lhe dera na face.

- A próxima dança é minha, a não ser que o meu pai já te tenha convidado.

Gérard olhou intrigado para o filho, nunca o vira ter tanto cuidado e persistência com uma rapariga da vila. Normalmente achava-as umas campónias e fazia-se acompanhar de amigas da cidade sempre que havia uma festa na quinta. Hoje devia ter sido uma excepção ou já estava cansado de estar sozinho.

- A próxima música é de Charles Aznavour «Mourir dáimer» e prometi à tua mãe que dançava com ela... é a nossa música.- esclareceu o filho com um brilho nos olhos.

Gérard e Simone Morin estavam apaixonados depois de trinta e oito anos de casados, sendo citados como exemplo por algumas pessoas e motivo de admiração de outros mais cépticos em relação aos casamentos longos.

- Sempre um eterno apaixonado pela mãe...um dia queria ter uma paixão para a vida, como tu. – disse com alguma inveja disfarçada de ironia.

- Se esta música é dos apaixonados talvez seja melhor esperar por outra.

Já volto. Com licença. – e levantou-se mal ouviu os primeiros acordes para espanto dos dois que não entenderam aquela reacção.

- Até já Aline. Vou para os braços da minha amada. – disse Gerárd num tom de gracejo.

Gérard foi ao encontro de Simone que já o esperava perto da pista com um sorriso de felicidade no rosto e Aline levantou-se com a intenção de ir à casa de banho retocar a maquilhagem. Avançou por entre as pessoas que estavam à volta da pista de dança e sentiu um braço a envolver-se a cintura.

Sensação conhecida e repetida hoje - pensou. Thierry agarrou-a com firmeza ao mesmo tempo que era gentil e disse: - Faço questão de dançar esta música contigo embora seja música dos idosos. – riu-se com a própria piada. - Não digas a ninguém, mas eu adoro as músicas francesas dos anos sessenta e setenta.- e puxou-a pela mão para a pista.

Aline ficou em silêncio. Qualquer coisa que dissesse seria desadequada.

Não lhe ocorria nada e hoje estava tudo a acontecer tão rapidamente que nem sabia muito bem analisar o que sentia.

Olhou profundamente nos olhos dela e puxou-a para si colando o seu rosto ao dela enquanto deslizavam suavemente pela pista. Os joelhos de Aline pareciam de gelatina e a confusão na sua cabeça surgiu. Mas afinal ele estava noivo de Sylvie e parecia comportar-se como se fosse apaixonado por ela? O

que é que estava a acontecer hoje?

A música era tão melodiosa e a letra tão sugestiva com um poema lindíssimo – uma ode aos apaixonados – que se deixou embalar pelos braços fortes dele. Fingiu que estava apaixonada e disfrutou do momento, mas no íntimo perguntava-se se estava a fingir ou se estava mesmo apaixonada por ele.

O resto da tarde passou-a a evitar Neymar Morel que, finalmente tinha desaparecido podre de bêbedo e a conversar com Nicole. Aquela dança com Thierry tinha sido a última, ele agradeceu-lhe no final, beijou-lha testa e disse: - Um sinal do respeito que tenho por ti. – e desapareceu para os lados da casa da família.

Há mais de uma hora que não o via. Que raio de coisa para se dizer a uma mulher depois de dançar com ela como se fossem fundir um no outro.

Definitivamente não tinha percebido o que ele dissera.

- Fala-me do que sentes por ele. – disse Nicole.

Estavam sentadas no banco debaixo do velho salgueiro entretidas a mandar pedaços de bolo aos cisnes. Um passatempo que já vinha sendo hábito em Aline, sobretudo na hora de almoço para descontrair um pouco.

- Não percebi.

- Vá lá Aline! A mim podes contar... prometo que guardo segredo. Eu bem vi como ele te rodeou todo o dia.

- Estás a falar de quem Nicole? – fez-se desentendida, não queria falar sobre o assunto.

- Do Thierry, quem mais poderia ser. Não me venhas dizer que tens algum interesse em Serge ou em Neymar. – falou abertamente. – Só tu não percebes a paixão recalcada que Thierry tem por ti! – exclamou. – A vila inteira sabe.

- Estás a brincar Nicole! – exclamou surpreendida. – O homem está com a noiva. – retorquiu.

- Coitada! Ele só tem olhos para ti. Ninguém percebe o que é que Sylvie está aqui a fazer, especialmente hoje. Todos sabemos que este namoro terminou há mais de cinco anos.

- Quem sabe se reataram! Parece que sim. – disse sabendo que Nicole podia ter razão.

- Queres mesmo saber Nicole? – encheu-se de coragem para falar.

Precisava de confiar em alguém e Nicole já dera mais que provas de ser sua amiga. Talvez compreendesse sem a julgar.

– Estou muito confusa. Especialmente hoje. Desde que o conheci que não sei que pensar. Parece carinhoso, preocupado, atento... comporta-se como se estivesse apaixonado por mim e a seguir

desaparece, como há pouco depois da última dança. Não sei porquê, mais dói vê-lo com aquela torre amarela que mais parece um peru a arrufar. Não combinam, mas também não é homem para mim. Sou eu que não mereço alguém como ele.

Nicole olhou para ela e riu-se. A amiga estava a ser tonta ou tinha algum problema grave de auto-estima. Todos sabiam que ele a adorava. Os olhos dele e os cuidados que tinha com ela, falavam por ele.

Thierry era conhecido na vila como um homem sério, responsável e trabalhador e, acima de tudo tinha uma figura de Adónis. Um bom partido cobiçado pelas raparigas da vila. Desde que terminara o noivado com Sylvie não lhe conheceram outra namorada e nem deu esperanças a mais nenhuma.

- Mas ele adora-te! Assim que foste trabalhar connosco que nunca mais deixou de ser freguês assíduo do Bistrot. Ainda não reparaste que sempre que lá estás à noite a presença dele é constante. Ele não ia lá tantas vezes...

sabias?

- As coisas que tu vês Nicole. Sinceramente estás a empolgar a situação.

É instinto de protecção da parte dele...ou coincidência. Não sei...não quero pensar sobre isso.

-Já ouvi chamar coisas piores à paixão. Sim. É protecção. Faz ele muito bem, não deixa que se aproximem de ti. – rematou Nicole a rir. – Aliás acho que foi o que aconteceu hoje, ele não te deixou dançar com outros homens e se reparaste fê-lo com muita subtilidade.

Nicole tinha razão. Pensando bem, só dançou com ele e não o viu dançar com mais ninguém, nem com a suposta noiva.

– Quem me dera que ele algum dia olhasse para mim, não pensava duas vezes. Seria fácil enamorar-me dele, para além de lindo é um homem com H

grande. Desculpa a sinceridade amiga. – e fez-lhe um afago no braço. – Mas se tu não quiseres vou tentar a minha sorte outra vez.

- Estas a dizer-me que qualquer dia ele se interessa por outra? Só um pormenor – e tocou-lhe na cara apontando para o fundo do pátio-olha quem está ali pendurada nele.

- E dai? Achas que ele vai querer uma mulher que não lhe foi fiel, outra vez? As pessoas daqui dão muita importância a essas coisas. Há aqui um mistério qualquer com ela e eu tenho que o descobrir, faz muitos anos que ela não é convidada, apesar dos convencidos dos pais dela o serem. – disse Nicole.

- Não sei nada dessas coisas. – descartou-se. - Ninguém é um poço de virtudes e eu não sou ninguém para julgar outros, ainda que não goste das pessoas.

Também ela não era santa e tinha dormido com alguns homens apenas para não se sentir sozinha.

- E eu também não sou a mulher indicada para ele.- continuou Aline. - Há muita coisa que vocês não sabem de mim. – custou-lhe a dizer mas sentiu-se mais aliviada.

Um dia tinha que desabafar com alguém, estava a ponto de explodir.

– Talvez um dia te conte porque vim para cá, mas agora ainda não consigo. – deixou escapar Aline.

Sentia-se como se estivesse a enganar as pessoas da vila que a consideravam uma rapariga decente. A mãe devia ter razão, ela atraía homens de má índole e o que aconteceu com Serge e Neymar hoje, a rondarem-na, deveria ser culpa dela, foi ela que os incentivou de alguma forma, por mais que não conseguisse descobrir qual. Se fosse há dois anos teria ido para a cama com um deles ou com os dois. Depois de uns copos no final da noite muita coisa podia acontecer.

Uma onda de arrependimento e vergonha subiu-lhe ao rosto. Estar rodeada de gente completamente diferente da sua família alterou-lhe a percepção dos valores que trazia. Mesmo que quisesse e, até podia estar muito bêbada, jamais voltaria a ir para a cama com um homem só para obter afecto e afastar a solidão. Depois do sexo feito e do banho tomado e roupa vestida, eles iam-se embora e a solidão ficava a dobrar.

- Atenção! A vossa atenção por favor! - disse Gérard. – Este ano temos representantes para o campeonato de dança de salão em Paris. – e apontou para o filho e Aline.

Thierry olhou na sua direcção e sorriu encolhendo os ombros demonstrando-lhe que sabia tanto como ela do anúncio do pai. Devolveu-lhe o sorriso e esperou que Gérard ficasse por ali. Engano seu.

- Não seria demais pedir-lhes que nos brindassem com uma amostra do que vão apresentar?

- Oh pai! Tu e as tuas invenções! Não temos nada ensaiado, nem sequer estávamos a pensar nisso. – protestou.

- Dança! Dança!

Levantou-se um coro em uníssono. Não tinham como escapar. Caminhou em direcção a ela. Passadas lentas e elegantes.

- E agora? – disse baixinho. – O que vamos dançar? Desculpa o meu pai.

É sempre um metediço.

- Não te preocupes. E que tal a cena do Dirty Dancing “ Time of my life”.

Treínamos a semana passada. Não está perfeito mas serve.

- Venceram-nos. Vou colocar a música.

Apesar de ser Maio as noites eram frias naquela região e às dezassete horas a festa estava terminada seguindo cada um o caminho da vila ou das respectivas quintas. No pátio apenas estavam os empegados do catering e os músicos a recolherem os instrumentos e a aparelhagem. Aline despediu-se de Gérard e Simone agradecendo a gentileza e rumou à vila como os demais.

Precisava de digerir o dia de hoje e nada melhor que uma boa caminhada até casa para pensar sobre a sua vida ali naquela pequena comunidade.

Era sábado mas ainda tinha que trabalhar no Bistrot a servir jantares.

Restavam-lhe um par de horas para chegar a casa, mas que suficiente, porque levava cerca de quarenta e cinco minutos, a pé, até à vila. A família recolheu-se ao piso superior – onde Sylvie também estaria-e Aline não conseguiu mais ver Thierry ou mesmo Serge. Arrancaram bravos e «hip urras» no final da dança e todos pareciam convencidos que eles iriam competir no campeonato em Novembro. A performance dos dois foi o final do churrasco e, em minutos o pátio ficou vazio. Ainda permaneceu um pouco no recinto na esperança que alguém aparecesse mas em vão. Evaporaram-se todos. Nicole convidara-a para regressar no carro com ela, mas recusou dizendo a verdade. Queria ir a pé.

- Tenho de pensar em tudo o que aconteceu hoje e até no que falamos as duas. Caminhar é muito terapêutico para mim. Obrigado na mesma, vejo-te logo à noite.

Iniciou a caminhada de quase três quilómetros e a beleza bucólica do campo juntamente com o silêncio e a solidão permitiram que ficasse inundada de pensamentos eróticos com Thierry. Como é que nunca tinha percebido que ele poderia ter interesse nela? Nicole tinha razão. Há onze meses, quer fizesse chuva, neve ou estivesse bom tempo, ele lá estava pontualmente às vinte e uma horas para tomar o seu café. É verdade que olhava para ela muitas vezes. É

verdade que a tinha convidado para trabalhar com ela. Mas será que não estaria a imaginar coisas?

Ele estava noivo e tinha que se conformar em apenas ter pensamentos eróticos com ele. A forma como ele passava as mãos pelo seu corpo quando dançaram era maravilhosa, fazia-a inclinar-se mais para ele e senti-lo mais colado a si. Quase podia jurar que na última dança sentiu o tamanho da excitação dele a fazer pressão no seu ventre e que ele murmurara qualquer coisa ao seu ouvido enquanto ela se pendurava no seu pescoço alheia ao que se passava à sua volta. E se alguém percebeu o roçar dos dois corpos demasiado colados? Sentiu-se enrubescer de vergonha. A certa altura percebeu que tinham passado a barreira da exibição e entraram num jogo erótico.

Mas porque é que tinha vergonha de algo tão simples e quase casto? Já fizera coisas bem piores como quando tinha tido feito sexo sem se despir com um individuo que estivera à espera dela no bar durante toda a noite com a promessa de a levar a dançar. Mal entraram na discoteca levou-a para o canto mais escuro do recinto e sentou-a no seu colo desviando-lhe a calcinha com o dedo e introduzindo o pénis de seguida. Não queria nem pensar nessa época da sua vida em que se sentiu a afundar na degradação que a mãe a acusava.

Rose enchia a boca com a palavra puta nos últimos seis anos, sempre que se cruzava com ela em casa. Ouviu-a tantas vezes que convenceu-se que o era.

Queria uma filha puta, pois aqui estava ela. Claro que ninguém à sua volta – nem as amigas-suspeitava que ela tinha uma vida dupla. De dia era uma rapariga normal e à noite era uma mulher desesperada por afecto. Bastava um homem dar-lhe alguma importância e elogiá-la era certo que conseguia levá-la para a cama nessa noite ainda.

Uma noite conheceu Pierre, homem de meia-idade, rico, charmoso e que se encantou com a beleza dos

seus vinte anos. Com negócios na área do turismo pernoitava com frequência no hotel e era presença assídua do bar.

Galanteio atrás de galanteio - que a faziam sentir a mais bela das criaturas à face da terra – e, na mesma noite aterrou na cama dele. Uma miúda carente de afecto, sem pai, com uma mãe que mais parecia uma serpente venenosa sem qualquer capacidade de empatia com as suas crias foi muito fácil de conquistar. Contentava-se com pouco e nem precisava de lhe oferecer presentes caros, as simples saídas para jantar em bons restaurantes deixavam-na satisfeita. Começava a ter uma vergonha enorme de tudo o que fizera no passado com os homens e, se pudesse voltar atrás faria tudo de forma diferente. No dia em que soubessem do seu passado decerto não a convidariam mais para festas ou falariam com ela sequer, sobretudo ele.

Imersa nos pensamentos do passado, dos quais já se começava a saturar, nem percebeu que um carro vinha em marcha lenta pela estrada da quinta. Estugou o passo e alcançou a estrada nacional. Mais quinhentos metros e estaria na vila. O carro passou por ela devagar e, uns metros à frente parou. Ao passar ao lado da viatura o vidro abriu-se e o rosto de Sylvie surgiu. Olhar mortífero e sorriso cínico. Aline soube naquele instante que se lhe iria dirigir. Não tinha medo da mulher, mas a situação era constrangedora. Agora sim sentiu-se uma puta. Afinal durante parte do dia estivera com o noivo dela.

- Não voltas a aproximar-te de Thierry. Ele mandou-me dizer-te que não vale a pena apresentares-te ao trabalho novamente.

Antes que Aline pudesse responder acelerou a fundo a arrancou com o carro a chiar pneus no alcatrão.

## Capítulo 9

A casa estava silenciosa e apenas a gata siamesa de madame Marie apareceu para a cumprimentar. Roçou-se nas suas pernas deu um miado de boas vindas e desapareceu. Estava desesperada por tomar um banho de chuveiro para limpar os pensamentos maus do passado que não paravam de surgir. A água tinha esse efeito: regenerava-a.

Durante o percurso para casa reviu em retrospectiva os acontecimentos do dia e a sensação de *deja vu* assaltou-a. Reconheceu uma certa semelhança entre o que estava a acontecer entre ela e Thierry e o que viveu com Pierre.

Ambos homens mais velhos, charmosos - em estilos diferentes - mas ocupados com outras mulheres. A noiva de Thierry não deixava os seus créditos por mãos alheias. Foi um acto ousado tê-la perseguido e abordado para a intimidar. A mulher era desagradável e farejou o perigo quando os viu várias vezes juntos. Pior para ela-pensou. Não ia afastar-se dele por causa dos ciúmes dela. A decisão cabia-lhe a ele. Amanhã iria averiguar a veracidade da ameaça e do despedimento. Se ela pensava que a intimidada estava muito enganada.

A gata voltou e não parava de miar, esfregando-se nas suas pernas. Os animais pressentem quando as pessoas estão com problemas. Fez-lhe uma festa e abriu o frigorífico para beber um copo de leite. Tirou a garrafa, encheu o copo e quando fechou a porta viu um bilhete de Marie preso com um íman.

*Má chérie Vou a Lourdes visitar a minha irmã e aproveito para rezar por nós todos. Cuida bem da casa e da Alice. Volto no domingo à noitinha.*

*PS-foi decisão de última hora, por isso não te avisei. Diverte-te.*

*Depois quero saber os pormenores da festa.*

*Bisous*

Ter a casa só para si e poder fazer o que lhe desse na cabeça era uma bênção, coisas simples - como ouvir musica mais alta ou ficar deitada no sofá da sala a ver um filme – mas que nunca tivera liberdade de fazer. Em casa dos pais o máximo que conseguia usufruir do sofá, era o tempo em que o pai via algum filme na televisão, e a mãe não se atrevia a mandá-la embora sob pena de o pai resolver ir embora também e poder ficar sozinha mais um tempo.

Estar ali, naquela festa e observar as famílias em interação remetia-a sempre para os primeiros dezoito anos da sua vida. Era inevitável não fazer comparações. Perdera muito por ter nascido ali, naquele sitio e naquela família. Tinha saudades do pai, que, tal como ela parecia deslocado naquela casa e naquele casamento. Denis Gauthier era um homem surpreendentemente culto, ao contrário de Rose Perrin que ignorava tudo que estivesse a mais de cem quilómetros de Perpignan e que Aline duvidava que alguma vez tivesse sequer aberto um jornal. Rose ainda era uma mulher bonita aos sessenta anos, embora consumida pelos anos de trabalho no campo prova que aos trinta devia fazer parar o trânsito, no entanto o mau feitio devia ter sido transversal à sua vida.

Nos últimos tempos Aline pensava que deveria haver um mistério qualquer na vida do pai. As viagens para o norte durante muitas semanas eram muito estranhas e hoje reconhecia que a mãe tinha razão quando o questionava sobre o paradeiro dele. O norte era Paris, descobriu depois anos mais tarde, mas ninguém sabia ao certo em que ponto da enorme cidade estaria o pai. Não podia existir casal menos compatível. Era como juntar a Cinderela e o Peter Pan numa história. Se existe uma fórmula que mantém os casais juntos e a amarem-se, não deveria ter funcionado com eles. Durante os anos em que o pai foi vivo, o que observou foi ódio da parte da mãe e indiferença da parte do pai. O que é que aquelas duas pessoas tinham em comum para viverem juntas mais de trinta anos? Durante muito tempo, a seguir à morte do pai, essa questão não lhe saiu da cabeça. Nunca encontrou resposta até hoje.

Entrou pela porta da cozinha e Garcia já lá estava de avental e *toque Blanc* na cabeça, pronto a cozinhar os pedidos dos clientes que iriam começar a chegar para o jantar.

- Boa noite Aline. Como foi a festa? – perguntou com boa disposição.

- Bem. A Nicole não te disse?

- Não. Ainda não a vi. E foi hoje que fisgaste o homem? – disse Garcia em tom de brincadeira.

- Também você! – resmungou. E começou a pôr o longo avental em volta da cintura. – Nicole insistiu o dia todo nessa conversa.

- Insistiu no quê?- perguntou Amélie acabada de entrar. – Novidades?

Estou morta de curiosidade, por aqui não acontece nada. Conta Aline.- pediu.

- Não é nada Amélie. Brincadeiras do Garcia e da Nicole. – rematou.

- Brincadeira menina Aline? – perguntou Nicole acabada de entrar na cozinha pronta para começar a trabalhar. – Do que é que estão a falar? – fez-se desentendida e piscou o olho a Aline.

- Estão os três combinados é? – perguntou Aline fingindo-se zangada.

- Não minha querida. – respondeu Amélie. – Achamos que vocês fariam um belo casal. Daqui a pouco ele vai entrar pela porta do café e não se vai embora enquanto o restaurante tiver pessoas. Vai uma aposta?- desafiou-os. – Aline entras na aposta?

- Aposto que ele hoje está tão ocupado que nem aparece.- disse Aline lembrando-se que ele estava com Sylvie.

Não ia aparecer. Não corria o risco de perder a aposta.

- Apostado mãe! O que é que vamos apostar? – perguntou Nicole muito entusiasmada.

- Nem pensem! Não entro nessas brincadeiras. – disse Aline já a rir. – Mas pensando bem...hoje não há problema. Apostado! – rematou.

- Ah não! Vamos ver o que pode ser a aposta...- diz Garcia enquanto coçava o alto da cabeça por cima do toque branco.

- Já sei! Se ele não vier hoje nós pagamos um fim-de-semana a Aline no sítio onde ela quiser, mas se ele vier Aline tens que o convidar para jantar.-

disse Garcia que era tão cusco como elas.

A campainha da porta do restaurante tocou – sinal que entrara alguém – e o devaneio acabou.

- Meninas ao trabalho! Há clientes para atender.- disse Garcia para Aline e Nicole.

As duas dirigiram-se para a sala do restaurante e Garcia começou a verificar os fornos que já continham os pratos de forno pré cozinhados deixando um cheiro delicioso a comida com uma mistura de tomilho, rosmaninho e vinho.

A sala estava lotada. Aline e Nicole não paravam um segundo entre levar aperitivos, recolher louça suja

e servir as refeições e, só era possível manter tudo a funcionar porque eram rápidas e trabalhavam bem em equipa.

Aline começava a tirar a armadura e a confiar nas pessoas ao ponto de se permitir pequenas brincadeiras como a da aposta.

Ao fim de umas duas horas o serviço acalmou um pouco, as pessoas foram saindo do restaurante e Aline já nem se lembrava da aposta.

Nicole passou por ela com um enorme prato de salada de pato com milho e rúcula e disselhe ao ouvido: - Parece que vais ganhar a aposta. Já passa das vinte e uma e trinta e ele não chegou. – e seguiu com um sorriso na face.

Aline recolhia a louça de uma mesa vaga e quando Nicole voltou sorriu-lhe com um sorriso amarelado, dúbio, tipo «ganhei a aposta, mas não sei porque é que não estou aos saltos» ao qual Nicole acrescentou: - Mas acho que preferias tê-la perdido. Não é? – perguntou com carinho.

Não respondeu e encolheu os ombros dando a entender que não se importava o que não era totalmente mentira, mas também não era verdade.

O dia foi tão intenso que a única coisa que desejava agora era uma cama quentinha e um bom sono reparador. O relógio marcava vinte e três horas. Por ser sábado o trabalho foi a dobrar, porque o restaurante encheu durante mais de duas horas. Tirou o avental e pendurou-o no armário. Vestiu o blusão de cabedal preto, calçou as botas e enrolou um cachecol vermelho de lã à volta do pescoço, e despediu-se da família Garcia até segunda-feira. Domingo era o seu dia de folga. Já de saída Nicole chamou-a: - Aline! Espera! Eu levo-te. – ofereceu. – Ou melhor, anda connosco ao La Table, hoje há música ao vivo. O Martin, o Jean e a Michelle estão lá. Vai ser divertido. – convidou.

Ainda pensou aceitar, mas declinou o convite. Estava cansada e precisava pensar.

- Obrigado amiga. Mas fica para outro dia. Não precisas de me levar. A casa é perto. O frio da noite faz-me bem e gosto de atravessar a ponte a pé e ouvir o rio a correr. O som da água a correr é mágico para mim e aquela velha ponte é o meu pedacinho de céu.

- Compreendo, mas que pena, queria tanto a tua companhia. – disse Nicole.

Nicole aproximou-se dela e deu-lhe um beijo na face.

Retribuiu o beijo fraternal e saiu para a rua.

A noite estava fria. As zonas altas eram sempre mais frescas. Em Perpignan nesta época já há quem se banhe nas águas quentes do Mediterrâneo. Apertou o blusão contra o corpo e meteu as mãos nos bolsos para preservar o calor. O frio era suportável, mas, a diferença de temperatura entre o restaurante e a rua era muito agreste. Caminhou lentamente pelo passeio, apreciando o silêncio da noite e o luar de lua cheia que dava um ar romântico ao céu. Ouvia o rio Gave a correr embatendo nas rochas o que significava que estava a chegar a casa. Curioso, pela primeira vez pensou na casa de Marie como sua. Nunca se sentiu em casa quando morava com os pais, mas hoje, ali a quase mil quilómetros de distância encontrou a sua

casa no afecto que madame Marie lhe dedicou.

Tornou-se um hábito ficar uns minutos a ver o caudal do rio a correr com enérgia – aquele som revitalizante-e, só depois ir para casa. Hoje tinha planos de ver um filme na televisão e se pudesse até adormecia no sofá. Um pequeno luxo que queria experimentar. Estava sozinha em casa e queria usufruir do espaço. Sentir-se dona e pertença daquela casa que agora era a sua.

O único som audível na rua, para além do marulhar da corrente do rio Gave, eram os saltos das botas pisando na calçada medieval. Tudo o mais era silêncio, noite, luar a iluminar as casas de pedra cinzenta com muitos séculos, que testemunhavam vidas que por ali foram passando ao longo da história.

Àquela hora a vila estava deserta mas Aline sentia-se segura. Tirou a chave da pequena bolsa que trazia a tiracolo e ficou pronta para entrar em casa. A escassos metros de distância olhou para a porta e ficou espantada com o que viu: uma moto estava parada na frente da casa e alguém conhecido estava sentado na soleira. Afinal perdera a aposta. Um sorriso aflorou-lhe os lábios.

Pela primeira vez faltavam palavras aos dois e o embaraço foi inevitável.

Ele ergueu-se lentamente, trazendo consigo um cheiro a mar e floresta de pinho e ficou de pé na sua frente. Observou que ele mudou de roupa, de estilo. Vestia calças de ganga pretas, camisa branca e um blusão de motard castanho. No braço direito tinha o capacete pendurado. Aline começou a sentir as palmas das mãos a suar e as pernas bambas, a mesma sensação que experimentou de tarde. Estavam frente a frente havia poucos segundos mas parecia que tinham passado horas; tantas perguntas e uma falta de coragem enorme. Não se reconhecia naquela nova pele. Nunca teve receio de abordar um homem e soube sempre o que dizer em quase todas as situações, mas hoje não. A língua ficou entaramelada, as pernas bambas e o medo de dizer asneiras e afugentá-lo apareceu vindo das suas profundezas.

O ventou levantou-se numa rajada forte, trazendo consigo cheiro a pinho queimado de lareira acesa e, saiu fugindo pelo canal formado pelo rio a agitar os frondosos salgueiros que pendiam sob a água. Dois gatos miaram em cima de um telhado e assanharam-se numa briga pela disputa de fêmea. Um homem ébrio caminhava pelo passeio, tentando atravessar a ponte sem tropeçar nos próprios pés proferindo impropérios contra alguém desconhecido. O mundo parou naquele instante.

- Não quis esperar-te no café. – disse finalmente. - Tinha esperança que a Marie não me atirasse com um balde de água. – disse Thierry.

Mostrou um sorriso doce e calmo mostrando uma fileira de dentes brancos bem cuidados.

- Não corres esse risco! Ela não está. – respondeu Aline.

Ficou parada em frente dele, sentindo-se a pessoa mais pateta à face da terra. Pela primeira vez na sua vida não soube o que fazer. Ninguém diria que era uma rapariga com experiência em matéria de homens.

- O que é que eu estou aqui a fazer perguntas tu? – disse Thierry.

- Sim. O que é que estás aqui a fazer ao frio quase à meia-noite - Vim ver-te Aline. Não aguento mais estar distante de ti. Não é novidade para ti, pois não? – perguntou.

Aline colocou os olhos no chão sem saber o que responder. Seria verdade? E Sylvie?

- Presumo que não. Aliás já nem sei. Anda. Entra. A Marie não está e aqui está um pouco de frio.

Ele desviou-se da frente da porta e ela meteu a chave na ranhura abrindo-a.

Entrou – deixando a porta aberta-e foi acendendo as luzes pelo largo corredor até à sala e depois na cozinha.

- Tens a certeza? – perguntou da entrada. – Não quero invadir a casa de madame Marie. Amanhã todos vão saber que eu estive aqui. A vizinha do lado veio várias vezes à janela. Não te importas? – perguntou já dentro de casa enquanto fechava a porta da rua.

- Acredita que já passei por coisas piores do que uns vizinhos bisbilhoteiros e acho que Marie não se vai importar.

- Tu é que sabes. – disse sorrindo. – Não te quero arranjar problemas.

- Então o que é que queres Thierry? Porque depois da tarde de hoje eu não sei que pensar? – disse olhando a direito para ele.

- Aline...Aline, Aline! Não queres ver pois não? Há quanto tempo trabalhas para mim?

- Uma eternidade. – disse muito séria.

Foi tão dura e fria que ele mudou de cor. Estava enganada. Talvez não quisesse ver mesmo.

- Estou a brincar contigo. - justificou-se de imediato tentando remediar o estrago que a resposta fez. - Bom...- disse Aline com alguma hesitação. -

Vamos... sentar na sala. Ofereço-te um cálice de Porto e...

- Aceito. – respondeu ele prontamente antes que ela mudasse de ideias.

Thierry dirigiu-se à sala e sentou-se numa poltrona de veludo verde seco, virada para a lareira, a admirar a decoração da casa. Rústica e confortável. A maioria dos móveis eram relíquias de família a avaliar pelo aspecto antigo – mas bem cuidado-que apresentavam. Esboçou um sorriso. O que é que teria feito se Marie estivesse em casa? A senhora ter-se-ia assustado ao ouvir parar uma *Harley* barulhenta à sua porta.

Até agora não tinham passado da conversa de circunstância. Foi desesperadamente à procura dela, para acabar com os mal-entendidos, mas parece que Aline era teimosa...ou não estava interessada... teve-a nos seus braços, colada ao seu corpo e sabia que ela estava ali por inteiro naquele momento.

Sem pedir licença reacendeu a lareira e rapidamente o crepitar da lenha de pinho se fez ouvir na sala libertando um calor reconfortante.

Aline voltou com uma bandeja com dois cálices e uma garrafa de vinho do Porto que achou na garrafeira

de Marie e colocou-os em cima da mesa pequena em frente ao sofá.

- Gostaria que fossemos... – disse com receio de a assustar. – Amigos?

Soou-lhe mesmo mal. Queria dizer namorados, amantes, tudo menos amigos.

Ela sorriu com malícia e olhou para ele com a de interrogação.

- E não somos já? – respondeu ela.

- Sim...mas depois das cenas de Sylvie pensei que fosse ficar zangada comigo. – tentou sondá-la.

- Essa...- Aline ia dizer mulher vulgar mas arrependeu-se. - Essa senhora é problema teu. Não sou eu que vou casar com ela. – e foi servindo os copos de vinho como desculpa para não olhar para ele.

- Mas quem te disse que eu vou casar com Sylvie? Acreditas em tudo o que ouves? Aline! Olha para mim. – e abeirou-se dela pegando-lhe no queixo olhando bem fundo nos olhos dela. – Sylvie é passado, embora ela tenha este comportamento possessivo quando está na minha presença. Não fui eu que a convidei e só a aturei por respeito à minha mãe.

- Thierry! Não precisas de te explicar. Não quero saber. Deixa estar as coisas como estão. – e olhou para ele sorrindo.

A vida ensinara-lhe que um bom momento podia estragar-se com uma má palavra. Já perdera tanto na vida e estava tão só, que não queria desperdiçar uma das únicas pessoas que ainda se preocupava com ela.

Era a primeira vez que estavam sozinhos sem pessoas à volta e a sensação de calma que emanava era reconfortante. Sabia que ele era um homem bom, íntegro, e devia estar apaixonado por ela mas ainda não estava preparada para aceitar alguém na sua vida ele não foi explícito como ela esperava ao falar do que sentia por ela. Thierry pousou o copo meio cheio na mesa, tirou-lhe o dela das mãos e disse: - Vem cá. – e abriu os braços para ela se aninhar.

Parecia a coisa mais natural do mundo como se o fizessem há anos.

Levantou-se do sofá grande e sentou-se no colo dele aninhando-se nos seus braços que a envolveram num abraço apertado.

Ele enfiou a cabeça nos cabelos dela e inspirou forte.

- Cheiras a comida. – observou a rir-se.

Aline ficou embaraçada. O cheiro que trazia sempre consigo do restaurante só saia com um banho e hoje não tivera tempo.

- Desculpa. – não lhe ocorreu mais nada.

- Desculpa?! – admirou-se. – Estás tonta menina! Cheiras bem. Ou eu é que já estou com fome, não como desde o almoço.

Apertou-a mais e deu-lhe um beijo na face. Thierry estava apostado em conquistá-la sobretudo agora que ela tinha sido descoberta por Serge e por Neymar, os dois garanhões da vila. Serge ia embora amanhã, mas ele tinha outras estratégias para a rondar e apesar de serem irmãos não confiava nele no que dizia respeito a mulheres. Não confiava que ele se mantivesse afastado de Aline.

Deixou-se ficar presa naquele abraço e pela primeira vez não pensou em sexo, nem Thierry fez qualquer movimento ou alusão nesse sentido. Foi o abraço mais terno e reconfortante que alguma vez lhe deram – talvez o único-e mesmo que nunca mais acontecesse iria ficar para sempre na sua memória.

- Thierry.

- Sim.

- Nada.

E deixou-se abraçar novamente. Precisava daquele abraço como de pão para a boca. Faminta, fechou os olhos e deixou-se levar para outro plano-o amor que desconhecia ter por ele.

Thierry apertou-a mais contra si e sorriu. Talvez estivesse a avançar um passo demasiado grande. Prometera a si próprio não ir para a cama com ela sem ter a certeza que o sentimento que os unia era forte. Amava-a tanto que chegava a doer. Sonhava com ela e, constantemente imaginava-se a fazer as loucuras com ela. Inúmeras vezes ia para o campo atormentado logo de manhã, sobretudo naqueles dias em que ela mal lhe dava os bons dias. Sabia que ela escondia um segredo, mas hoje tinha a certeza que ela já sofrera muito na vida.

Tê-la ali, indefesa, no seu colo, era o seu único desejo desde que percebeu estar apaixonado por ela. Mas também não era de ferro e a sensação do corpo dela contra o seu estava a provocar-lhe um enorme excitação. Tinha que terminar com aquilo ou não iria conseguir conter-se, estava sem sexo há tanto tempo que achava que iria explodir se não a tirasse do seu colo.

- Aline.

- Sim.

- Levanta-te. – e pegou-lhe na mão ajudando-a a erguer-se. – Não sou de ferro. – explicou o óbvio que ela já tinha sentido.

- Desculpa. – disse envergonhada.

Com pelo menos mais uns vinte centímetros de altura que ela parecia uma torre forte. Era assim que ela o sentia. Estendeu as mãos e afagou-lhe a cara e o cabelo castanho revoltado pelo capacete da mota. Thierry agarrou-lhe as duas mãos, beijou-lhe as palmas e aproximou os lábios dela, mas no último momento – em que ela pensou que ele a ia beijar-desviou-se e beijou-lhe o canto da boca.

Gostou. A verdade é que o contacto corporal com ele provocava-lhe bem-estar e serenidade. Talvez desejo. Mas um desejo calmo...erótico...e que podia esperar. Uma estreia para quem, como ela, usava o sexo como fonte de afecto.

- Tu matas-me mulher! – e riu-se visivelmente embaraçado pelo volume das suas calças. – Sabes quantas

vezes me fui embora para o campo capaz de trepar às árvores por tua causa? – disse enquanto a abraçava pelo cintura e lhe mordiscava a orelha.

Aline nem respondeu. Não tinha noção disso. Estava tão preocupada em esconder-se que nem reparou no belo homem que ele é. Thierry continuava a enterrar o nariz no pescoço dela, a mordiscá-lo – ela consentia-e a beijar-lhe a testa, a face, as orelhas, mas só.

- Assado de cabrito.

E gargalharam os dois. Tinha sido um dos pratos do Bistrot e era inevitável não cheirar a ele.

Afrouxou a pressão sobre ela, a muito custo, e disse: - Vou-me embora senão...- não terminou a frase e nem era preciso. -

Venho buscar-te amanhã às onze horas. – disse a sorrir. Aline franziu o cenho com a o comunicado dele.

– Vamos almoçar e passear. Queres?

- Sim. Carro ou mota?

- O que é que preferes?

- Carro. Tenho receio das motas.

Abraçou-a com força deu-lhe um beijo na testa.

- Porque ainda não andaste de mota comigo, quando andares perdes o medo. Combinado.

- Thierry?

- Sim. – respondeu com meiguice.

Hesitou mas tinha que perguntar.

- E Sylvie? Não vai fazer um escândalo?

- A esta hora já está a combinar o próximo encontro com algum janota bem vestido da cidade. Não te preocupes com ela, não tenho qualquer interesse nela. Vou embora.

Beijou-a na testa, mais uma vez e saiu pelo corredor antes que ela se oferecesse para o acompanhar à porta.

Aline ficou em modo pausa-sem conseguir processar os acontecimentos das últimas doze horas-a ouvir o roncar da Harley que se afastava pela rua ao longo do rio e, a perguntar-se o que estava a acontecer à sua vida. Não estava nos planos aparecer um homem. Oloron Sainte Marie, era apenas uma passagem para outro lado. Não queria deixar rasto. Não podia demorar-se. E

veio-lhe à memória o episódio em que agrediu o advogado com a jarra na cabeça.

## Capítulo 10

- Algum sitio em especial que gostasses de visitar? – perguntou depois de a cumprimentar com um beijo na face.

- Pensei que já tivesses decidido. Mas se posso escolher...talvez Lourdes, não é longe e não conheço a cidade. – sugeriu. – Se bem que...-

hesitou – podemos encontrar a madame Marie.

Thierry não fez qualquer comentário e, sem forçar uma decisão esperou pelo veredicto.

- Não faz mal...vamos. – decidiu ela.

- Très bien. Vamos lá. Queres pedir perdão de algum pecado cabeludo? – perguntou-lhe a rir.

- Sim quero. – disse muito séria. – Não me conheces Thierry. – continuou no tom sério. - Mas parece que é uma cidade muito bonita.

Tentou desviar a atenção da sua resposta já um pouco tarde. Por vezes abria a boca antes de pensar, como agora. Percebeu tarde demais que ele poderia tirar elações da sua resposta.

- Sim é. – respondeu sem valorizar o que ela tinha terminado de dizer, como se não tivesse percebido que ela falara a sério.

A noite foi um tanto agitada. Aline atribuiu a falta de sono à teína do chá que bebeu na noite anterior, depois de ele sair, mas foi o encontro com ele que lhe tirara o sono. O que mais queria da vida – o seu sonho - era uma família: marido, filhos, segurança afectiva. Nos últimos meses ele fizera o mundo dela mais bonito e sentia-se grata por isso. Grata a ele.

- És religioso?

- Nem por isso. Somos baptizados eu e o meu irmão. Os meus pais são devotos, mas acredito mais nos homens da terra do que no do céu.- respondeu com um sorriso maroto. - Mas porque é que perguntas?

- Cresci com a convicção que Deus um dia me iria ajudar...mas há medida que os anos passaram perdi a fé. Sabes quando era bem pequenina, talvez com seis anos ou sete não conseguia perceber muita coisa que me acontecia e quando fui para a catequese comecei a entendê-las como sendo os desígnios de Deus. Hoje acho que foi a sorte que tive e, nessa não tenho responsabilidades, outras coisa que me aconteceram, foram as minhas escolhas e Deus não foi visto nem achado em nada.

- Não é uma incongruência ir a uma catedral quando já não acreditas? Ou queres apenas ver o monumento?- confrontou-a.

- É...mas preciso de ganhar fé em alguma coisa...em mim...em ti...sei lá.

- proferiu sem o olhar. Falou como se estivesse sozinha.

Com o rosto virado para a janela do carro ia apreciando a montanha e o vale verde ao longo do rio evitando olhar para ele. Tinha medo que ele lhe lesse as misérias humanas que tinha escondido. Quanto mais estava com ele mais gostava de estar, mas o medo do abandono e que ele não aceitasse a sua vida passada, sobrepunha-se à tranquilidade que deveria ter quando estava na sua companhia.

Conversaram mais desde ontem do que nos meses todos em que trabalharam juntos e formaram par na dança. Era impossível retroceder na intimidade da partilha e, as revelações começaram a acontecer. Em algum momento teriam que falar sobre a sua ida para a vila. Ninguém se atrevia a perguntar – nem ele – mas todos tinham imensa curiosidade sobre ela, Aline tinha plena consciência disso.

- Esta zona é tão bonita! – observou mudando de assunto.

Olhou finalmente para ele e sorriu.

- Pois é. O vale do Gave é fértil em tudo. – comentou olhando-a fugazmente com interesse.- Já reparaste na extensão de milho plantado ao longo da estrada. Quase não se avista mais nada e, quando ele crescer, lá para Agosto, só se vê verde. Esta zona é linda. Montanhas a sul, o rio ao meio e ao longo da sua extensão monumentos medievais. Orgulho-me de viver nesta zona de França.

Os pensamentos dele fugiram para os grandes olhos castanhos mel; tinham sombras, queria dissipá-las com beijos e vê-la rir e brincar. Para uma mulher de vinte e seis anos parecia velha por dentro, um sorriso quase sempre melancólico e uma responsabilidade exagerada no trabalho. Chegou a pensar que ela tinha sido escrava nalgum sítio, tinha pensamento de escrava. Aceitava quase tudo, não reclamava e vivia como uma eremita.

- Estamos a chegar. Repara na beleza dos edifícios medievais. Já viste as cúpulas das igrejas? – e apontou para uma cúpula azul bronze. - Tenho uma sugestão. – disse. – Vamos almoçar primeiro e depois visitamos a cidade e a catedral se quiseres. – Que achas?

- Perfeito.

- Vou tentar estacionar o carro. Temo que não seja fácil. Hoje é domingo e há muitos turistas.

Depois de algumas voltas deixaram o Peugeot 308 comercial num parque e caminharam até junto ao rio. Aline debruçou-se no parapeito do muro que dá para o grosso caudal do rio, uns metros abaixo e ficou a admirar a água a correr. Parecia uma criança. A pequena cidade mergulhada no va - Não tens fome? – perguntou-lhe puxando-lhe a mão para prosseguirem.

- Gostas muito de água. – observou. – Ontem quando te esperava vi que também ficaste uns segundos a olhar para o rio.

- É...a água acalma-me. Quando ficava muito agitada com algum problema ia para o Mediterrâneo, perto de casa, e enfiava-me dentro de água.

- E tinhas muitos problemas? – deixou escapar a pergunta para tentar perceber mais alguma coisa, sem fazer alusão ao sitio onde ela morava.

Aline nem percebeu que revelou de onde vinha.

- Muitos. - e fechou-se num mutismo que o arrepiou.

- Mudando de assunto. Sugiro o Le Magret e como prato o *carré de cordeiro*.

- Oh não! Thierry comi cabrito ontem ao jantar...lembras-te? -lembrou-o com uma risada.

- Ah sim! Os teus cabelos cheiravam muito a assado. Como pude esquecer-me! Vem cá que quero ver se ainda cheiram. – e puxou-a pela cintura abraçando-a e enfiando o nariz no cabelo ondulado.

Aline riu-se finalmente.

- O senhor acha que eu não tomei banho? – provocou.

- Eu não tomei. Fiquei com o cheiro do assado no nariz e no corpo, não queria perder o teu cheiro.

- Tonto!

- Chegamos. É ali. – e apontou para o outro lado da rua. – Sendo assim recomendo *Confit de Canárd*, uma delícia.

Aline estava sorridente e descontraída e Thierry exultava de a ver assim.

- Saborosa. – disse ele.

- Sim? – perguntou ela sem entender.

- A comida. Tu também...imagino. – disse utilizando o duplo sentido da frase.

- Atrevido.

- Pois sou! Mas só contigo. – brincou.

- Ora ai está algo que eu não acredito. - disse. – E aquela loira que te acompanhava ontem na festa? – ironizou com ar provocador.

- Que não me largava, corrijo. Não quero perder tempo a falar de parvoíces, das parvoíces da Sylvie, mas já que tocaste no assunto a resposta é não. Não tenho nada com ela.

- Pois não parecia. – rematou.

- Ora Aline, foi contigo que eu dancei. Não foi? – perguntou. – A minha mãe é que a convidou. Não quero falar dela agora.

- Thierry...- hesitou. – O que é que está a acontecer connosco?

- Tenho esperança que tu te apaixones por mim.

- Não és nada convencido. – brincou com ele. – Mas tu não sabes nada de mim. Acho que vais ter uma desilusão.

- Isso sou eu que decido. Então porque não me contas. Tens medo de alguma coisa? – perguntou. Estendeu a mão por cima da mesa e fez-lhe uma carícia nos dedos, olhando-a nos olhos de forma franca e carinhosa.

- Tenho medo que me julgues. – e a voz entristeceu.

- Não tenhas. Prometo não te julgar. Não imagino que tenhas feito algo tão grave para teres tanto medo... vamos comer a sobremesa. – e fez sinal ao garçon que se aproximou de imediato.

Aline quis entrar sozinha na Catedral e Thierry acedeu. O seu receio era encontrar Marie e não saber o que explicar. Mas seria muito azar dar de caras com ela num espaço tão grande e a abarrotar de turistas. Dirigiu-se à gruta onde a virgem Maria apareceu a Bernadette Soubirous e sentou-se no chão junto às pessoas que estavam a orar. Pediu por si, pela paz eterna do falecido pai, por Thierry e finalmente que a virgem olhasse pela mãe. Não conseguia odiá-la como talvez devesse.

Velhos, mulheres de meia-idade, crianças, coxos, cegos, doentes do corpo e da alma todos iam pedir qualquer coisa à virgem. Incomodada com as manifestações histéricas e o fervor excessivo que alguns peregrinos manifestavam, levantou-se e começou a caminhar na direcção do rio onde ele disse que a esperava.

Thierry estava sentado num banco em baixo de uma enorme árvore da margem do Gave e, assim que a viu levantou-se e caminhou na sua direcção.

- Mais aliviada? – perguntou.

- Dever cumprido. Acho que é mais isso que a fé. O meu pai era muito religioso, já a minha mãe...- e calou-se.

Percebeu que estava a falar dela espontaneamente, mas Thierry não fazia perguntas, com calma e habilidade para ouvir deixava-a falar espontaneamente. Tinha receio que ao fazer perguntas a assustasse. Queria que ela confiasse nele e revelasse da sua vida o que quisesse. Não lhe importava o que fizera, sabia que não podia ser nada que fosse um entrave a gostar dela; dera provas de carácter mais que suficientes para confiar nela.

- Vamos para casa? – perguntou.

- Sim vamos. Tenho que descansar. E tu também. – observou ela. – Amanhã já trabalho até às vinte e duas horas.

Thierry pegou-lhe na mão-começavam a conhecer bem as mãos um do outro-e cingindo-a a si beijou-lhe a fonte junto ao cabelo deixando o seu perfume naquele pequeno espaço de pele. Em silêncio dirigiram-se ao parque onde tinham deixado o carro.

- Já pensaste que podias ter só um emprego? – perguntou-lhe ao fim de alguns quilómetros em silencio.

- Como?

- Trabalhando só para mim. O volume de trabalho burocrático é suficiente para te manter ocupada todo o dia. – justificou.

- É verdade, mas o Garcia não ia gostar que me fosse embora.

- Ele sabe que não vais ficar ali toda a vida a servir jantares, não te preocupes que ele arranja outra pessoa.

- Sim. Mas tenho que lhe dar tempo. E vou ter férias em breve.

Aline já tinha esquecido as férias. Como não tinha o que fazer até preferia continuar a trabalhar.

- Boa altura para lhe dizeres que não vais continuar. – incentivou-a.

- Não achas que podes estar a misturar as coisas? Precisas de mim no escritório ou queres-me perto de ti? – questionou-o.

- As duas coisas. – respondeu sincero.

Foi tão rápido a responder que acabaram por rir os dois.

A proposta agradava-lhe mas tinha receio de estar a ir depressa demais.

- Posso pensar durante um tempo?

- Claro. Mas despacha-te. – disse a rir. – Longe de mim pressionar-te.

Riram os dois. Ele tinha sentido de humor. Aline perdeu a timidez e esticou-se no banco do carro

beijando-o na face. Um beijo casto e de agradecimento. Não se sentia preparada ainda para maiores intimidades. Nem sabia ainda se algum dia estaria.

- Ena pá! Vou rebentar de tanta felicidade. – disse ao mesmo tempo que lhe puxou a mão esquerda aos lábios e lhe beijava a palma. – Estamos a chegar. – avisou ele.

Passou a ponte, virou à esquerda e estacionou o carro em frente da casa de Marie. A vizinha do lado meteu-se para dentro, ficando a espreitar pelo interior da janela tapada com uma cortina de renda.

- Temos assistência. A tua vizinha do lado está a observar-nos através das cortinas. Amanhã toda a vila vai saber que estivemos juntos. Já têm motivo de conversa.

- Importas-te?- perguntou ela.

- Não. A donzela és tu.- e gargalharam os dois mais uma vez.

A boa disposição e a cumplicidade começavam a despontar aos poucos quando estavam juntos. Aline ainda não tinha nome para dar ao que sentia por Thierry, mas neste momento tinha a certeza que ele lhe estava a fazer bem.

– Vejo-te amanhã na quinta. Queres que te venha buscar?

- Não. Gosto de fazer o trajecto de bicicleta.

Olharam um para o outro sem saberem como haviam de se despedir – o que provocou algum embaraço-e ela tomou a iniciativa pegando-lhe no rosto com a palma da mão direita e dando-lhe um beijo bem marcado na bochecha esquerda.

- Só isso? – reclamou ele.

- Sim. – saiu do carro a rir.

Acenou-lhe à porta e enfiou-se em casa.

Thierry conduziu o carro em direcção a casa com um sorriso nos lábios.

## Capítulo 11

- Ena meu irmão! Tens um brilho no olhar que encandeia. Não me digas que foi aquela Sylvie a responsável. – perguntou Serge com ironia.

- Ora Serge, tomas-me por parvo é? Não sou tão estúpido a ponto de cair nas garras dela outra vez.

Junto à lareira o pai sorriu e puxou os óculos para cima continuando a ler o livro enterrado na velha poltrona. Simone coçou a cabeça – o seu sinal de nervosismo-e interveio: - Thierry e Serge. Parem com isso. – sabia bem porque é que a implicância começara e a verdadeira razão não era Sylvie, mas sim Aline.

- Desculpe mãe. – disse Serge.

Simone olhou para ele com cara de preocupação e disse. – Só espero que os meus dois filhos não vão agora começar a brigar por causa de mulheres.

- Podes ficar descansada mãe. – respondeu Thierry. – Serge o que é que estas aqui a fazer? Não ias embora hoje? – perguntou com azedume.

Adorava o irmão, mas no respeitante a mulheres não tinham o mesmo ponto de vista.

- Vou amanhã. Fiquei para falar contigo. Como saíste cedo resolvi esperar.

- Então vamos até ao escritório. – saíram os dois descendo as escadas até ao pátio.

Gérard e Simone entreolharam-se com preocupação.

- Acho que a Aline já ganhou dois apaixonados, só espero que não haja conflitos entre os dois. – disse Gérard.

- O conflito está no ar. Não percebeste que Thierry só dançou com Aline no sábado e Serge rodou à volta dela todo o dia?

- Serge é fogo-fátuo. Arde e desaparece. Já Thierry... - fez uma pausa de preocupação-temo que se esteja a apaixonar irremediavelmente. Gosto da rapariga, mas quero manter os meus filhos unidos. Amanhã converso com os dois.

Gérard pousou o livro, tirou os óculos de ler e olhou para a esposa.

- Não podemos ir de férias se eles estiverem brigados. Só nos faltava esta, filhos adultos a brigarem por rabo de saia. – observou.

- Ora, confia mais nos teus filhos. O Thierry tem bom senso e o Serge é bom que aprenda que nem todas as mulheres estão à sua disposição. Se eu pudesse voltar atrás...

- Fazias o quê Simone?- perguntou Gérard sem preceber onde ela queria chegar.

- Dava-lhe os acoites que lhe perdoei.

- Deixa-os. Eles adoram-se, isto passa e eles vão entender-se. Vamos tratar da nossa vida. – e puxou-a para o colo para a beijar.

Ao fim de tantos anos ainda era doido pela esposa. Dali a quinze dias estariam os dois num cruzeiro às Caraíbas e iriam viver mais uma lua-de-mel.

Thierry destrancou a porta e deu passagem ao irmão. O ambiente estava ligeiramente pesado. Já imaginava o que é que Serge queria. Fez-lhe sinal para que se sentasse e deu-lhe a palavra.

Serge foi direito ao assunto.

- Quero saber o que se passa entre ti e a Aline e quais as tuas intenções?

- Só isso? – disse irónico. – Não perdes tempo. Vais directo ao assunto. E

porque é que queres saber?

- Bom...talvez esteja a ser demasiado grosseiro contigo. – admitiu. – Desculpa mano.

- Até que enfim! Não estava a reconhecer-te. - Mas não devias perguntar-lhe a ela?

- Não. Quero saber por ti. Acho que vocês estão apaixonados...todos viram. Mas...

- Mas o quê Serge? Não vejo o que isso possa interessar-te.

- Vou avisar-te. Se não avançares, avanço eu.

- Porquê? Acaso vais-me dizer que descobriste a Aline ontem e foi amor à primeira vista. Ou não estás habituado às mulheres ignorarem-te? Sabes, eu adoro-te, mas somos muito diferentes. Tenho o meu tempo para fazer as coisas.

Aline é um pássaro ferido na asa. Entendes? Tenho que ir com calma. A vila inteira é testemunha que adoro aquela rapariga, mas só agora quase ao fim de um ano ela me deixou aproximar. Percebes Serge? Mesmo que eu não tenha hipóteses, não é mulher para ti. Rapidamente a destruías. – disse com calma e um sorriso nos lábios.

Thierry era assim. Calmo, ponderado e muito assertivo.

- Estás enganado. Mas não vou interpôr-me entre ti e ela. Estou cansado de mulheres que só querem o meu dinheiro e a minha posição. Sabes o que é seres apresentado como «o senhor engenheiro aeronáutico» e deixares de ter nome? Quero alguém que me veja para além disso. Como ela me viu...

- Então só tens que abrir melhor os olhos mano. Há muitas mulheres diferentes dessas que conheceste.-riu-se e deu uma palmada amigável no ombro do irmão. – Tens que começar a olhar para o interior das mulheres e não só para a aparência.

- Tens razão. Deve ser a crise de meia-idade. Estou quase com quarenta.

Já devia ter uns dois rebentos a correrem por ai, para os pais se entreterem. -

admitiu com alguma tristeza.

- Olha mano, tens que vir mais a casa, por aqui as pessoas são mais autênticas. Mais próximas. Quem sabe descobres alguma rapariga que não veja só o engenheiro chefe. Sabes, cada vez gosto mais de ser agricultor, ao menos quando se aproximam já sabem com o que podem contar.

Olharam um para o outro e desataram a rir.

- Anda, vamos para cima. Os pais ainda vão pensar que nos matámos à porrada.

Portas a fecharem e as vozes grossas dos dois homens a falar era sinal que estava tudo bem. Gérard enroscou-se em Simone e disse: - Se fossemos mais novos ainda te fazia outro filho. Tenho orgulho naqueles dois.

- Também eu. Mas estou aberta a sugestões. – disse a rir.

Simone entrara na menopausa há alguns anos e sabia que aos sessenta anos estavam livres para se amarem sem obstáculos desses.

- Boa noite querida. Ainda acordada? – cumprimentou-a Marie.

- Boa noite madame Marie. Como foi o seu fim-de-semana?

- Foi bom, mas parece-me que o teu também. – observou a rir.

Aline fez um ar de interrogação e disse: - Nota-se assim tanto, ou telefonaram-lhe? – brincou.

Já conseguia deixar o sentido de humor fluir de forma livre.

- Nota-se. Tens um brilho nos olhos. Mas assim que meti a chave na porta a vizinha veio avisar-me que tinhas saído com um dos Morin. Qual deles?

Espero que tenha sido o coitado do Thierry! – exclamou.

- Coitado porquê Marie?

- Ora ma *jeune fille*, a vila toda sabe que o pobre homem está apaixonado por ti desde que vieste para cá. Tem bom gosto. – sorriu-lhe com meiguice e fez-lhe um afago na face.

A rapariga tinha qualquer coisa – talvez desprotecção-que impelia Marie a protegê-la desde que ela chegara ali há quase um ano.

Aline levantou-se do sofá e aproximou-se de Marie.

- Posso dar-lhe um abraço?

- Vem cá filha. Todos os que tu quiseres. – e Marie abriu os braços para a recolher. Tinha a certeza que aquela «criança» nunca tinha sido abraçada por uma boa mãe. Apertou-a com meiguice e disselhe: - Gosto de ti como se fosses minha filha. – A filha que nunca tive.

- Para mim chega que goste de mim. A minha mãe não gosta. – deixou escapar finalmente e desatou num pranto acumulado, talvez há anos.

Marie, com toda a paciência e sabedoria que a idade e o sofrimento da vida lhe trouxeram disse: - Senta-te aqui.- e puxou-a para o sofá perto de si. – Quero saber essa história. Faço questão. – disse com firmeza. – Está na hora de confiares em mim. Mas chora chérie, chora tudo o que tens a chorar.

Deitou a cabeça no colo de Marie e deixou as lágrimas fluírem livremente. Marie afagava-lhe os cabelos e, em silêncio esperou que se acalmasse.

Hoje estava disposta a desvendar o mistério. Ainda hesitou, mas estava na altura de deitar para fora o que carregava há tantos anos. Considerava Marie uma espécie de avó e gostava mesmo dela, portanto, era a pessoa certa para confiar.

Duas horas mais tarde, depois de escutar tudo o que Aline lhe contou Marie estava chocada. Como é que uma mãe podia ser tão insensível? O que Aline acabara de lhe contar explicava muito do recolhimento em que ela vivia.

Nenhuma criança merecia ter passado pelo que ela passou. Aquele mulher ou era louca ou...não era mãe dela. Estanho não ter tratado os filhos com tanta severidade, mas o termo não era esse. Severidade era um eufemismo para o que a jovem lhe descrevera. Tinha-a tratado com crueldade. Bastante mesmo.

- Agora estás a salvo. Aqui todos gostamos de ti. Obrigado por confiares em mim. – disse Marie com meiguice.

Marie tinha mel no toque e no olhar. Ela é que devia ser a sua mãe. No último ano, sempre pensou que a mãe viesse procurá-la, um sinal que gostava dela e que tudo não passou de um equívoco.

- Não Marie. A agradecida sou eu. – e deu-lhe um beijo terno na face já a começar a enrugar. – Vou dormir. Amanhã...

- É dia de Thierry. Já sei. Marota. Caçaste o homem mais bonito da vila. – brincou com ela.

- Não fiz nada para isso.

- Mentirosa. Lançaste-lhe um feitiço. – disse a rir.

Aline riu, como nunca rira em toda a sua vida. Marie tinha um sentido de humor muito engraçado e era uma excelente pessoa.

Teve noção que adormeceu a rir. Pela primeira vez na sua existência adormeceu rapidamente. Chorar foi catártico e libertou-a de tanta mágoa acumulado ao longo dos anos.

Quando entrou no pátio os gansos as galinhas e os perús deram o alarme como sempre faziam todas as manhãs. Hoje a distância pareceu-lhe mais curta ou talvez tivesse vindo mais depressa. Sonhara com um homem belo que a levava para longe e a amava para sempre. Tontice, como pensou quando se recordou do sonho que em segundos desapareceu da sua mente.

Encostou a bicicleta na parede e entrou no escritório, ansiosa por vê-lo.

- Bonjour...- e não terminou a frase. – Bonjour Serge. Pensava que era o Thierry. – e sentou-se na secretária começando a consultar a agenda para disfarçar o embaraço.

- Ficaste desiludida? – perguntou.

Serge era um excelente observador.

- Como?

- Estavas à espera de ver o meu irmão. Ele teve que ir mais cedo para o campo. Queria despedir-me de ti. – e levantou-se da cadeira abeirando-se dela.

Debruçou-se sobre a secretária, apoiou os dois cotovelos e pegou-lhe nas mãos.

- Aline. Se um dia o meu irmão se portar mal contigo avisa-me. Dou-lhe um murro. Ah! Estou na fila, caso ele desista.

Aline riu-se. Não lhe restava fazer mais nada. Até tinha a sua graça. Serge a declarar-se. Não sabia bem porquê, mas aquilo soou-lhe a operação de charme. Aquele nunca iria ter remédio. Conhecera tantos assim, mulherengos e a prometerem amor eterno durante uma noite. Fogo fátuo que depressa desaparecia.

Serge deu-lhe um beijo na face e preparou-se para sair.

- Serge. Sinto-me lisonjeada e se algum dia eu deixar de amar o teu irmão...aviso-te. – disse as ultimas palavras baixinho para ele não ouvir.

Nem acreditava que acabara de dizer aquilo. Amar. Disse a palavra amar.

- Linda menina. Até breve. – e saiu pela porta da frente onde já tinha o carro para seguir viagem.

Embrenhou-se nos papéis com um sorriso nos lábios enquanto lá fora o carro arrancava em direcção à auto-estrada.

- Eu ouvi. – disse Thierry da ombreira da porta.

- Oh! Estavas aí? – disse envergonhada.

- Vem cá. – ordenou. – Hoje vou beijar-te. A mulher que diz que me ama quer ser beijada.

Aline rodeou a secretária e atirou-se nos braços dele. Ele procurou os lábios dela com sofreguidão e invadiu-lhe a boca com a língua num beijo cheio de desejo recalcado há tanto tempo.

- Fazes ideia do tempo que eu esperei por isto?- disse ele com emoção.

- Mais do que eu, que demorei a ver.

Thierry arrastou-se abraçado a ela até à porta do escritório que dava para o pátio e com um pé fechou-a,

para a trancar logo de seguida com a mão livre.

O que se seguiu, não foi bem o que os dois desejavam, mas serviu para saciar o desejo que tinham de expândir o seu amor para além do olhar.

Uma hora mais tarde.

- Já vais embora Aline? – era Gérard com a cabeça enfiada dentro do escritório e o corpo de fora.

- Oh! Boa tarde Gérard como vai. Sim vou, está na minha hora. Precisa de alguma coisa?

- Não. Na verdade passei apenas para te cumprimentar. Desde sábado que não te vejo. Gostaste da festa?

Aline percebeu que estava a fazer conversa de circunstância para chegar ao assunto que o trouxe ali.

- Sim, divertime bastante. Foi...revelador. Talvez esta seja a palavra que melhor define o dia de sábado para mim. – disse ela.

O homem sorriu e acrescentou: -Para todos nós. Bem...queria...

- Quer perguntar-me alguma coisa? – resolveu acabar com o impasse.

- Na verdade quero. Não é segredo na família a paixão do Thierry por ti.

Onde é que ele queria chegar. Sentiu gotinhas de suor nas fontes. Estava a ficar nervosa.

- Ninguém se opõe...

Sentiu alívio. Estava a pensar que ele ia dar-lhe um sermão ou mostrar o seu desagrado. O rótulo que a mãe lhe colocara e que ela aceitara validando-o com o seu comportamento promíscuo, ainda não descolara de todo da sua mente.

- Na realidade o que eu quero saber é o que sentes pelo meu filho? – finalmente foi directo.

Podia ser pior. Respirou fundo e preparou-se para dar uma resposta verdadeira.

- Ainda não sei bem – respondeu cautelosa, mas sabendo que o amava-tudo isto é novo para mim. Sei que me sinto bem com ele, gosto quando estamos juntos...mas não consigo dar-lhe um nome para já. Mas porque é que pergunta? – tinha que saber.

- Porque ele já foi abandonado uma vez...por aquela. – e calou-se. – Não gostava de ver o meu filho mais seis anos sozinho e com o coração partido.

Quero ter netos e daqui a quatro anos ele tem quarenta. – e olhou para ela sério.

Aline percebeu a preocupação, mas também ela tinha medo. Medo de quase tudo, até de viver.

- Entendo. Mas também eu tenho medo. Já todos na vila devem ter percebido que estou sozinha e só vim

parar aqui...desculpe, não quero falar nisso. Não consigo. – e calou-se.

- Imagino que já deves ter sofrido muito...todos sabemos isso. Desculpa.

Não queria aborrecer-te. Eu e a Simone temos todo o gosto que vocês namorem. Bem-vinda a casa. – disse Gérard não querendo contranger mais a jovem.

Uma lágrima teimosa, que se apressou a disfarçar, apareceu no canto do olho de Aline.

- Obrigado Gérard. Nem imagina o valor das suas palavras. – a lágrima escorregou sem que ela a pudesse apanhar. – É a primeira vez em vinte e seis anos que sinto que tenho casa, embora more num quarto alugado. – revelou.

Gérard saiu em busca de Simone para comentar a conversa que tivera com Aline e ela aproveitou para fechar o escritório e regressar a casa. Dali a três horas tinha mais trabalho. Pensou com carinho na proposta de Thierry, de trabalhar a tempo inteiro com ele, mas o receio que as coisas entre eles não resultassem prevaleceu. Onde é que iria trabalhar se por alguma razão tivesse que prescindir do emprego? Por mais tentadora que fosse a ideia não ia aceitar ainda.

Entrou na vila, passou pela catedral e entrou. Faltava-lhe visitar esse monumento. Devia estar mesmo muito carente e a precisar de pai e mãe, para se virar para os pais celestes.

O som das botas ecoou nas lages do chão da catedral medieval. Um silêncio absurdo ecoava os seus movimentos. Nem uma única alma estava por ali naquela hora. Melhor assim. Caminhou até meio da enorme nave e sentou-se num dos bancos de madeira. Não podia por em questão se deus existia ou não, é uma pergunta para a qual não há resposta. Ou acreditava ou não. Não sabia se acreditava, mas precisava de se agarrar a alguma coisa, talvez isso fosse a fé. A sua fé.

Uma meia depois saiu revigorada. Rezou à sua maneira, mas rezar devia ser isso mesmo. Falou com Deus e ele não lhe respondeu, não da forma como ela gostaria, mas, no seu íntimo, foi como se Ele lhe dissesse «vai em frente minha filha, eu estou cá para te proteger».

Alice, a gata, recebeu-a à porta como sempre fazia, ronronando e esfregando-se nas suas pernas para se seguida ir dormir na almofada.

- És tu Aline. – disse Marie da cozinha. – Vem cá. Tenho croissants fresquinhos para o lanche.

- Estou morta de fome. – disse entrando na cozinha. – Que saudades de casa. – disse sem pensar o que não passou despercebido a Marie que sorriu entre dentes.

Sentou-se numa cadeira junto à mesa e preparou-se para comer.

- Qual casa Aline?- perguntou surpresa. – Não me digas que queres voltar para a tua mãe. – provocou-a.

- Oh! Nada disso. Quando digo casa é esta. Sabe Marie, sinto-me uma deslumbrada nos últimos dias. Desde sábado descobri coisas tão boas. Até tenho receio que desapareçam. – confessou.

Marie sabia que era verdade. Merecia coisas boas na vida. Já tinha sido muito castigada.

- Por falar em coisas boas. Vieram entregar uma caixa para ti hoje antes do almoço. – e tirou uma caixa pequena quadrada embrulhada em papel de fantasia vermelho. Cor da paixão.

Começou a retirar o papel e soube de imediato o que continha. A imagem estava na caixa: um iphone, de última geração.

Retirou-o do interior e, agarrado ao telefone estava um cartão escrito à mão.

*Agora já consigo encontrar-te em qualquer parte do mundo. Mesmo que a vida nos separe a distância será mínima. Basta um clic. Já adicionei o meu número à tua lista. Tomei essa liberdade.*

*Com amor Thierry Morin*

- Não esperava por isto. – disse sem saber o que pensar. Um telefone destes custa umas centenas de euros. Quase tanto como o que eu ganho nos dois empregos. – observou a Marie.

- Logo agradeces. Um presente desses merece um agradecimento especial.

– respondeu-lhe Marie com alguma malícia na voz.

Já recebeu outros presentes em tempos que foi obrigada a agradecer de forma especial. Alguns foram difíceis de mostrar a gratidão. A frase de Marie levou-a de novo ao passado recente. Talvez a mãe tivesse mesmo razão e ela fosse uma mulher fácil. Será que algum dia se iria livrar desta culpa? A culpa de ter dormido com tantos homens? Isso fazia dela uma prostituta?

- Não vais aprender a usar? – perguntou Marie ansiosa apontando para o objecto.

- Não tenho telemóvel há um ano, acho que tenho que tirar um curso para aprender a trabalhar com isto. – e riu-se.

Tinha que sacudir os pensamentos maus para longe.

- Vou descansar um pouco antes de ir para o Bistrot. Até já.

Beijou a face de Marie – desde que experimentou o afecto tornou-se uma beijoqueira-e, subiu as escadas até ao quarto. Deitou-se em cima da cama e começou a mexer no telefone. Na lista apenas dois números. O dele e do escritório. Sentiu-se uma prostituta exclusiva com um brinquedo de luxo.

Racionalmente sabia que ele a amava, mas não conseguia deixar de pensar que ele poderia ser igual aos outros. Ou queria que ele fosse igual para confirmar a sua tese que os homens não prestam? Rose dizia-o todos os dias centenas de vezes. «Os homens são como as sanitas, ou não prestam ou estão ocupados».

Ouviu esta frase quase vinte anos. Era incrível mas ele não se encaixava nessa hipótese e isso é que a assustava. Prometeu a si própria contrariar a tendência de fugir. Desta vez ia viver este amor que lhe caiu do céu com tudo o que tinha direito e, se um dia acabasse, não morria sem saber o que era esse

sentimento.

Entrou no restaurante trauteando um compasso de valsa.

- Sou eu que estou a ver mal ou estás com um sorriso estúpido nos lábios?

– disse Nicole a meter-se com ela.

- Estás a ver mal. – e fez-lhe uma careta deitando a língua de fora.

Parecia uma criança pequena a brincar.

- Sim! sim! Amanhã vou ao oftalmologista. – ironizou. – Relatório completo. Já. Temos quinze minutos até começar a entrar pessoas para jantar.

- «Cinco cêntimos na mão da Dora e a Dora diz tudo». – disse Aline com a mão estendida. – Hoje sou a vidente e quero ser paga. – ironizou. - Nada é de graça na vida. Queres saber paga. – e riu-se da cara apalermada da amiga.

Nicole não estava a perceber nada da conversa.

- É uma expressão que eu uso quando me querem arrancar algum segredo.

Dora é um vidente das histórias infantis que só trabalha por dinheiro.

Percebes? Não? Deixa.

Ao fim de quinze minutos Nicole estava a par das novidades e de alguma forma ficou feliz por ela.

- Já percebi. Ele está fora dos homens livres da vila para qualquer uma que se candidate. Levaste o melhor partido da região e arredores.

- Ainda resta o Serge.

- Oh! Não é para mim. É velho e a minha cabeça dava um nó. Jamais.

- Velho! Então também o irmão é velho para mim. – disse Aline.

A campainha tocou. Sinal que alguém entrou no restaurante.

- Eu vou. – disse Aline.

Pôs o avental preto de servir à mesa e pegou na ementa. O homem estava sentado ao fundo da sala e muito entretido a ver o telemóvel. De súbito pareceu-lhe que tinha qualquer coisa familiar. Parou entre a porta e tentou ver melhor. O homem ouviu os passos dela e levantou os olhos do telemóvel. Só teve tempo de virar-se de costas recolher à cozinha. Entrou de supetão e deu um encontrão em Nicole.

- Credo! – exclamou. – Viste o diabo? – exclamou Nicole aturdida com o encontrão.

- Vi o meu irmão mais velho, Olivier. Não quero que ele saiba que estou aqui. Por favor vai lá tu! – implorou a Nicole. - E Agora? Como é que vou trabalhar? Não, não é isso, ele vem prender-me.

A angústia que lhe trespassou o rosto naquele momento foi visível até para a amiga que nunca a tinha visto tão incomodada.

Desde que a conheceu adivinhou que havia um segredo escondido que Aline tinha pavor em revelar. Só não esperava que viesse bater-lhes à porta. O

pai avisara-as - a ela e à mãe - que um dia a vida misteriosa de Aline vinha ao cimo. Todos lhe queriam bem e ninguém fazia perguntas, mas sabiam que havia algo de estranho na vida da rapariga. Nos primeiros meses mostrou-se tímida e mais parecia um gato assustado. Recusava convites, fugia do convívio com as pessoas e, até Marie achava que ela escondia qualquer coisa. O

aparecimento de um irmão, não era propriamente motivo para tanto alarde, mas ela parecia bastante assustada.

- Eu vou. – disse com firmeza. – Mas o que pode o homem fazer? É teu irmão e daí? Não pode obrigar-te a voltar para casa. Ou pode? – perguntou desconfiada. – Prender-te Aline? Enlouqueceste?- perguntou Nicole sem perceber nada do que ela dizia.

- Não. Claro que não. Tu não entendes. – disse desesperada.

- Entendo quando me explicares melhor. Eu vou lá dentro levar a ementa e já volto.

O homem aparentava ter uns trinta e cinco anos. Um tronco volumoso deixava adivinhar a altura. Vestia um casaco de pele preto e por baixo uma camisola de lá azul. Aparentava um ar cansado e barba de dois dias pelo menos. No geral parecia desleixado. A única coisa que brilhava nele eram os olhos castanhos mel. Os mesmos olhos da irmã.

Aproximou-se com a ementa na mão e um sorriso como marca da casa.

Ali todos eram bem recebidos. O pai dizia que um sorriso tráz o freguês de volta e faziam o possível para atender os clientes com simpatia.

- Boa noite. Desculpe a demora. – e entregou-lhe a ementa preparando-se para o deixar.

- Recomenda-me alguma coisa rápida? – perguntou.

- Temos «coq au vin» pronto a sair e «blanquette de veau» como pratos do dia, depois há mais pratos na ementa, mas demora um pouco mais de tempo. Servimos muitos pratos a turistas e optamos por ter dois pratos diários.

– explicou. – Quer que volte mais tarde e entretanto decide o que vai comer? – perguntou Nicole.

- Escolho já. – disse. – Quero «blanquette de veau» e um pouco de «Foi gras», é famoso pela qualidade aqui, não é? – perguntou com um sorriso.

- Precisamente. A nossa região é especialista. – respondeu muito educada, em pose com as mãos atrás

das costas, como tinha aprendido na escola de hotelaria.

Um dos aspectos que tinha em comum com Aline: a formação profissional.

- Então até já. Vou providenciar os pratos. – e saiu em direcção à cozinha.

Aline estava em pulgas aos saltinhos. E assim que ela entrou fez-lhe um interrogatório.

- E então? Disse alguma coisa?

- Acalma-te. Pode estar só de passagem. Janta e vai-se embora, provavelmente.

- Sim...e se começam a entrar mais pessoas? Daqui a uma meia hora o restaurante está cheio. Como é que faço? Não posso deixar-te sozinha com o trabalho. – disse visivelmente ansiosa. – O teu pai vai fazer perguntas.

A ansiedade não a deixava ficar serena. Aline sabia que um dia ia ser confrontada com alguém da família, só não esperava ser Olivier.

- Ele escolheu um prato do dia. Vou chamar o meu pai para compor o prato. Em meia hora ele está na rua. – tentou sossegá-la.

Nicole chamou o pai para cuidar da confecção do prato e puxou-a para um canto.

- Conta-me lá essa história do teu irmão. Não sabia que tinhas um irmão muito mais velho. – disse curiosa. – Tem um ar selvagem, de homem boémio, mas é giro.

- Sim, é o Olivier. E o Olivier é assim. Esconde-se atrás de uma capa de dureza. É polícia.

- Uauuu! Já entendi! Achas que ele vem à tua procura? – exclamou.

- Não creio, quer dizer é provável.

E não tiveram tempo de alongar mais a conversa. Garcia chamou-as.

- Já está! Quem vai servir à mesa? – perguntou empurrando a terrina e o prato muito bem decorado com vegetais e puré de batata para cima da bancada.

- Vou eu. O cliente é meu. – Nicole apanhou a travessa e entrou na sala de refeições.

- O homem sorriu-lhe quando viu a comida. Devia estar com fome porque mal ela pousou o prato começou a comer.

- Bon appétit Monsieur. – desejou-lhe com um sorriso.

Estava mesmo esfomeado, observou ao vê-lo atirar-se à comida.

Vendo que ela se afastava chamou-a.

- Menina...como é o seu nome? – perguntou ainda a mastigar.

Nicole voltou-se de um para trás e ficou à espera que ele esclarecesse o que pretendia dela.

- Nicole. Nicole Garcia.

- É portuguesa?

- Que eu saiba não. O meu pai tem descendência italiana. Mas porque pergunta?

- Sou polícia.- disse com um sorriso provocador nos lábios carnudos e masculinos. - Sente-se um pouco. Gostaria de lhe fazer umas perguntas e queria fazê-lo de forma discreta.

Nicole sentou-se. Obedeceu.

- Estou à sua disposição. Espero que não me prenda. – disse com um sorriso nervoso.

- Só se a senhorita se portar mal. – respondeu ostentando um sorriso malicioso e um brilho nos olhos. – Não fique nervosa. Quero apenas umas informações sobre uma pessoa que procuro nesta zona e – fez uma pausa arrastando a voz sensual – não estou de serviço.

Nicole estremeceu por dentro. Como é que ia desvencilhar-se dele?

Não queria deixar a amiga numa situação complicada e nem sequer traí-la, mas aquela voz, o charme descuidado tinha qualquer coisa de magnético.

Estava pronta para o ouvir, até porque, o homem era muito interessante.

Tinha aquele jeito desleixado e de bandido que sempre a atraiu.

## Capítulo 12

Nicole acomodou-se na cadeira na frente de Olivier. Com alguma inquietação misturada com curiosidade, esperou que falasse, afinal foi ele que manifestou interesse em interrogá-la. De uma coisa tinha a certeza, por mais que o achasse fascinante não ia revelar muita coisa. Ele olhou para ela com aqueles olhos castanhos quentes e expressivos e ela sentiu uma pontada directa ao coração, qual flecha de cupido que a atingira mortalmente de amor.

*Deves estar parva Nicole.- pensou com os seus botões. Sempre tiveste um gosto duvidoso para homens. Ou gostas dos demasiado certinhos, tipo Thierry, ou dos malandros como este que está na tua frente. Um dia destes ainda tens que pensar em fazer uma psicanálise. Tem lá juízo que este arruína-te a auto estima em três tempos!*

- O que é que me tem a dizer sobre o assunto?

- Desculpe? – perguntou sem entender o que ele queria dizer.

Tinha noção que estivera ausente por segundos, imersa nos seus pensamentos. Não ouviu nada do que ele disse. Hipnótismo. Era o termo para o estado em que estava.

- Estava eu a dizer que procuro uma jovem mais ou menos da sua idade, com cabelos castanhos, olhos de mel, bonita, que desembarcou na gare há cerca de um ano. Esta jovem. – tirou uma foto pequena da carteira e estendeu-a na sua direcção.

Nicole fixou os olhos na foto e deve ter mudado de cor, tal foi o impacto que sentiu ao observá-la. Por mais que quisesse não conseguiu disfarçar a surpresa. Olivier era um bom avaliador de semblantes – devia estar muito treinado – e decerto não lhe passou despercebido o nervosismo dela. Tentou disfarçar e ganhar algum tempo antes de responder, mas não estava a conseguir. Não sabia mentir ou sequer omitir. Neste caso não era fácil. Não fora treinada na arte de disfarçar emoções. Avaliando o olhar dele percebeu que não conseguia enganá-lo pelo que tentou ganhar tempo e saber mais sobre o que o trouxera ali.

- O que é que quer da rapariga? É alguma criminosa? – perguntou ansiosa.

Só faltava descobrir que ela não era quem dizia.

Ele franziu o sobrolho e fez um sorriso ligeiro, descansado.

- De forma nenhuma. É uma jovem honesta. Não é? – disse de forma displacente mas com a intenção de a fazer cair na armadilha.

- Claro que é! – proferiu com rapidez.

Perante o sorriso dele, só então percebeu que tinha caído na armadilha.

Olivier era hábil a jogar com as pessoas. Foi apanhada como se fosse uma adolescente idiota e inconsciente. Aline nunca mais iria querer falar com ela.

- Não adianta disfarçar pois não? – perguntou arrependida de ter traído a amiga.

- Não. Até porque quando aqui entrei já sabia que ela estava cá. Pode chamá-la? Sou irmão dela.

- Eu sei. – disse com um sorriso frouxo.

- Afinal já sabia quando veio atender-me. – e sorriu-lhe da forma mais atrevida que conseguiu.

- Eu vou chamá-la. Só espero não me arrepender. Já volto.

E afastou-se para o interior da cozinha.

Aline percorreu a calçada com o coração acelerado ansiando ver a porta de casa para se esconder. Ao entrar alertou Maria que deve ter notado a diferença de cambiância no fechar da porta.

- Que bicho te mordeu filha? – e olhou para o relógio de parede para confirmar as suspeitas de que ela não entrara em casa na hora habitual.

Aline ficou estática e deixou as lágrimas correrem pela cara. Tinha-as sustido até ali. Mas, o pior da situação é que teve uma reacção infantil, pouco madura, como se fosse uma criança a fugir de alguém que a quer magoar e, isso é que a estava a incomodar. Que diabo, Olivier não é um monstro e não ia obrigá-la a voltar para casa. Teve medo. Mas medo do quê? A cena com Michel veio-lhe à memória novamente. E se ele vinha prendê-la?

- Fiz uma figura mesmo triste! O meu irmão mais velho apareceu no restaurante. Nem pensei duas vezes, inventei uma dor de barriga súbita e disse que não conseguia trabalhar. Que vergonha! O que eles vão pensar de mim?

- O que é que ele quer? Sabes ao menos?

- Acha Maria! Aqui a tonta mor, em vez de pensar, fugiu. Deixei a Nicole a falar com ele. Estou a chorar de raiva comigo. Não devia ter fugido!

- Agora já está. Deixa que ele vem procurar-te. A vila é pequena. Vai descansar que se ele aparecer aqui eu chamo-te.

Subiu as escadas com a sensação que a visita de Olivier ainda teria muitas novidades e que iria mudar a sua vida. Como é que pode imaginar que iria ficar escondida para sempre. Afinal distava pouco mais de quatrocentos quilómetros de casa e o mundo era pequeno. Muito pequeno. Subiu as escadas com a intenção de tomar um ansiolítico e dormir. Talvez fosse a ultima vez que dormia ali. Imaginava-se numa cela fria e húmida para o resto da sua vida, presa por homicídio.

A azáfama do restaurante deixou Nicole esgotada. Com a falta de Aline ela e a mãe, desdobraram-se para servir os jantares. Doíam-lhe os pés de andar e, como todas as noites estava desejosa de entrar em casa e entender-se na cama com a leitura do momento. Mas ele lá estava, pacientemente à sua espera, no outro lado da divisória de madeira sentado a escrever qualquer coisa no tablet. Tirou o avental, lavou as mãos e colocou um creme hidratante e disse: - Podem sair que eu fecho o café. Tenho um polícia à minha espera para me interrogar. – disse aos pais tentando dar um ar de graça, mas sem achar que tinha alguma.

Amélie e o marido deixaram de imediato os seus afazeres e ficaram prostrados em frente à filha, boquiabertos.

- E só agora nos dizes! Mas porquê? Fizeste alguma coisa que não devas?

– perguntou a mãe, enquanto o pai tinha um sorriso maroto nos lábios.

Garcia já tinha vislumbrado o homem sentado no café. Mesmo o estilo que Nicole apreciava. Conhecia muito bem a filha que tinha e a ironia que ela costumava usar para falar de coisas sérias.

- Não mãe. – riu-se. - Parece que não conheces a tua filha! É o irmão mais velho de Aline. Já percebeste porque é que ela saiu à pressa? É polícia, mas parece que não vem a serviço...quer encontrá-la. Prometi ouvi-lo, até porque não adianta esconder que ela não está aqui. Ele já sabia.

- Gosto muito da Aline, mas sabia que ela tem uma história escondida.

Mas isso é problema dela. Vai lá. Fechas o café. Eu e a tua mãe vamos já sair.

Passou para o café e sentou-se na mesa ao lado dele. Olivier olhou-a com aqueles olhos insondáveis – estava a começar a ficar irritada consigo própria por ter concordado em falar com ele – e o fascínio dela aumentou ao pousar o olhar no dele. Começou a perceber que talvez o tivesse escutado pelo charme que ele emanava. Se a amiga não queria ser encontrada não devia ter confirmado que a conhecia. Ele que tivesse mais trabalho para a encontrar. A asneira estava feita e não tinha como remediar. Por vezes irritava-se consigo própria por ter ainda aquela faceta ingénua com falta de travões na língua e que deixava deslizar palavras que não devia.

- Sei que ela trabalha aqui. Podia chamá-la?

- Nem vale a pena perguntar-lhe como sabe isso, pois não? – perguntou Nicole um tanto azeda.

Ele suspirou, um suspiro que ela entendeu como enfado da conversa e disse: - Temos muitas formas de chegar ao paradeiro de uma pessoa. Se ela não descontasse os impostos era possível passar despercebida, mas foi fácil. O

seu pai é um homem honesto, pelo que vejo.

- Não sou idiota. Sei bem que o cruzamento de dados dos serviços permite localizar uma pessoa. Forneça-me um bom motivo para eu o ajudar. – disse ríspida.

Olivier entendeu a irritação da jovem o que aumentou a consideração dele. Achava-a engraçada, havia qualquer brilho nela que o seduziu de imediato. Tinha olhos expressivos, castanhos-escuros e um corpo de mulher madura, cheio e com curvas. O tipo de mulher que apreciava.

- Não se abespinhe comigo. Parece-me que só está a ver o polícia na sua frente. Sou – hesitou um pouco-irmão dela, acima de tudo. Não lhe quero mal e estou aqui para lhe desvendar um mistério. Sabe alguma coisa sobre a vida dela?

- Alguma coisa. – mentiu.

- Ela lhe contará um dia, não posso e nem devo ser indiscreto. Mas parece que não sabe muito.

Ela percebeu que pouco sabia sobre a vida da amiga. Ou ela era muito má a mentir, ou ele era perito em perceber as pessoas.

- São amigas? – perguntou ele.

- Sim...posso dizer que sim.

- Então pode dizer-me onde a posso encontrar. Vou ficar por aqui uns dias.

Estou de férias. Tenho tempo e não quero assustá-la. Tinha esperança de a encontrar no restaurante, mas ela fugiu. Eu vi.

- Escapa-lhe alguma coisa? – perguntou com ironia.

- Só o que eu quero senhorita Nicole. – respondeu com ar de convencido.

- Isso não é excesso de segurança? – Nicole acicatou a fera.

- Há quem diga que sim, mas nunca me dei mal. – e deu uma gargalhada com um timbre muito agradável ao ouvido.

A porta da cozinha abriu-se e o casal Garcia surgiu pronto para regressar a casa. Olivier levantou-se para os cumprimentar.

- Boa noite. Oli Gauthier. Sou irmão da Aline. É um prazer conhecê-los.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão e Garcia disse: - Espero que não tenha sucedido nada de grave.

- Não. Desculpem o alarme. É apenas uma questão familiar, fiquem descansados que não estou aqui por problemas graves. – tentou descansá-los.

- Espero que não. – disse Garcia ainda um pouco reticente. – Adeus. Até já filha.

Oli sentou-se de novo e indicou a Nicole que o fizesse também.

- Voltando ao assunto. – disse ele.- Pode dizer-me onde posso encontrá-la amanhã?

Nicole decidiu desvendar o dia-a-dia da amiga, decidiu que não fazia sentido não colaborar, sobretudo depois de ele lhe ter dito que era do interesse de Aline, tratava-se de trazer alguma luz à vida dela. E de alguma forma sentiu que o irmão não lhe queria mal. Oli apesar de ser policia emanava muito paz.

- Fico muito agradecido pela informação. Vou ver qual a melhor forma de falar com ela. Como vou ficar por cá uns dias, gostaria de a voltar ver.

Parece-me que tem má opinião de mim e não queria partir sem desfazer essa impressão.

*Apanhada na curva como se costuma dizer, não é Aline.*

- Não, de todo. Tem que entender que as circunstâncias são um tanto estranhas...pouco sei da vida da sua irmã e aparecer um irmão policia a procurá-la depois de quase um ano é estranho...

- Tem razão. Estou habituado ao bulício da Paris e esqueci-me da dimensão de uma vila. Presumo que quase todos se conhecem. Quer beber café comigo amanhã as dez e meia? Dá-lhe tempo para descansar?

- Também sabe tudo sobre mim? – perguntou intrigada.

- Ossos do ofício. Onde?

- No centro comercial. Na livraria Fnac.

- Lá estarei.

Pegou-lhe na mão direita e levou-a à cara num gesto de carinho. Nicole sentiu a quentura da mão dele e foi percorrida por uma sensação de bem-estar.

Tinha um toque quente, agradável. Olivier saiu porta fora, perdendo-se na noite e deixando Nicole um tanto atordoada. As últimas duas horas tinham sido avassaladoras. Descobriu um irmão na vida da amiga e um homem que a atraiu de forma magnética. Pegou no telemóvel e digitou uma mensagem.

*Sua fujona. Devias ser castigada por teres escondido este irmão lindo de mim. Estou a brincar. Falei com ele. O homem vem em paz e traz-te novidades – que fez questão de não me revelar-sobre um assunto que te interessa. Amanhã vai procurar-te. Bisou. Nicole.*

Carregou no enviar e enfiou o telemóvel na bolsa ao mesmo tempo que vestia o casaco. Não tardou um minuto que o sinal de mensagem não surgisse.

*Obrigado. Desculpa esta tua amiga trapalhona. Amanhã resolvo esta minha atitude estúpida. Beijo. Aline.*

Aline tomou a decisão que há alguns dias protelava e quando a comunicou a Thierry ele levantou-a no ar e rodopiou com ela até ficarem os dois tontos.

Decidiu não fugir mais dele e estava na hora de aceitar o que a vida lhe ofereceu sem culpas. Ia trabalhar a tempo inteiro com ele e aceitar a relação também. Apenas uma questão por resolver : Olivier. Quando, naquela tarde se despediram, foi difícil separarem-se e só a muito custo Thierry a deixou ir. Só não a carregou pela escada acima até à sua cama, por respeito aos pais que estavam em casa. Despediram-se até dali a uma hora, na associação de danças latinas.

Faltava dez minutos para o ensaio e não queria chegar atrasada.

Aproximava-se do pavilhão desportivo a passos rápidos e já ouvia a música do aquecimento, um som de kizomba bem ritmado.

Percorreu a distância até ao salão e foi adiantando trabalho. Despiu o casaco quente e tirou os sapatos de dança do saco. Entrou na sala repleta de pares e avistou Thierry a uma ponta. Sorriu-lhe. Pousou a mala e calçou os sapatos. Dirigiu-se a ele.

- Vamos lá pessoal! Vamos começar pelo passo doble para treinar para o campeonato.

A música soou e a voz de Gerôme também.

- Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito...- fazia a contagem para começar os passos em voz alta.

Embrenharam-se os dois na dança de desafio. O paso doble era uma dança de desafio: a dança de enfrentar o toiro. Subitamente o pensamento fugiu-lhe para o irmão e, pensou que ainda tinha esse problema para resolver.

Distraída falhou um passo e o professor notou.

- Aline! Olha que o júri não perdoa. – avisou num tom simpático.

Gerôme tinha sido uma boa surpresa. Um homem cheio de graça corporal e com muito sentido de humor – muito diferente da antiga professora em Perpignan - bailarino profissional e um excelente professor. Calmo, compreensivo, com um toque pessoal de entusiasmo contagiante . Dizia umas piadas sobre as mulheres, e como haviam de ser conduzidas na dança, como “

os homens é que mandam, meus senhores, elas tem um comando nas costas”-

quando se referia à forma de comandar a dança pelos homens- “só temos que tocar com a mão para elas fazerem os passos, ou “ não vale olhar para a braguilha dos homens e eles para os decotes delas”, quando os pares tendiam a olhar para os pés para entenderem os passos ao invés de olharem para cima, para os olhos, como ele dizia. As aulas eram divertidas e um momento de descontração.

Oli convenceu Nicole a acompanhá-lo às aulas de dança da irmã. Durante a noite pensou em não a confrontar sozinho. Queria que ela estivesse entre amigos e já que tinha um namorado, aproveitava para o conhecer e, quando se encontrassem ela iria sentir-se protegida. Olivier e Nicole entraram na sala sem fazer barulho ao som de uma valsa vienense. Sentaram-se e Olivier ficou a observá-la a dançar. Sempre tivera graça e leveza desde criança. Imaginou o que é que ela seria se a sua vida não tivesse sido interrompida na infância.

Merecia melhor sorte. Sentiu compaixão dela. Agora que sabia a verdade, não podia ser mais solidário com aquele jovem a quem enganaram toda a sua vida, obrigando-o a ele e a Jardel a serem cúmplices na mentira.

A música parou e os pares em pose ensaiaram os agradecimentos. Os olhos de Aline bateram no casal sentado ao fundo da sala. Agora não podia escapar. Nem queria.

## Capítulo 13

- Olá fujona. – e estendeu-lhe os longos braços onde ela se aninhou.

Foi um abraço de urso. Oli era tão alto e forte que mais parecia um urso em posição de ataque quando se

levantou para a abraçar.

Uma lágrima assomou no canto do olho de cada um. Era o único familiar que lhe restava que se poderia importar com ela.

Thierry e Nicole afastaram-se para deixarem os dois irmãos a sós. Muito teriam que esclarecer.

- O que vieste fazer aqui Oli? Nem te pergunto como me encontraste. Já sei que és perito a apanhar os maus. – e sorriu-lhe. – Vens prender-me por assassínio? Não é?

- Assassínio? Andaste a fumar alguma droga Aline?

Sossegou finalmente da dúvida que a tinha perseguido desde Perpignan.

- Mas como me encontraste? Diz? – perguntou ainda presa no seu abraço.

À sua volta os pares continuavam a dançar mas todos viravam o pescoço com curiosidade.

Ele passou-lhe um braço pelos ombros e beijou-lhe a testa.

- Sempre soube que estavas aqui. Quando a mãe, quer dizer a Rose – emendou - disse que tinhas desaparecido fiquei atormentado. Acho que nunca fiz o suficiente por ti. – disse Olivier demonstrando alguma culpa.

- Deixa lá, sobrevivi. Anda, vamos até minha casa. Lá conversamos melhor. E a Marie faz-nos um lanche especial.

- Quem é Marie?

- Até que enfim, que não sabes algo.

- Tenho o carro lá fora anda.

- Thierry e Nicole desapareceram...- observou Aline.

- Pedi a Nicole que nos deixasse a sós.

- Pediste? Só isso? Tanta intimidade. Olha que ela é a minha melhor e única amiga. Cuidado inspector. – conseguiu finalmente relaxar e brincar com a situação.

- Fico feliz de teres encontrado apoio nesta comunidade. Os bascos são hospitaleiros, afinal. E gostei da Marie. – disse Oli.

- Estou constrangida. Nunca imaginei que viesses à minha procura. Estava convicta que ninguém se daria ao trabalho.

- Sempre soube onde estavas. Depois de faltares duas noites em casa a mãe telefonou-me.

- Achei que iria sentir alívio...

- Talvez ela tivesse receio do meu julgamento...apesar de não ser o filho preferido é comigo que ela conta...e contigo durante anos e, não quis arriscar que eu me zangasse com ela, por isso telefonou-me. Acharmos o teu telefone dentro do lago, essa parte deu trabalho Aline. Só depois de termos verificado que não estavas afogada lá é que seguimos o teu rasto.

Aline baixou a cabeça. Ter o irmão ali na sua frente a recordar-lhe o passado não era agradável, mas talvez fosse a oportunidade de exorcizar todos os fantasmas que carregou consigo ao longo dos anos.

- Desculpa o trabalho que te dei...mas... ela não é a minha mãe. Não pode ser. Não creio que uma mãe tratasse assim uma filha. Desculpa...- e as lágrimas deslizaram em fio pela cara.

Olivier puxou-a para perto de si, no sofá e abraçou-a.

- Nunca mais te deixo acontecer nada...eu é que tenho que pedir desculpa por ter permitido que a minha mãe te tratasse daquela forma e, fui covarde, parti para longe e deixei-te lá. Mas sabes, eu também queria escapar dali. – confessou.

Na cozinha ouvia-se o som de chávenas e colheres. Marie estava a preparar um lanche, como prometeu. Empatou-se algum tempo para não interromper o diálogo entre os dois irmãos que sabia ser difícil. Marie sabia há muito tempo que um dia alguém viria procurá-la.

- Desculpa...- disse Aline depois de alguns segundos em que deixou fluir a raiva expressa através de choro. – Sei que não pensas assim...mas não consigo vê-la de outra forma. – Não entendo como é alguém pode destilar tanto ódio para cima de uma filha!

- Não tens que pedir desculpa. O pai é o grande responsável pelo comportamento que ela veio a ter conosco e sobretudo contigo. A mim e ao Jardel nunca tocou...mas há uma razão que tu ainda não sabes...nada justifica a forma violenta como te tratou, mas explica muita coisa o facto de o pai não a amar. O pai, o meu pai, tinha uma vida dupla.

\*

O que restou da longa noite de revelações passou-a a remoer a informação que Oli lhe deu. Imaginar que havia tanta coisa oculta, era algo que nem lhe passava pela mente. Quase dera um nó no cérebro para conseguir encaixar tanta coisa. Não desculpava Rose pelo que lhe fizera, continuava a achá-la uma mulher má e cruel, mas clarificou bastante as suas dúvidas desde que tomou consciência que não tinha uma mãe como as outras crianças.

Esfregou os olhos com preguiça. Só de madrugada conseguiu conciliar o sono.

Um turbilhão de emoções invadiu-a, roubando-lhe a serenidade de que já usufruía há algum tempo. Noite de insónia, mas também noite de decisões.

O sol ia alto e temeu ter acordado tarde. Pegou no telefone caro que Thierry lhe oferecera e verificou as horas. De facto estava atrasada. Saltou da cama e vestiu-se. Não havia tempo para mais cuidados matinais, cara e dentes lavados, um creme aplicado no rosto e estava pronta para ir. Depois de tomar a decisão de trabalhar a tempo inteiro com Thierry, não queria chegar atrasada quando lhe ia comunicar a

sua decisão. Passou pela cozinha à pressa e deveria ter o semblante bastante aliviado em comparação com a noite anterior.

Marie, a presença a que já se habituara no dia-a-dia, sorriu-lhe e estendeu-lhe uma caneca de leite com café.

- Toma, já percebi que o relógio não tocou. – troçou. – Mas pareces bastante mais aliviada.

- Estou Marie. Não preciso olhar por cima do ombro. Acredita que eu passei um ano com medo de ser presa por assassínio porque dei com uma jarra na cabeça de um estupor?

- Ele devia merecer. – disse Marie serenamente.

- Sim, mas podia ter matado o homem. Bom, já não interessa, talvez se lembre de outras vezes que trate alguém de igual forma. Sabe uma coisa? Vou ficar aqui, não quero voltar para casa.

- Bem-vinda *chérie*. – e deu-lhe um longo abraço apertado.

Nunca Aline tinha percebido que o sabor do café com leite era sublime.

Engoliu o líquido com pressa e saiu apressada em direcção à felicidade.

Em direcção ao vale e a Thierry.

- Pensava que me tinhas abandonado. – disse ele da porta do escritório.

Ergeu os olhos do teclado do computador e lá estava ele. Encostado na ombreira da porta do escritório, com aquele ar de menino grande abandonado, com olhos de apaixonado, a observá-la.

Aline levantou-se de um salto e correu na sua direcção. Lançou-se nos braços abertos que a esperavam e aninhou-se. Sentiu-se protegida. Naquele instante teve a certeza que o amava, para o bem e para o mal.

- Vou ficar. – murmurou.

Thierry desviou-se para lhe ver o rosto e franziu o cenho não percebendo o que ela lhe estava a querer dizer.

- Vou ficar a trabalhar contigo a tempo inteiro.

- Sejas bem-vinda amor. Trabalho não te vai faltar...nem outras coisas.

- Aceito as duas de bom grado. – respondeu-lhe ela.

- E como é que estás a pensar resolver com o Garcia? – perguntou Thierry.

- Tenho férias duas semanas e vou informá-lo hoje da minha decisão.

- Será pedir demais que fiques comigo essas duas semanas? A minha casa tem vários quartos vazios e os

meus pais estão cruzeiro às Caraíbas durante esse tempo.

Tinha esperança que ela aceitasse a proposta. Estariam os dois sozinhos e nada iria interferir na vida deles.

- Vou pensar na tua proposta. Não quero melindrar ninguém, mas estou tentada a aceitar, desde que prometas que não invades o meu quarto a meio da noite. – provocou.

- Vem cá sua provocadora! – e agarrou-a pela cintura cingindo-a mais a si. – Então esperei todo este tempo para dormir sozinho? Nem penses. Cá em casa só há um quarto. O meu que agora passa a ser o teu.

Os braços envolveram-se e o encontro dos lábios foi inevitável. Um beijo doce, profundo, de afecto, o prenúncio dum envolvimento adiado. Aline sentiu o coração acelerado, e uma sensação de bem-estar como nunca sentira. Uma sensação nova. Estava apaixonada e sabia que era correspondida. Tudo lhe pareceu um milagre de intervenção divina. Aquele homem bom, só podia ter caído do céu por intervenção de um ser superior, já não esperava que existissem homens como ele. Foi preciso ter passado pela experiência de conhecer homens nojentos e doentes para dar valor à simplicidade de um homem como ele. Sabia que não iria escapar de uma noite de amor diferente de todas as que tinha vivido até ali. Mal podia esperar.

\*

Onze horas da manhã. A loja estava meio deserta. Melhor para circular por ali e espreitar as prateleiras todas sem correr o risco de incomodar alguém. Nicole gostava de circular pela livraria quando ela abria. A noite foi confusa e recorda-se que a certa altura deve ter sonhado. Lembra-se de uma figura de homem, vaga e doce a despedir-se dela e a pedir-lhe desculpa por alguma coisa que agora não se recorda e, simultaneamente outro homem, charmoso e com um ar perigoso que surgia ao fundo de uma rua deserta. O nome da sua autora preferida captou-lhe a atenção. Pegou no livro e começou a ler a sinopse na contra capa.

- Também gostas de romances cor-de-rosa? – perguntou uma voz quente e rouca atrás de si.

Reconheceu a voz e uma sensação de inquietude percorreu-lhe o corpo.

Há muito tempo que um homem não tinha esse efeito nela. Voltou-se e deu de caras com um rosto sorridente, com a barba feita e vestido de forma desportiva com calça de ganga e camisa de flanela aos quadrados vermelhos e pretos. Por cima uma anorak preto sem mangas. Uns ténis completavam o conjunto. Parecia ter menos dez anos que ontem.

- Olá estrangeiro. Gosto. – respondeu à pergunta. - Mas de certeza que não gosto menos dos meus livros, do que tu, de exercitares o teu corpo nas máquinas do ginásio.

Oli deu uma gargalhada e pegou-lhe na mão beijando-lhe a ponta dos dedos.

Ela deixou-o completar o gesto galante e colocou o livro no sítio de onde o tirara. Ele pegou no livro e começou a ler a sinopse.

- *Alice Barrow desafia todas as convenções ao abandonar o mundo rural e tacanho onde nasceu.*

*Numa época em que as mulheres são cidadãs de segunda categoria, o seu emprego na fiação da família Fiske é um passo importante rumo à emancipação. As "meninas da fiação" trabalham longas horas em condições...*

- Não vais levar? – perguntou estendendo-lhe o livro. – Estava a brincar contigo quando disse ser um romance cor-de-rosa.

- Eu sei. Imagino que não é o teu tipo de leitura.

- Pois não. Gosto mais de Sherlock Holmes, meu caro Watson. – e sorriu-lhe abertamente. - Mas não vamos ficar aqui de pé a falar sobre autores.

Vamos tomar um café ali. – e apontou para uma pastelaria ao lado.

- Desculpa não ter podido encontrar-me ontem contigo aqui, como tínhamos combinado. Tive uma série de coisas a fazer relacionadas com o meu trabalho em Paris. Coisas burocráticas. Nem de férias estou descansado. – justificou-se.

- Estás perdoado.

Nicole enfiou o braço no dele com naturalidade e deixou-se conduzir até onde ele quisesse.

Aline já estava na cozinha a preparar saladas quando Nicole entrou.

Achou-a bonita. Não soube identificar o que ela tinha de diferente, mas irradiava uma luz que nunca lhe conhecera.

- Estás bonita Nicole. Estou a ver bem? Pintaste os olhos e puseste baton?

Tu não precisas disso para ficares bonita...mas...deixa-me pensar – fez uma pausa – será que isso é tudo obra do inspector Gauthier?

- Quem? – não percebeu a quem ela se referia.

- O meu irmão tonta!

- Ah! Nada de mais. Já tu...conta lá. Deves ter muitas novidades. – retorquiu Nicole.

- Primeiro tu. – diz Aline a rir. – Parecemos duas adolescentes. Conta lá antes que cheguem os teus pais.

- Ora...- fez-se cara-fomos só tomar café. Não sabia que tinhas um irmão tão...interessante.

- Nem eu. – riu-se. - Para te dizer a verdade não temos convivido muito desde que ele foi para a polícia, já lá vão muitos anos, era eu uma criança ainda. Mas era ele que me protegia quase sempre quando Rose...- e parou a conversa quando se deu conta que Nicole não conseguia aquela parte da sua vida.

- Ah não! Hoje vais contar tudo dessa tua Rose...mãe...ou lá o que ela é.

O Oli não me quis contar, disse que eram assuntos teus.

Estava na hora de revelar a Nicole o seu passado triste. Não queria esconder mais a sua vida e ela merecia ouvir a verdade.

- Está bem...prepara-te que não é agradável. Não sei se vais acreditar em tudo o que tenho para te contar.

- E porque é que não ia acreditar em ti? Acaso foste alguma vadia?

- Essa é só uma parte. Talvez daqui a uma hora já não gostes tanto de mim amiga.

- Não sou esse género de pessoa. Já devias saber. São dezoito e trinta, tens uma hora para me contar tudo. Daqui a uma hora o Oli e o Thierry estão aí para jantar e já quero estar informada.

Uma hora depois, entre risos, lágrimas e surpresa de Nicole, sentia-se muito mais aliviada. Aos poucos ia desvendando o mistério que a rodeava.

- Desculpa se te choquei. Talvez não devesse ter-te contado a minha história. Avisei-te que não era bonita.

A amiga estava consternada. Aline já estava arrependida de lhe ter contado os pormenores da sua vida passada.

- Não... não esperava que tivesses sido uma criança maltratada. Ninguém denunciou a tua mãe?

Aline abanou a cabeça em sinal negativo.

- Ninguém sabia. Ela batia-me por baixo da roupa. Nunca me bateu na cara. Nunca aparecia com marcas visíveis.

- Mas esse teu pai também era uma boa bisca! – exclamou com raiva.

Raiva pela amiga.

- Meu pai? Já nem sei quem é quem. Só sei que tenho que ir a Paris perceber melhor a embrulhada da minha vida. Foi isso que o Oli veio fazer.

Por acidente, durante uma investigação descobriu quem eu sou. Confesso que estou muito baralhada, mas não é uma surpresa total para mim. Sempre senti que haviam coisas mal contadas.

A campainha das mesas tocou para as retirar da conversa e, as duas, pegaram nas ementas e seguiram para o restaurante.

## Capítulo 14

- Tens a certeza que a rua é esta? Mas é um bairro rico. – observou surpreendida por Oli a ter levado até ao *Quartier Latin*.

- Tenho. É aqui que ela mora. – disse Oli.

Aline deixou-o passar na sua frente, quando subiam os três degraus que acertavam o desnível da rua, e Oli tocou a campainha do quinto andar. Uma voz feminina com sotaque carregado do norte perguntou quem era num francês que quase não entendeu, bem diferente do *accent du midi*, ao qual estava já habituada. Gentes do norte e do sul reconheciam-se pela forma como pronunciavam as palavras. Os do norte numa língua mais cerrada, difícil e, os do sul com uma pronúncia aberta e mais fácil de entender.

Oli identificou-se e respondeu que a senhora os esperava. A enorme porta de ferro do edifício estilo *Haussman* abriu-se com um grande estalido.

Durante a viagem de comboio até Paris ficou a conhecer melhor aquele que conheceu como irmão toda a sua vida. Aline contou-lhe o que vivera com a mãe, as atrocidades a que fora submetida e Oli a sua vida de homem solteiro, polícia de investigação criminal em Paris. Uma vida de solidão a que ele se obrigou por considerar que casamento e família não eram para si. Vivera relações fugazes e nunca se interessou por nenhuma mulher o tempo suficiente para a amar. O casamento dos pais também não foi um exemplo bom, pelo que nunca se esforçou o suficiente para conhecer melhor algumas das namoradas que teve. No fundo a história de Oli não era diferente da sua, mas sendo homem nada lhe ficava mal, sobretudo numa cultura machista.

Entraram no elevador e Aline sentia-se calma. Talvez devesse estar com o coração aos pulos, mas tal não aconteceu. Aquilo com que se iria confrontar a seguir não seria pior do que já vivera até ali. Conhecer alguém que se dizia sua avó era no mínimo estranho, mas estava curiosa, sobretudo porque pela aparência do prédio secular não devia ser uma pessoas simples e indiferenciada. Só podia ser da burguesia, a burguesia parisiense de que tanto ouvira falar. A seu lado, Oli sorria-lhe e, prestes a chegarem ao quinto andar abraçou-a brevemente num gesto de companheirismo, afinal eram os dois parceiros naquela aventura familiar. O elevador parou com um gemido de ferro a denunciar pertencer a outro século, apesar de ser sólido e robusto no desempenho do que era esperado de um mecanismo antigo. Decerto aqueles prédios do tempo de Napoleão III teriam sido reconstruídos ao longo do tempo mantendo as características arquitectónicas, mantendo-se até hoje muito belos e um ícone da arquitectura da cidade luz.

A porta de madeira pesada, abriu-se à chegada deles. Uma mulher com cerca de quarenta anos, olhos vivos e um sorriso afável no rosto, recebeu-os e cedeu-lhes passagem para o interior do apartamento.

- A senhora está à vossa espera. – e afastou-se para os deixar passar.

Conduziu-os pelo largo corredor, ricamente decorado com quadros a óleo com paisagens campestres, e

tapetes persas espalhados ao longo do seu comprimento com credências em madeira exótica ostentando candeeiros que deviam valer uma fortuna, mas que Aline não conseguia identificar. Na realidade percebia muito pouco de arte, apenas o que aprendera na escola, mas sabia que todos os objectos ali eram obras de arte valiosas. Uma luz clara emanava de uma janela-varanda no outro extremo avistando-se os telhados dos prédios circundantes à mesma altura da janela. As reconstruções do final do século XIX ordenaram a cidade de uma forma muito peculiar. Largas avenidas alinhadas a desembocarem numa praça das inúmeras que existiam na cidade luz. Era a primeira vez que estava em Paris e estava fascinada pela sua beleza.

A mulher que imaginou ser uma empregada abriu uma porta – das muitas que existiam no longo corredor – à esquerda, e fê-los entrar na pequena sala inundada de luz. Os olhos de Aline percorreram a divisão decorada em verde e rosa desmaiado – com mobiliário antigo-, em busca da figura que os esperava. De pé junto a uma poltrona uma senhora aparentando uns oitenta anos, estava apoiada a uma bengala. Cabelo castanho acobreado – pintado certamente-, uma face com rugas e alguma maquilhagem mas com um sorriso nos lábios. Os seus olhos incidiram em Aline que teve um choque. Pareceria ter dado um salto no futuro. Estava a ver-se a si própria dali a cinquenta anos.

Os mesmos olhos cor de mel, e a mesma pose. A senhora estendeu as mãos para ela e com uma lágrima a cair pelo rosto enrugado e sofrido disse: - Vem cá querida. Chega aqui perto de mim.

Aline olhou com curiosidade para a mulher mas não se aproximou sem Oli a incentivar a fazê-lo. Ele próprio se aproximou da senhora – levando Aline pelo braço como se fosse uma criança envergonhada - e deu-lhe um beijo na face cumprimentando-a: - Como vai avó.

- Agora bem. Os meus dois netos. – exclamou com alguma emoção contida.

A senhora pegou-lhe nas mãos com sofreguidão e apertou-as com carinho.

Perscrutava-lhe o rosto com curiosidade ao mesmo tempo que lhe afagava a face como se quizesse recuperar o tempo perdido. Toda aquela manifestação de afecto era estranha a Aline mais habituada a coisas mais violentas.

- Meus Deus! Como és bonita! Muito parecida com a tua mãe. Quase tive um choque quando te vi surgir na porta. Só não desmaiei porque o Oli já me tinha mostrado a tua foto. Querida neta! – e beijou-lhe a face.

Aline já se refizera do choque inicial que a descoberta desta avó, da qual desconhecia a existência, lhe provocou. Estava surpreendida pelo nível requintado da senhora e a avaliar pelas mobílias e tamanho do apartamento pertencia a uma família de classe alta. Perguntas. Tinha imensas perguntas.

Uma delas, senão talvez a primeira é como é que foi parar a uma família estranha, a mais de mil quilómetros de distância e de uma classe social desfavorecida, pobre de espírito mesmo.

Acomodaram-se nos sofás fofos de veludo verde água e a velha senhora indicou-lhes que se servissem de chá e bolinhos que a empregada tinha deixado em cima da mesa frente ao sofá numa bandeja com um lindo serviço de porcelana Limoges em azul e branco. A mulher começou a falar da família, a família que

sabiam agora ser a deles e na forma como viveram há muitos anos atrás. Sobreviveu ao marido e aos dois filhos. Mais parecia uma tragédia daquelas que passam nos filmes onde Aline aproveita para chorar tudo o que não tem coragem de chorar pelas tristezas da sua vida. Ficou chocada e um tanto revoltada com a atitude do pai que fugia da mãe e deles também, deixando-os a viverem de forma modesta e com bastantes dificuldades para se refugiar durante meses num dos bairros mais chiques da cidade com todo o conforto.

- Quer dizer que as viagens que o meu pai – a voz falhou-se com a emoção – quer dizer, o meu tio...o meu tio... fazia ao norte era para vir para casa? Para esta casa? – perguntou Aline com azedume na voz.

- Sim era. – respondeu a avó com tristeza. - O vosso avô exigia que ele viesse a casa para tratar dos negócios da família, apesar de aceitar que ele não estivesse cá durante algum tempo. Insistia que a responsabilidade era dele.

Sabem - e olhou para os dois – o teu pai e a tua mãe foram dois filhos rebeldes que não conseguiram fazer frente ao pai autoritário que tinham. A educação rígida que o meu marido lhes deu, à moda antiga, afastou-os de casa e de nós.

Ninguém suportava o autoritarismo do avô. Fugiram os dois ao invés de o enfrentarem. Ninguém se atrevia a enfrentar Olivier Gauthier.

- Ah bom! Quer dizer que tenho o mesmo nome dele? – perguntou Oli.

- Sim, uma homenagem que o teu pai quis fazer-lhe, talvez na esperança que ele tivesse mais consideração por ele, ou até que esse gesto o amaciasse mais.

Impaciente Aline perguntou.

- E a minha mãe...quer dizer... a Rose, nunca teve entrada nesta casa? – perguntou Aline.

Não estava muito importada com isso e Oli já lhe tinha explicado que esse casamento nunca fora aceite pela família mas queria ouvir da parte da senhora, da avó, as explicações para as suas dúvidas de muitos anos. Sempre estivera certa. Rose não era sua mãe, nem sequer madrasta, já que Dennis não era seu pai, era tio.

- Não. – proferiu de forma seca mas sofrida. – Nunca concordei com isso, mas o meu filho nunca fez questão de a trazer à nossa presença. O meu marido contratou um detective privado para saber onde o nosso filho vivia. Confesso que tinha imensa pena que vocês estivessem naquele sítio e sem condições, mas ele ameaçava suicidar-se se interferíssemos na sua vida.

- O meu pai ameaçava suicidar-se?- perguntou Aline estupefacta.

A idosa confirmou com a cabeça, serena, mas com um olhar de sofrimento arrecadado durante décadas.

A velha senhora arrastava a voz, incomodada pela emoção. Aline e Oli ouviam-na em silêncio, cortado apenas pelas perguntas ávidas de Aline.

- Madame...- preparou-se para mais uma pergunta.

- Monique. O meu nome é Monique, mas se conseguir trata-me por avó...

- pediu. – Sei que é pedir demais, mas não queria morrer sem ter esse prazer.

Vocês são lindos meus netos. Desculpem...

E a emoção invadiu-a fazendo-a estremecer enquanto as lágrimas corriam em fio pela face desenhando rios pelo pó de arroz e caindo no regaço sujando a saia preta com uma mistura de pó de e rímel. De súbito a empregada entrou com uma bandeja na mão contendo um copo de água e uma caixa de comprimidos, trazendo uma expressão de censura no rosto.

- Madame Monique tem coração fraco, não se pode emocionar. Ordens médicas. – estendeu-lhe o copo que a senhora apanhou prontamente e tirou um comprimido da caixa oferecendo-lho para que o tomasse.

A criada fez um ar condescendente com eles e saiu em silêncio pela porta.

Percebia-se que denotava carinho pela idosa.

- Mariana é a minha governanta e única amiga. É quase como uma filha.

Depois que a tua mãe faleceu na guerra...

- Na guerra! – exclamou Aline quase gritando. – Mas como na guerra?

- Essa parte eu não contei...avó. – respondeu Oli. – Achei demasiado para uma primeira revelação.

Ainda lhe custava dizer a palavra avó. Soava a estranho embora conhecesse a avó Monique há quase um ano.

- Solange, a tua mãe – e olhou para Aline – era rebelde como Dennis, tal como ele não aceitou as imposições do pai. Queria escolher a profissão e o vosso avô decidiu que a filha ia ser médica e o filho advogado. Solange alistou-se na Legião com pouco mais de vinte anos e desapareceu durante mais de um ano. Vinha a casa quando estava de férias e só para me ver.

- Nem tenho palavras...quando eu achava que já sabia tudo da minha vida eis que me cai um balde de gelo em cima...- disse Aline completamente atónita. – Parece-me que estou a viver dentro de um filme policial de série B.

Oh meus Deus! – e levou as mãos ao rosto em sinal de desespero.

- Desculpa Aline...é melhor saberes tudo agora, já que estamos em maré de revelações. – disse Oli constrangido pelo sofrimento que lhe estava a causar.

- Têm a certeza que esta história não é um filme de série B mal contado? – perguntou esboçando um sorriso amarelo.

- Antes fosse. – respondeu Oli. – Mas há mais.

- Sim...e é aqui que entra o teu primo Oli. Conta tu, se não te importas...

estou cansada. – pediu a velha senhora denotando sinais de fadiga.

- Estava a investigar um grupo de terroristas escondidos em Paris há meses e, – fez uma pausa e coçou a têmpora – bem vou abreviar que isto é informação confidencial. Um dos terroristas que a polícia investigava, que eu investigava, apareceu morto e trazia uma foto da tua mãe na carteira. Foi assim que cheguei aqui.

- Estás a falar do meu pai biológico? – perguntou desorientada com tanta informação.

- Presume-se que sim. Pelo menos parece que teve uma ligação com a tua mãe durante anos. Era um mercenário de guerra...

- Filha de mercenários...- murmurou quase em surdina, mais parecendo um lamento. – Estou cansada e com a cabeça a ferver. – disse. – Não me digam que há mais revelações que estou prestes a desabar...

- Há mais. – respondeu a avó. – Infelizmente há mais.

- Não esperava que a minha mãe me tivesse deixado aqui e partisse para a guerra de novo. Que raio de ideias suicidas tinha ela?

- Depois de tu nasceres, ela ficou alguns dias, mas como o teu pai não apareceu para te dar o nome, o teu avô disse que não permitia vadias em casa.

O avô provinha de uma família judaica alemã com tradições militares e muito severo. Eu própria tive que me submeter às leis dele.

- E porque é que a senhora não ficou comigo? – perguntou ressentida com tudo o que passara até ali.

- O teu avô disse-me que se quisesse ficar contigo teria que escolher outra casa. Eu tinha quase sessenta anos. O teu tio Dennis pegou em ti e desapareceu. Foi aí que o avô caiu nele e os remorsos fizeram que mandasse um detetive atrás do teu pai. Apanhei-o várias vezes de volta do teu berço a observar-te antes do teu tio te levar.

Aline mantinha-se quieta e calada. Tanta coisa para digerir em tão curto espaço de tempo estava a dar-lhe volta aos intestinos. Sentiu uma pontada na barriga. Sempre que ficava nervosa o sistema digestivo não aguentava e era acometida por cólicas. Oli já saíra há algum tempo deixando-a na companhia da avó com a promessa de voltar no dia a seguir assim que pudesse. Os dias de férias que tirara para encontrar Aline acabaram-se e tinha que voltar ao trabalho na policia.

- Quanto tempo a minha mãe ficou comigo aqui?

- Cerca de quatro meses. Um dia pediu-me que ficasse contigo até ela encontrar o teu pai, soldado como ela na Legião Francesa. Não voltei a vê-la.

Só no caixão quando a legião a entregou. Não sei onde morreu sequer. Não me quiseram dizer, só me disseram que era oficial, não era um simples soldado e teve honras de oficial no funeral. Do teu pai biológico só soube há meses quando o destino me trouxe o Oli até à porta. O resto já é do teu

conhecimento.

- E porque é que não me foram buscar. Não faz uma pequena ideia do que passei estes anos nas mãos daquela... – disse num tom de censura mas que tentou disfarçar.

- O teu avô nunca me disse onde estavam e entretanto morreu em pouco tempo com cancro no pâncreas. Todos os esforços que fiz no sentido de te encontrar foram barrados pelos advogados da empresa durante um tempo enquanto ele foi vivo.

A conversa ia longa, e as emoções tinham atingido picos de dor e até de riso, algumas vezes, quando o sofrimento das revelações se tornava demasiado caricato. Quase não era possível em circunstâncias normais existir tanta desgraça numa família.

Aline era muito perspicaz na leitura dos outros, só não conseguira sê-lo com os homens com quem se envolveu por precisar demasiado do seu afecto.

Ressentida pela vida odiosa que teve, concluiu que a avó já tinha desistido de os encontrar há muito e não perdeu a oportunidade de a questionar: - Vai-me desculpar a sinceridade demasiado crua mas já tinha desistido de nos encontrar há muito tempo, não tinha? Se não fosse o destino ter trazido o Oli até aqui, nunca iríamos saber que tínhamos mais família.

- Tens razão. – disse numa voz a acusar o cansaço. – A certa altura pensei que mais valia deixar como estava. Tive medo que me rejeitassem, sobretudo depois do Dennis, teu tio, ter falecido. Ai já sabia onde vocês estavam. A tua...a mãe do Oli dissevos que ele ia ser cremado em Paris, mas na realidade os meus advogados deram-lhe uma boa quantia para ela nos deixar fazer o funeral aqui.

- Não me surpreende. Se a conhecesse sabia como ela é gananciosa e má.

Felizmente o Oli não é nada parecido com ela...já o Jardel...

- Até me esqueci que tenho outro neto...vamos jantar e depois contas-me sobre ele e sobre ti. Quero saber da tua vida.

Aline não esperava ter mais intimidade com a avó recém-conhecida e tentou esquivar-se à sua presença.

- Se não se importa eu...

- Tens razão. Não vou incomodar-te mais hoje. Mas faço questão que fiques comigo aqui em casa. A Mariana já preparou o quarto que era da tua mãe. Vais ficar lá bem instalada. O quarto onde tu moraste quase quatro meses da tua vida.

A velha senhora subiu um ponto na consideração dela por saber respeitar a sua privacidade e o seu limite.

Mariana apareceu e a avó indicou-lhe que a seguisse.

- Vai conhecer o teu quarto. Encontramo-nos ao jantar se quiseres, mas se preferires levam-te o jantar ao quarto.

Depois de passar algumas portas viraram à esquerda e subiram a outro andar por uma escadaria em meia-lua forrada a mármore rosa. Tudo ali era imponente e luxuoso, um luxo que não conhecia senão das revistas e de alguns hotéis de cinco estrelas, que frequentara um par de vezes com Étienne quando ele ainda lhe queria agradar. No andar superior outro corredor extenso e o mesma decoração com peças de arte. Deram alguns passos na tapete fofa, sempre em silêncio e Mariana abriu uma porta: - Este é o quarto rosa. Era o quarto da menina Solange, agora é o seu.

Esteja à vontade. – disse preparando-se para sair.

Antes que a mulher se perdesse pela casa Aline perguntou-lhe: - Conheceu a minha mãe?

A empregada pareceu reflectir na resposta e disse: - Conheci sim menina.

- E como é que ela era.

- Uma rapariga atormentada. Mas isso não me compete a mim dizer-lhe.

Pergunte à sua avó. O jantar é servido às dezanove e trinta na sala de jantar no piso inferior. – informou-a com profissionalismo e saiu fechando a porta atrás de si.

Era ali o quarto dela. Da mulher que lhe deu vida e que também a abandonou. Agora estavam a sós finalmente. Talvez a ideia de lhe dar aquele quarto fosse mesmo essa. Proporcionar-lhe conhecer melhor, de uma outra forma a mulher que lhe deu vida. Começava a entender o esquema mental da mulher que era sua avó biológica e uma centelha de simpatia acendeu-se dentro de si.

## Capítulo 15

Uma semana. Passou uma semana desde que chegou e a última coisa que esperava era ficar tanto tempo. Entre longas conversas com a avó esclarecendo situações ao pormenor e passeios com Oli pela cidade o tempo voou. Ainda lhe parecia estranho estar ali naquela casa, e chorou muitas vezes depois de se recolher ao quarto, altura em que passava quase uma hora ao telefone com Thierry. Sentia que tinha estado adormecida quase a vida inteira à procura de amor nas pessoas erradas. O desespero e a solidão pregam grandes partidas ao ser humano. Ela não foi excepção e o facto de ser dotada de uma inteligência prática que sempre lhe permitiu safar-se nas diferentes circunstâncias da vida, as emoções provocavam-lhe grandes partidas. Não se orgulhava das relações que teve com homens da pior espécie, apesar de serem todos ricos, condição que, na sua inocência e muita ignorância, julgava ser sinónimo de honestidade.

A raiva tem aflorado ao cimo nos últimos dias. Raiva por quase todos.

Pela mãe, pela avó, pelo pai e sobretudo pelo tio – que não lhe contou a verdade antes de morrer – e por Rose. Como é que o tio foi escolher uma mulher daquele calibre? Refreou-se de pôr em voz alta as acusações mais graves contra Rose, por respeito a Olivier que não tinha qualquer responsabilidade nas atitudes da mãe. Rose, era sem dúvida uma mulher perversa e, hoje quando pensa em Jardel – o mais novo dos irmãos-reconhece que é igual à mãe: sem escrúpulos, dissimulado e de má índole. Felizmente

está longe deles e não considera sequer a hipótese de voltar a vê-los, a não ser por um acaso do destino que não consiga controlar.

Há dois dias que a avó fala no testamento e na continuidade dos negócios da família – uma cadeia de lojas gourmet espalhada pelo país – que quer deixar nas mãos dela e de Olivier. A sua resposta foi inconclusiva. Não conseguiu formar uma opinião sobre o assunto e pediu algum tempo para pensar. Tinha a certeza que a avó iria ter problemas com Rose e Jardel assim que os dois soubessem da fortuna considerável que havia para herdar. Apesar de Rose ter recebido uma boa maquia de dinheiro para deixar Dennis ser sepultado em Paris, nunca soube onde morava a família, os advogados fizeram tudo no máximo sigilo. Gananciosa como é abriu as mãos – vendo ali uma boa oportunidade de arrecadar uns tostões a mais – e não fez perguntas.

Reconhecia agora que Dennis não gostava dela. Um homem que ama uma mulher não a desconsidera dessa forma. Sentiu alguma pena de Rose, afinal ela também nunca foi amada, quem sabe se nem pela própria mãe, mas, não era ela, Aline que tinha culpa disso. Jurou a si própria, se um dia tivesse um filho, tratá-lo com muito amor.

- Estás muito calada hoje Aline. – observou a avó.

Aline sorriu e respondeu: - A senhora desculpe – não conseguia tratá-la por avó ainda – tem acontecido tanta coisa que ainda estou meio anestesiada. É difícil digerir tudo.

Preocupa-me também o campeonato, não estou com muita disposição para o ambiente da dança...

- E quando chegam os teus amigos? O teu namorado não é?

- Suponho que sim. Tem sido tudo tão rápido que já nem sei. – riu-se. – Sim, é o meu namorado, pelo menos até ontem era. É tudo muito recente e quero ir com calma...

A avó sorriu-lhe com ternura. Aline pensou muitas vezes ao longo da semana naquela senhora com um ar ainda imponente, apesar dos seus oitenta e três anos, sofisticada, mas que era tão frágil como ela. Dobrou-se a um marido déspota e maltratante numa época em que as mulheres, sobretudo em Paris, já se divorciavam. Era muito tarde para fazer perguntas nesse sentido, mas reconheceu nela, as mesmas dúvidas e carências que a assolavam desde tenra idade: falta de amor. Pouco sabia da vida da senhora, mas quase apostava que devia ter sido pobre como ela era. Uma mulher rica, não aturaria um marido como o avô foi. Monique perdera os filhos por causa do despotismo do marido. Se o avô não fosse intransigente ainda podiam estar todos ali, mas, provavelmente ela não seria viva. Decerto a mãe teria seguido outro caminho.

- A minha mãe estudava Belas Artes? – perguntou curiosa.

Encontrou um molho de cartas da mãe – estariam ali há anos – que faziam alusão à pintura e a aulas que estaava a gostar, mas que frequentava escondida do pai.

- Sim, dizia ao avô que frequentava medicina, mas ia para a faculdade de Belas Artes todos os dias. Durante dois anos...o avô descobriu e foi um descalabro. O resto já sabes...foi no seio destes intelectuais que ela deve ter conhecido o teu pai. Segundo Oli ele foi um intelectual que defendia os direitos dos povos africanos, o fim da escravatura...era um pacifista ao que parece.

- Como as pessoas mudam. – observou com tristeza. – Passados anos tornou-se num terrorista.

- Chega de coisas tristes! Quando chega o teu namorado e a tua amiga?

- Quarta-feira. Vou esperá-los à Gare com Oli. Tenho a certeza que o meu primo – ainda soava estranho referir-se a ele daquela forma – vai ficar radiante por ter a Nicole por cá. – disse com alguma malícia.

- Como tu com o Thierry? – disse a avó com a mesma malícia. – Estou curiosa para os conhecer. Agora que vos descobri não os quero perder de vista. Já tenho tão pouco tempo de vida e já perdi tanto que não abro mão de vocês. – disse com um sorriso aberto no rosto enquanto lhe pegava nas mãos e as apertava nas suas.

Aline quase lhe respondeu que era um pouco tarde, mas não se achou no direito de a julgar. As pessoas têm razões para agirem de determinada forma, nada é obra do acaso e a avó já pagara caro, muito caro, a falta de coragem para lutar pelos filhos e por ela. A morte de um filho – neste caso dos dois -, é uma coisa antinatural e para a qual não há resolução do luto. Não tinha filhos, mas imaginava que jamais sobreviveria à morte de um. Aos vinte e sete anos, considerava-se uma mulher com tudo para aprender sobre si. Fez mais descobertas sobre a vida e sobre as pessoas no ano em que morou em Oloron que durante os outros vinte e seis. Não. Não ia magoar mais a velha senhora.

Tinha que digerir aquela raiva mas não nas pessoas que estavam mais próximas. Nem em Rose ou Jardel. Tinha pena deles, afinal eram pessoas mesquinhas e perversas. A vida encarregava-se de os castigar.

- Sim, como eu e Thierry. – respondeu sem alma, o que não passou despercebido à avó.

- Tens alguma coisa que te preocupe, além de tudo o que já falamos?

Como é que ela percebeu? Não era nada demais. Tinha a certeza que qualquer pomada ginecológica resolvia a situação, mas talvez fosse conveniente consultar um médico da especialidade. Há mais de um ano que não fazia consultas de rotina.

- Precisava de fazer algumas análises de rotina...sabe onde posso consultar um médico de medicina geral.

- Claro. A Mariana vai já tratar disso. Temos um médico da família.

- Agradeço. Tenho sido descuidada comigo. Não tenho doença nenhuma – apressou-se a dizer – mas sinto-me estranha...

- Será a cegonha?

Aline não percebeu de imediato. Franziu a testa, mas subitamente associou a expressão à gravidez. Não. Tinham tomado todas as precauções.

Até achou estranho Thierry ter tido o cuidado de usar um preservativo. Mas...

foi só na primeira vez, depois fizeram amor sem qualquer protecção. Mas, ainda assim, não estava grávida. Tinha a certeza.

- Não. Nada disso. Deve ser cansaço e nervosismo por causa do campeonato. Não devia ter aceite, eu e a minha dificuldade em dizer que não.

Tenho que aprender tanto sobre mim e sobretudo a defender-me dos outros.

- Já pensaste em fazer uma análise?

- Que é isso...desculpe a minha ignorância.

- Psicanalistas, psicólogos...dizem-te alguma coisa?

- Ah! Sim, mas tenho uma péssima opinião sabe. Quando eu andava na escola metiam-se a fazer muitas perguntas...

- E mesmo assim não chegaram ao problema...deviam ser bons profissionais. – ironizou.

Aline pensou um pouco e anuiu de cabeça baixa.

- É verdade. Mas eu tinha medo que me levassem para longe, longe do pai...já estava tão sozinha que a hipótese de ser retirada dali era apavorante.

As minhas amigas diziam-me que as assistentes sociais e as psicólogas retiravam as crianças à família.

- Mas avó...o meu tio levou-me e qual foi a justificação que ele vos deu sobre mim...

- Dizia que estavas bem e mostrava-me fotografias tuas.

- Isto ainda me parece tudo tão estranho e maluco...desculpe a franqueza.

- Tens razão, não primamos por ser uma família normal. Vai lá procurar a Mariana e resolver o assunto da consulta.

Mariana indicara-lhe a clínica e o médico onde a avó era seguida desde que começou a ter problemas de saúde associados ao mau funcionamento cardíaco. Embora considerasse que não tinha motivos para preocupação, o crescimento do sinal num sítio tão delicado estava a incomodá-la. Há três dias que o encontrou quando fazia a higiene íntima e ao que conseguiu ver com a ajuda de um espelho pequeno parecia ter criado pequenas réplicas. Nunca teve qualquer problema semelhante e sentia desconforto, mas sobretudo, agora que tinha que mostrar ao médico, sentia uma vergonha enorme. Passou a tarde na clínica e depois da triagem feita pelo médico de clinica geral foi encaminhada para a especialidade de ginecologia. Depois de várias análises e exames com aparelhos sofisticados veio o veredicto: *papilomas vírus*. Depois de tudo o que já passou na vida uma notícia destas era devastadora. Mal ouviu a explicação de tão aturdida que ficou. O sinal que encontrou era um *condiloma*.

Tinha uma doença sexualmente transmissível que podia conduzir à morte pois está associada ao cancro do colo do útero. Restava-lhe esperar pelo resultado da análise. O médico explicou que não se alarmasse, o vírus podia não estar presente ainda e mesmo que estivesse podia ser eliminado pelo organismo e, apesar de lhe explicar que mais de oitenta por cento das mulheres está infectada, ou já foi e

que se curaram, ela não conseguia conceber que tinha apanhado essa doença por via da promiscuidade com que viveu até há algum tempo atrás. Quem a teria contagiado? Étienne? Michel? Thierry? Ou algum de entre os muitos que nem se recordava o nome? Talvez agora precisasse mesmo de um psicólogo. A quem iria falar num assunto tão delicado e vergonhoso? A ninguém. Parecendo adivinhar o seu pensamento a enfermeira sugeriu que marcasse uma consulta com um dos psicoterapeutas da clínica. Voltaria no dia a seguir. Agora restava-lhe ir para casa da avó com um peso a mais nos ombros. Até saber o resultado da análise – o que iria demorar cerca de três semanas – iria passar por um sufoco enorme e a parte mais difícil de gerir era Thierry estar a chegar a Paris para o campeonato. Como iria dizer-lhe? Será que ele estava infectado também? A vida dos dois – que mal começara -

acabou ali naquele consultório quando lhe deram a notícia.

Não estava em condições de ir para casa e muito menos de se ver confrontada com perguntas que não tinha vontade de responder. Telefonou para a avó disse que estava tudo bem e decidiu deambular pela cidade quase todo o dia. Foi trocando mensagens com Thierry e Nicole e pelo meio da tarde Oli telefonou-lhe para saber como estava e também dizer-lhe que não podia jantar com ela e com a avó hoje. Rumou direito à catedral Notre Dame a pé e decidiu entrar. Precisava pedir clemência a Deus e que a salvasse de tanto sofrimento que lhe tinha acontecido.

Cá fora, os turistas e os pombos rivalizavam pelo espaço fronteiro à catedral. Afastado uns metros de si e rodeado por centenas de pombos um homem lançava milho ao chão provocando um esvoaçar de asas barulhento.

Tudo aquilo podia ter sido mágico se não estivesse com um espada, simbolicamente, por cima da cabeça. Podia morrer em meses e mal começou a viver. Se Deus era justo, com ela não foi, e hoje iam ajustar contas. Era ali, na sua casa que iria falar com ele. Entrou com dificuldade passando pela massa de pessoas que tentavam entrar de forma ordeira, alheia aos protestos de ter passado na frente dos outros e sentou-se a meio da enorme nave, junto a um altar secundário. Incapaz de alterar o destino que a esperava vinha tentar uma última vez. Percebia agora o que era a fé. Perante a morte eminente só uma intervenção divina a podia salvar. Indiferente às centenas de pessoas de todas as nacionalidades que circulavam pelo corredor central e pelos laterais em direcção ao altar mor, iniciou, em silêncio a sua primeira prece ao divino.

## Capítulo 16

Depois de uma noite de insónia a antever cenários de morte e sofrimento não conseguiu disfarçar o ar cansado e triste. Madame Monique não fez qualquer comentário para seu descanso, mas tinha uma tarefa mais complicada para enfrentar. Thierry chegava dali a um par de horas e não estava segura de conseguir disfarçar a preocupação. Passou parte da noite e fazer pesquisas na internet sobre o papiloma humano e ficou horrorizada com as imagens que viu sobre a doença. O médico recomendou-lhe que se desviasse da tentação de procurar informação na internet pois iria ficar alarmada. Disselhe que grande parte dos artigos que existem não têm a informação filtrada e, muita está incorrecta, o que só serve para induzir as

pessoas sequiosas de respostas em erro, e que, essas pesquisas podem ser muito pernicioso para a sua saúde mental. Tudo isso estava muito certo mas quem tinha o problema era ela e queria respostas. Não as obteve. Por mais que o médico lhe explicasse que ninguém morre dessa doença e, mesmo que tenha alguma lesão cancerosa – pouco provável pelo que ele viu na colposcopia – podia ser tratada com cura definitiva mas Aline não acreditou. Para além da vergonha de ter que confessar ao médico ter tido múltiplas relações com homens, saber que tem uma doença sexualmente transmissível confirma o que Rose sempre lhe chamou ao longo dos anos: foi uma prostituta.

Duas horas mais tarde, não estava mais calma, mas sentia-se mais em paz consigo e tinha Paris a seus pés. No primeiro andar da Torre Eiffel, virada para o Trocadero, observava o movimento das pessoas, turistas como ela, e dos barcos que circulavam no Sena. Foi ali que Thierry lhe pediu para o esperar. Queria fazer-lhe uma surpresa, dissera. Devia estar esfuziante e com o coração aos pulos, mas carregava uma tristeza como há muito não tinha. Não gostava de se lamentar e muito menos de ter pena de si própria. Sempre foi batalhadora e raramente se deixava abater por alguma coisa, nem quando Rose lhe partiu as costelas com pancada, mas tinha que admitir que a vida tinha sido madrasta com ela. Ninguém merece o que ela está a passar. Supunha já ter tido a sua conta de provações, mas, por alguma razão foi escolhida para penar.

Com as lágrimas a correr – tanta beleza à sua volta e ela tão triste – chegou-se à rede de protecção, alheia a todas as pessoas que ali estavam e deixou escapar um grito de raiva, profundo, vindo das entranhas. Uma série de cabeças viraram-se na sua direcção e um senhor idoso, alto e com cabelos brancos, perguntou-lhe num francês com sotaque inglês: - A menina está bem? Precisa de ajuda com alguma coisa? Quer que eu chame o segurança.

Aline abanou a cabeça e esboçou um sorriso com lágrimas, tentando disfarçar o sofrimento. Agradeceu e voltou a afirmar que estava bem.

Convenceu o homem, que entretanto se afastou e, rapidamente as dezenas de pessoas que ali estavam começaram a circular de novo. Olhou para o relógio e viu que ainda tinha uns vinte minutos até ele chegar. Decidiu subir as escadas até ao segundo andar. O esforço ia fazer-lhe bem e o ar fresco também.

Uma mensagem caiu no *iphone*. Era Thierry a pedir referências da localização dela. Respondeu-lhe com alguma leveza dando pormenores engraçados, tentando aligeirar o seu estado de espírito. Não queria que ele percebesse ainda. Talvez fossem os últimos dias que passavam juntos e agora tinha que ter cuidados redobrados. Como é que ia dizer-lhe que não podiam ter contacto? O médico também não lhe disse que não podia. Mas sentia-se suja e com medo de o contagiar. Durante a noite e no meio da insónia que a assolou decidiu que lhe ia contar depois do campeonato. Não podia deixar ninguém ficar mal, muito menos ele e a Associação de Dança.

Lá estava ele. Ao cimo da escada, corado do esforço da subida-não deve ter querido esperar pelo elevador, pois a fila era enorme - e com um ramo de rosas vermelhas na mão. Lindo com o seu ar campestre. Qualquer pessoa via que não era um homem da cidade pela forma descontraída da roupa. Calças de ganga, t-shirt, botas e um blusão de cabedal castanho. Mas ela amavá-o. Era o seu primeiro amor. Conheceu tantos homens, e nenhum deixou marcas boas. Só ele. Uns braços compridos abriram-se

para a receber e Aline correu a refugiar-se neles. Quando ele fechou os braços em torno dela sentiu-se segura e amada. Não conseguiu sustentar as lágrimas. Hoje estava uma chorona. Thierry colou a boca à face dela junto á tēmpora e disse: - Já aqui estou amor. Pensavas que te livravas de mim? – e afastou a face para a olhar nos olhos.

Limpou-lhe as lágrimas e beijou-lhe os olhos com ternura, indiferente aos olhares e sorrisos dos turistas ali presentes.

- Nem queria. Agora que te encontrei...- a cingiu mais o abraço. – Não quero perder-te.- disse com a consciência que talvez isso acontecesse.

Thierry amava cada detalhe dela, a subtileza e as particularidades que expunha a um olhar atento, revelando a mensagem oculta: sabia que havia algo inconfessável, indizível mesmo, desde que a conheceu. Não se importava.

Fosse o que fosse nada o demoveria de a amar. Esperou tanto tempo por uma mulher simples na forma de ser, mas inteligente no intelecto, que não abria mão dela, ainda que viesse a descobrir algum segredo escabroso. A sua natureza leve e recatada levava-o a pensar que usufruir daquele fervilhar de vida quando dançavam e quando se amavam era um privilégio, e sentia-se grato.

Havia dias em que lhe observava o riso fresco e solto de uma criança, a paixão ansiosa de duas mãos entrelaçadas ou, simplesmente o silêncio escondido no avesso das folhas das árvores; outro – a maioria – era como a areia que o tempo faz escoar entre duas âmbulas de uma ampulheta, suavemente sem se dar quase por isso. A sua Aline era ainda um mistério que estava pronto a descobrir. Encontrá-la ali, com Paris a seus pés, era quase um postal ilustrado de uma viagem romântica. Só aquelas lágrimas, que temia não serem de alegria, assombravam aquele reencontro depois de mais de uma semana de separação.

Agora tinham um propósito: participar no campeonato. O que viria a seguir, as decisões que havia a tomar não o preocupavam. Tinham o resto da vida para tomar decisões quando à vida dos dois. Mas, na última semana durante as horas em que sentiu a falta dela, imaginou um par de crianças a correr pelo pátio e uma vida em comum.

Quatro horas passadas, depois dos ensaios, doía-lhes o corpo de tanto dançar e o nervosismo aumentara. Aline sentia que não conseguia desligar das suas preocupações e Thierry já lhe perguntara várias vezes se ela tinha alguma coisa que a incomodasse. Aline desconversou e entre beijos, dança e abraços passaram a tarde. Falhou os passos algumas vezes e sentia-se mal por isso.

Thierry chegou a insinuar que se ela não se sentisse bem – era a primeira vez que participava num campeonato num nível elevado – estava a tempo de desistir e que não viria mal ao mundo por isso. Recusou com a justificação que se devia à ansiedade de ir dançar perante tanta gente, e ele aceitou a resposta como sendo verdadeira.

Thierry aceitou ficar em casa de madame Monique. Sabia que a velha senhora queria avaliar o namorado da neta e prestou-se a isso. Nicole sem qualquer disfarce disse que ia ficar com Olivier. Com a chegada

de Oli e Nicole a casa da avó Monique, o ambiente ficou mais descontraído e Aline conseguiu até gracejar quando Nicole comunicou que ia pernoitar em casa de Oli.

- Uau!! As coisas que se passaram na minha ausência! O teu pai já sabe que namoras um velho? – disse Aline com graça.

Todos se riram – até a avó – e Nicole não deixou de lhe responder.

- Diz o roto para o nu. Ora menina Aline!

Oli e Thierry olharam um para o outro e num acto de cumplicidade entre homens decidiram que iam responder. Para surpresa delas foi Thierry quem respondeu primeiro. Afinal não era tão recatado como parecia.

- Quer-me parecer que é dos homens mais velhos que as jovens da vossa idade gostam. O George Clooney têm muita saída depois dos cinquenta...para não mencionar outros, menos importantes.

Cairam na gargalhada.

- É verdade. Se eu fosse mais nova...- disse a avó para surpresa de todos.

Nova gargalhada geral. Oli que já se sentia mais à vontade com a avó disse a rir: - Se o avô te ouve...

- Aqui para nós, meus queridos, ele deu muitas facadas no nosso casamento, agora é a minha vez.

Entre risadas e conversas mais sérias passaram o serão. Aline e Thierry tinham a sua performance no dia a seguir e desculpam-se com isso indo dormir cedo. Aline arranjou uma desculpa sobre o conservadorismo da avó e convenceu-o que seria uma ofensa se dormissem juntos. Ele não acreditou mas respeitou a ideia dela. Sabia que existia algo que ela não lhe contara e a certeza disso começou a contaminá-lo. Imaginava a toda a hora que ela não o amava, e não estava preparado para isso. Não agora. Não outra vez.

O ambiente era de festa e de expectativa. As centenas de pessoas que aguardavam o início do concurso falavam em surdina umas com as outras tendo por fundo música de valsa vienense, um prelúdio para o que se seguia.

Cerca de trinta mesas enfeitadas com cetim aos folhos estavam preenchidas por pessoas que pertenciam às famílias dos participantes ou a convidados para o evento. O restante público ocupava as bancadas do salão polidesportivo. O

polidesportivo em *Lá Defense* estava repleto de espectadores, todos amantes da dança certamente. O concurso nacional de dança era um acontecimento que reunia muitas pessoas que gostavam de danças latinas. Quase todas as semanas até Outubro, antes de vir o frio intenso do norte, havia dança junto à praça, pelo que aquela zona era conhecida pelas danças de rua. A voz do presidente do júri a chamar os pares concorrentes trouxe-a à realidade. Estava fascinada por estar ali, era a sua primeira vez de um sonho que nunca esperou alcançar.

Ouvia o burburinho das vozes e a cada actuação o nervosismo acelerava.

O tango correra até muito bem. Foram muito aplaudidos arrecadando quase a nota máxima ao júri, mas há medida que ficava a assistir às exhibições dos outros foi ficando mais ansiosa. Thierry lia muito bem os estados de alma de Aline. Só por isso teve paciência para esperar que ela baixasse a guarda e aproximar-se dela. Percebeu-a nervosa e abraçou-a em sinal de conforto. O

nome deles foi chamado para dançar o fox-trot, deslizaram para a pista.

Ouviram-se bravos e palmas. A voz de Serge sobressaiu por entre a multidão a apoiar o par. Todos os amigos compareceram para os apoiar e Aline estava a dar o seu melhor, mas a avaliar pela qualidade dos pares que viu actuar não tinham qualquer hipótese de ganhar, o que também não era a sua preocupação imediata. Enquanto fazia os passos de forma automática – sem alma - o pensamento fugia para a doença que tinha. Hoje, no final da noite iria revelar a Thierry o seu segredo.

- Desculpa. Sei que não fiz o meu melhor. – desculpou-se por não terem conseguido ficar nos primeiros cinco lugares da categoria onde concorreram.

- Não estou sequer importado com isso, Aline. Para de ter martirizares. – ralhou-se ao de leve, já incomodado com o discurso repetitivo que ela fazia há minutos.

Thierry soube desde que a abraçou quando se encontraram na Torre Eiffel que as lágrimas dela tinham outro motivo. Era muito intuitivo e à semelhança do que tinha acontecido há anos com Sylvie percebeu que havia algo a atormentá-la. Aline comportou-se durante os últimos dois dias como se fossem acabar o relacionamento. Esforçou-se para que não ficassem a sós e arranjou desculpas para não dormirem juntos na casa da avó como se a senhora se fosse escandalizar com o facto. Naquele momento soube que o que viria a seguir poderia ser preocupante ou até destruidor para a relação dos dois.

Era Junho e o verão anunciava-se nos canteiros do jardim e, mesmo à noite o cheiro dos jacintos florescidos era intenso. Uma explosão de vida e cor dava nova alma à cidade. Tudo estaria perfeito se uma sombra não tivesse descido sobre eles depois de terminado o concurso. Incapaz de aguentar mais o sufoco que guardava dentro de si Aline resolveu contar o que a incomodava.

Aproveitava o facto de caminharem ao longo do rio Sena, num cenário edílico, para lhe facilitar a tarefa.

- Thierry...- disse a medo. – Tenho uma notícia não muito boa para te dar.

- Pois diz. Já sabia que havia algo que me querias dizer...

- Pois bem...há uma semana descobri uma espécie de verruga em forma de couve-flor na...vagina e como me incomodava fui a um médico aqui na cidade...e não tenho melhor forma de te dizer isto, mas tenho uma doença sexualmente transmissível.

Se um meteorito lhe tivesse caído em cima não teria feito tanta mossa.

Mesmo assim não emitiu qualquer juízo sobre o assunto não deixando no entanto de reagir.

- O que é que queres dizer com isso? Que fui eu que te contagiei?

No momento a seguir arrependeu-se de ter proferido as palavras. Nada mais desadequado lhe podia ter saído da boca naquela altura. Ficou calado antes que piorasse a situação. Não podia ser uma coisa muito má.

- Não. Não foste com certeza, quer dizer...penso que não. Há coisas da minha vida que não te contei... mas dei-te a entender que não tinha sido uma santa...

- E não teres sido uma santa também não faz de ti o contrário. Nunca esperei que fosses uma deusa virgem. – tentou remediar a situação antes que ela ficasse desiludida com ele.

Virou-se para ela e agarrou-a pela cintura olhando-a nos olhos.

- Aline, confesso que não sei nada sobre a doença...mas não é motivo para nos afastarmos. - e tentou beijá-la.

Aline afastou-se ligeiramente e não permitiu que os lábios dos dois se encontrassem. Thierry também não forçou e ela retraiu-se mais ainda, sentiu que ele não estava à vontade, algo tinha mudado e não era impressão sua.

Não tinha a certeza do que estava a dizer e sentiu que a voz o denunciou.

Na verdade estava um pouco em choque, esperava até que ela tivesse outro homem, começava a pensar que tinha vocação para corno mas não concebia que ela tivesse uma doença deste género. E que doença era? Precisava de saber com urgência.

Na meia hora seguinte Aline tentou explicar o pouco que sabia e Thierry desvalorizou a situação sossegando-a e dizendo-lhe que tudo ficaria bem entre eles, que estavam apenas muito sensíveis. As descobertas que fizeram nos últimos tempos abalou-os aos dois e uma boa noite de sono ia suavizar tudo.

Aline, tinha noção há muito tempo, que toda a sua vida de adolescente e jovem adulta tinha sido um equívoco que lhe provocou muito sofrimento.

Pensar que era apelidada de mulher fácil, como Rose tantas vezes lhe repetia, deixava-a com uma vergonha enorme e também com revolta pelo facto de ela nunca se ter dignado ajudá-la. Não era o género de pessoa que gostasse de se fazer de vítima ou lamentar-se mas teve uma vida pior que alguns cães vadios.

Pensar em tudo o que sofreu na infância às mãos daquela mulher horrível e ainda estar ali, viva e a lutar contra as provações que lhe iam surgindo era no mínimo digno de uma heroína de carne e osso. Se ele compreendia tanto melhor, mas não o censurava se Thierry a rejeitasse. Ela própria não sabia se conseguia ficar com alguém com quem não podia ter uma vida sexual normal.

## Capítulo 17

O campeonato terminou sem resultados para o par e a viagem a Paris tornou-se um pesadelo ao invés do sonho que alimentou, e depois de mais uma noite mal dormida, restava-lhe fazer um balanço da vida e tomar decisões.

Apesar de Thierry lhe assegurar que ia ficar com ela, e em conjunto encontrarem a melhor forma de conviver com o problema, sentiu que ele estava apenas a ser cordial e a pensar nela. Era um bom homem com muita compaixão pelos outros e que raramente se colocava a ele em primeiro lugar.

Fora essa qualidade que lhe conquistara o coração. Descobriu que ele era divertido, companheiro, e que a conversa com ele podia demorar horas, que o assunto não se esgotava e, nunca se sentia entediada. Admirava-o. Mas, admirava-o mais ainda pela entrega aos outros e às causas sociais, coisa que ele escondia não fazendo alarde disso. Era um homem bonito, maduro, apaixonado e que tinha a capacidade de a proteger e ao mesmo tempo incendiá-la com o seu desejo. Nunca em sonhos imaginara encontrar alguém com que quisesse passar os próximos cem anos, até ficar muito velhinha e enrugada.

O pão com geleia que mastigava estava a custar a descer e, sentada na frente dele e, ao lado da avó, esforçava-se por manter um sorriso na face quando na realidade estava a fazer um esforço enorme para se manter à tona e não desabar. Era rija que nem uma barra de ferro - Rose costumava dizer-lho -

e tinha que admitir que ela tinha razão, sobretudo quando a arremessou contra a parede e lhe partiu o braço sem que ela desse um ai. Eram acontecimentos que iam longe no tempo, mas que estavam bem fundo na sua memória. Talvez aceitasse a sugestão da avó e fosse consultar o tal psicanalista.

O silêncio era apenas interrompido por algum tinir de talher ou pelo mastigar dos alimentos e o constrangimento pairava no ar. Madame Monique notou o ar crispado entre os dois e resolveu aligeirar o ambiente.

- Estão tristes por causa do resultado do campeonato?

Madame Monique gostou dele nos primeiros cinco minutos de conversa.

Pareceu-lhe o género de homem que faria a neta feliz e, do pouco que conheceu nos últimos dois dias tinha a certeza que era honesto, íntegro e bonito acima de tudo. Mas qualquer coisa estava errada entre os dois, e desconfiava que Aline não lhe dissesse a verdade sobre o resultado das análises que fizera há dias. Não se atrevia a perguntar mais, mal conhecia a neta e não queria afugentá-la agora que a encontrou. Aline e Thierry trocaram olhares em silêncio.

- Não madame. – respondeu ele. – Já estávamos à espera de um resultado parecido, e olhe que ficar entre os dez primeiros não foi um mau resultado para amadores. – respondeu sem entusiasmo na voz.

A resposta foi assertiva, mas não respondeu ao que ela queria saber.

Aline continuava a mastigar o pão com geleia de forma lenta como se tivesse receio de ficar sem nada na

boca e isso a obrigasse a falar. Enquanto mastigava tinha uma boa desculpa para ficar calada. Sem conseguir que o par falasse a senhora continuou.

- E o Thierry vai ficar mais uns dias connosco, gostaria muito que ficasse? – perguntou a senhora.

- Agradeço a hospitalidade, mão não posso, sou eu que faço a gerência dos negócios e tenho mesmo que regressar. A Aline pode ficar. E agora se me dão licença vou aprontar-me para ir, o comboio parte daqui a duas horas.

Thierry levantou-se da mesa e foi ao quarto buscar a mala. Tinha um nó na garganta e não sabia como dizer-lhe o que tinha pensado durante a noite de insónia. Passou parte da noite a fazer pesquisas no tablet, e, as imagens que viu sobre a doença em estado avançado deixaram-no horrorizado. Não conseguia suportar uma coisa daquele género. Só de olhar ficava agoniado e, viver uma vida com uma pessoa com aquela doença era algo que não suportava.

Aline levantou-se da mesa. Ia acompanhá-lo até à estação do metro.

Pressentiu que ele tinha algo para lhe dizer e que estava à espera que chegassem à rua, e ficassem a salvo dos ouvidos atentos da avó Monique.

Feitas as despedidas e os agradecimentos desceram no elevador num silêncio confrangedor e evitando olharem-se nos olhos.

Às nove da manhã as ruas do bairro já fervilhavam numa azáfama de gente a ir e vir em diversas direcções. Os donos dos restaurantes colocavam as ementas à porta e voltavam a montar a esplanada para receber os clientes para o almoço. A senhora do quiosque apregoava os jornais do dia e, um homem ostentando um ramo de rosas aproximou-se na tentativa de vender uma a Thierry. Ser rude não fazia parte do seu carácter pelo que tirou uma moeda de dois euros da carteira e trocou-a pela rosa; tudo isto em andamento. Sentia-se desorientado como há anos atrás, quando descobriu que a namorada o tinha trocado por outro. Não estava à espera que Aline fosse uma virgem, mas descobrir que era uma devassa, era demais para ele. Estava cego pela desilusão. Não conseguia olhar para ela e pensar em tocar-lhe repugnava-o.

*Oh Aline, porque havias de ter aparecido na minha vida – pensou durante quase toda a noite. Como é que vou esquecer-te?*

Pressentindo que tudo ia acabar dali a uns escassos cem metros, quando ele entrasse no metro Aline cortou o silêncio.

- Não achas melhor despedirmo-nos já aqui?

Sentia a desilusão dele. Considerava que era injusta. Não tinha culpa de ter nascido naquelas circunstâncias loucas. Tinha culpa sim de não se ter protegido. Mas chegava de se lamentar. Não ia mais baixar a cabeça ou deixar que a humilhassem. Ia enfrentar o que tivesse que enfrentar e tentar viver da melhor forma possível no tempo que tivesse de vida, fosse um mês ou oitenta anos. Amava-o. Iria amá-lo sempre, mas não ia deixar que a ignorasse com desprezo.

- Sim, sem dúvida. – respondeu seco.

Parou junto ao rio e encostou-se ao muro pousando o saco de viagem no chão. Lá em baixo no rio um *bateux mouche* passava com o convés repleto de turistas que lhes acenaram fazendo adeus. Incapazes de responderem mantiveram-se sérios e ignoraram as pessoas. Com a rosa na mão e um olhar duro, desiludido e magoado, Thierry olhou para ela e disse: - Desculpa-me Aline, acho que vou amar-te sempre, mas não consigo viver com a notícia que me deste. É demasiado complicado para mim. Como é que vamos viver sem nos podermos tocar? Tu não mereces o que te aconteceu, mas eu também não...- fez uma pausa-, e sabes, pensar que não tiveste uma vida amorosa muito...simples, deixa-me desnorteado. Quero uma mulher que seja só minha e limpa de preferência.

Essa palavra – limpa-doeu. Doeu muito. Doeu tanto que sentiu a ferida a jorrar a dor. Conteve as lágrimas à custa da raiva que sentiu naquele momento.

Talvez ele não fosse como ela pensava. Talvez fosse igual a todos os outros.

- Não vou justificar-me. Não tenho que o fazer. Conheces-me quase há um ano, não sou aquilo que tu pensas se acaso estás a comparar-me a uma prostituta. Não sou santa, reconheço. A Aline que tu imaginas que existiu, já não existe, mas também pouco sabes da minha vida para me julgares. Queria contar-te a minha história...mas agora já não vale a pena. Vou amar-te sempre Thierry Morin...e apesar de estar com muita raiva de ti neste momento, compreendo a tua reacção.

- Também vou amar-te para sempre Aline Gauthier. Mas não consigo...

desculpa, sei que estou a ser injusto contigo, mas é superior às minhas forças...obrigado pela honestidade.

Pegou-lhe na mão, levou-a aos lábios sem tirar os olhos magoados dos dela e deixou-lhe a rosa no lugar onde colocara os lábios: na mão. Em seguida pegou no saco, desceu as escadas e afastou-se desaparecendo no interior do metro. Aline sentou-se num banco com as pernas a fraquejar e deixou as lágrimas fluírem, maldizendo a vida que a punia todos os dias sem ela saber muito bem porquê. Encolheu-se sobre si própria e chorou convulsivamente indiferente aos olhares curiosos de quem passava.

Aline não viu as lágrimas de Thierry e, o que lhe pareceu um homem frio e a fugir dela, incapaz de se defrontar com a dura realidade, era na verdade um homem destroçado com a vida e, que não conseguia compreender aquela doença maldita que lhes destruíra a vida.

Passadas algumas horas em que deambulou pela cidade, quase sempre com as lágrimas nos olhos que escondia com óculos escuros, Aline decidiu voltar à casa da avó e esclarecer a senhora do que se passava, devia-lhe isso e, não tinha mais ninguém a quem recorrer. Nicole estava muito entretida com Oli e a última coisa que desejava com certeza era ouvir a história dela, triste, melodramática e digna de um filme de fazer chorar as pedras da calçada. Não suportava mais andar na rua e ver os casais apaixonados de mãos dadas, aos beijos e saber que não voltaria a ter isso com Thierry. A sua vida acabara ali.

Quando iniciou a conversa com a avó rodeou o assunto e ainda hesitou se devia contar a sua história

sórdida a uma quase desconhecida. Quando terminou esperava censura, afinal a avó era uma senhora do tempo da moral rígida, mas encontrou o contrário, encontrou compreensão.

- Poderia dizer-te que me sinto culpada da vida miserável que tiveste, mas não ia adiantar nada nesta altura. Sei que estás chocada, mas acredita que daqui a uns dias não vais achar que essa doença é uma tragédia. Tens os melhores médicos aqui na cidade e vais-te tratar cá. Quanto ao Thierry, dá-lhe tempo, se ele realmente te amar volta. Não te precipites Aline, ainda falta saberes o resultado da análise que irá comprovar a gravidade da doença. Há sempre soluções.

Fazia mais de duas horas que a avó lhe tentava mostrar o lado positivo das coisas, embora ela não o conseguisse ver. A todo o momento a imagem de Thierry a depositar-lhe a rosa na mão e a despedir-se sem ao menos lhe dar um beijo, como se ela fosse uma leprosa, assaltava-lhe o pensamento, provocando-lhe uma dor aguda mas invisível aos outros.

- Já nem é isso que me preocupa. Eu quero é viver, viver muito e aproveitar as coisas boas da vida. Sabe uma coisa avó? – era a primeira vez que a chamava assim. – Se não voltar a ter sexo com um homem, não me importo, quero é ver o mundo e o que ele tem para me oferecer. Se me curar, vou estudar qualquer coisa ligada à natureza e embrenhar-me para ai numa selva a estudar os animais.

A idosa senhora sorriu-lhe. Viu nela a mesma combatividade da mãe. Não podia negar ser sua filha, mesmo não tendo vivido com ela, copiara-lhe a tenacidade e a coragem. As duas foram sobreviventes de uma vida cheia de escolhos e sofrimento.

- Como eu gostaria que a tua mãe aqui estivesse para te ver. – murmurou com os olhos rasos de lágrimas e fazendo-lhe um afago na face. – És uma guerreira como ela o foi.

Aline deitou a cabeça no colo da avó e chorou.

- Chora minha querida. Chorar espanta as agruras da vida. Vais ver que amanhã tudo te vai parecer menos pesado.

Aline sentiu-se em casa, embora simbolicamente ainda só estivesse na soleira da porta, mas quem sabe com o passar do tempo pudesse chegar lá e repousar. Um repouso merecido e justo.

Subiu as escadas de dois em dois e entrou no corredor com passadas largas, pesadas e que demonstravam preocupação para quem o conhecia bem.

Da sala ouviu a voz da mãe a chamá-lo. Respondeu «já vou», e foi colocar o saco de viagem no quarto ao fundo do largo corredor.

Não conseguia disfarçar o semblante triste e preocupado e, ao entrar na sala para cumprimentar a mãe sabia que ia ser interrogado. Simone adivinhou que o filho não estava bem, mal olhou para ele. Olhos tristes e fundos e um peso a arquear-lhe os ombros. Parecia ter mais dez anos. Thierry beijou a face da mãe e sentou-se pesadamente na poltrona junto à janela a contra luz, onde ela não conseguia perscrutar-lhe a alma até ao ínfimo. Aprendera esse truque desde que era criança e, felizmente a mãe nunca mudou a poltrona de sítio, pois era ali, aproveitando a luz do exterior, que lia os seus livros.

- Quero ouvir. E não venhas com desculpas que és demasiado velho para desabafar com a mãe. Não te quero doente, por isso deita cá para fora. – Simone fora sempre muito pragmática.

- Não vais gostar do que tenho para te dizer. – avisou-a.

- É provável, a avaliar pela tua cara deve ser grave. Mas as mães aguentam tudo.

Uma hora depois Thierry sentia-se mais leve, e Simone mais preocupada.

- Já pensaste que podes ter contraído a doença? Pelo que sei pode contagiar-se através de um simples beijo.

- Olha mãe, nem pensei nisso. – na verdade não pensou nele.

- Mesmo típico do meu filho, sempre preocupado com os outros. Fazia-te bem ser um pouco egoísta, talvez não te esgotasses tanto.

- Talvez mãe, talvez. Mas deixei-me cegar pela minha desconfiança, foi como se ela me tivesse traído e não foi nada disso. Ela não tem culpa...

- É verdade. Se não sabia, não tem. Mas foi corajosa, avisou-te assim que soube. Merece todo o meu respeito.

- Também o meu, mas tratei-a com desdém, como se ela fosse...- e não se atreveu a proferir a frase.

- Uma prostituta? Mas não é. E agora Thierry? O que pensas fazer? Já pensaste que ela não deve querer voltar para trabalhar contigo? Sentes-te capaz de suportar isso?

- Não sei mãe. Preciso pensar e de consultar um médico especialista no papiloma humano. Agora vou trabalhar para o campo, é lá que eu penso melhor.

E saiu em direcção ao quarto para mudar de roupa deixando a mãe com o coração apertado de preocupação. Simone esperava não ter que se preocupar com filhos adultos, mas era precisamente o contrário. Outra preocupação aflorou-lhe a mente. Assim que Serge soubesse que o namoro de Aline e Thierry foi por água-abaixo ia tentar aproximar-se dela novamente. Que raio tinha aquela mulher que enfeitiçara os seus dois filhos?

## Capítulo 18

- Mademoiselle Aline, está um senhor na salinha que diz conhecê-la e que se apresentou como sendo Serge Morin.

Não esperava mais uma complicação e foi com estranheza que recebeu a notícia pela boca de Mariana. O

que é que Serge estaria ali a fazer? Teria acontecido alguma coisa a Thierry? O cenário que lhe passou pela mente foi de tragédia e, imaginou doenças, acidentes, catástrofes; o comboio teria descarrilado e ela não sabia? Não havia qualquer justificação para Serge Morin estar ali. Não lhe restava opção senão recebê-lo. Largou as cartas em cima da cama e levantou-se para acompanhar a empregada.

- Vou recebê-lo. Obrigado por não o ter deixado na porta, é o irmão de Thierry.

Caminhou com passos inseguros pela extensa passadeira do corredor a antever mais uma notícia má. Entrou pela porta semi aberta da saleta que a avó usava para receber visitas e os seus olhos bateram de imediato num Serge sorridente e bem-disposto, o que a deixou mais calma. Sorriu-lhe e dirigiu-se a ele para o cumprimentar.

- Não esperava a tua visita? Aconteceu alguma coisa ao Thierry?

Serge ficou ligeiramente embaraçado mas não lhe respondeu. Deu-lhe um beijo na face e agarrou-lhe nas mãos.

- Estou feliz de te ver, nem imaginas como tenho pensado em ti.

Aline estava atónita com a ousadia dele. Ficou a pensar em que ponto é que lhe tinha dado esperanças, pois não se recordava de o ter feito. Há dois dias, no campeonato, ele mantivera uma distância segura e tratou-a com todo o respeito. O que teria mudado?

Fez um ar de interrogação com um semblante muito carregado. Não queria ser mal-educada mas não estava com paciência para mistérios, pelo que decidiu ir directa ao assunto.

- Julgava que tinhas voltado para Toulouse.

- Não. Tinha uns assuntos a resolver em Paris e aproveitei. Vou regressar hoje e não quis partir sem te ver...

- E quem te deu a morada da minha avó? – disse de forma rude.

- Calma Aline, não pensei que ficasses tão incomodada de me ver. Pedi à Nicole, e para te dizer a verdade ela não queria dar-ma. Só o fez porque eu insisti muito.

- Mas qual é o assunto? – insistiu. – Ainda não me respondeste. Está tudo bem com o teu irmão?

- Sim...- respondeu ele num tom hesitante. – Apanhou uma grande bebedeira ontem...foi a mãe que me contou ao telefone, e confidenciou que tinham acabado o namoro. Vim ver como estavas e dizer-te que estou disponível...sabes que gosto de ti.

Aline bufou e com azedume fuzilou-o com o olhar.

- Tens um sentido de oportunidade miserável. Não sabes nada do que se passa entre nós Serge, e tiraste conclusões precipitadas. Acho que por respeito ao teu irmão não devias ter vindo e, vais-me desculpar mas eu não sou mercadoria que passa de mão em mão. Eu amo o teu irmão. Não é da tua conta, a minha vida. Desculpa a rudeza, mas falta-te muito tato. Eu não sou mulher para ti, e mesmo que estivesse livre não ficaria contigo.

Serge baixou os olhos e pela primeira vez mostrou alguma vergonha das suas atitudes.

- Desculpa. Sou um filho da mãe egoísta. Tens razão. Não sei o que se passou entre vocês, mas se precisares de ajuda no que quer que seja, podes contar comigo. Ele está muito abalado. Desculpa mais uma vez.

Serge pousou-lhe a mão no braço, ao de leve e beijou-a na face saindo imediatamente pela porta sem proferir mais alguma palavra. Aline manteve-se imóvel e não retribuiu o gesto. Reprimiu um grito com a mão e correu a refugiar-se no quarto. Precisava digerir a catadupa de acontecimentos na sua vida dos últimos dias.

Passaram três semanas. Os dias sucederam-se uns atrás dos outros e Aline começava a aceitar a doença com a ajuda do psicanalista. Reconhecia agora que as sessões intensivas, três vezes por semana, lhe estavam a dar outra serenidade. A culpa desapareceu e a ansiedade da espera sobre o resultado das análises também se esbateu. Restava-lhe explicar à avó o que realmente a preocupava e regressar a Oloron para finalizar uma etapa da sua vida.

Decidira voltar a estudar, veterinária o mais perto do que gostava de fazer, conciliando o trabalho com o estudo; não tinha pressa, a única urgência da sua vida era tirar prazer da mesma e, agora com o encontro com a avó, sentia que tinha finalmente um tecto e um colo onde se proteger quando sentisse necessidade. Esse colo vinha tarde, mas era muito bem-vindo.

\*

- E então? – perguntou a avó.

Aline olhava para a folha que prendia nas duas mãos, como se a sua vida dependesse disso. Nem queria acreditar no relatório.

- Podia ser pior. Sem lesões e uma infecção de baixo grau.

A avó passou-lhe a mão pelo braço num afago e puxou-a a si abraçando-a.

- Minha querida, vais ver que daqui a uns tempos nem te vais lembrar deste pesadelo.

- Espero que sim...mas...- não terminou a frase.

Ainda lhe doía muito o abandono de Thierry.

- Eu sei o que é esse mas...quem sabe ele reconsidera? Tens que lhe dar tempo, não é fácil digerir um problema deste género. Penso que ele deve estar arrependido nesta altura e com medo de te enfrentar.

- Não avó. Thierry não é esse tipo de homem, creio até, pelo que conheço dele, que jamais voltará atrás na decisão. Restame esquecer-lo. E, tenho outros planos para a minha vida, não sei se ele encaixaria neles.

- Gosto de te ver animada, mas parece-me que essa história não está encerrada. Estás só a tentar ser forte,

mas por vezes é bom baixar a guarda, pode ser uma oportunidade de ir em frente. Se eu tivesse feito isso há muitos anos...

- Não sabe...vai existir sempre a interrogação. – disse Aline.

- Tens razão...nunca sabemos.

- Amanhã vou voltar à clínica. Tenho que mostrar os exames e ouvir a opinião do médico.

A noite foi mais calma que as anteriores e, ao chegar à clínica estava disposta a enfrentar qualquer veredicto, até o de uma operação se fosse necessário. O médico informou-a na primeira consulta, que seria possível extrair parte do colo do útero e mesmo assim conservar as funções do órgão, no caso de existir alguma lesão cancerosa, pelo que, quando o especialista a informou de que para já não precisava de fazer nada, apenas usar o preservativo quando tivesse relações com o namorado, Aline respirou de alívio. Podia voltar descansada que só dali a dois meses ia repetir a análise e os exames. Agora ia fazer a vacina do cancro do colo do útero – até nisso Rose foi negligente, não a levando a fazer a profilaxia quando os serviços de saúde a chamaram – tomar vitaminas e um antiviral de largo espectro para infecções ginecológicas. Fazia qualquer coisa para se manter viva.

O comboio aproximava-se da estação a uma velocidade que lhe permitia reconhecer o casario. A paisagem tornou-se familiar e sentiu um nó no estômago. Talvez a vontade de encerrar aquela fase da sua vida ali, fosse apenas uma desculpa para se aproximar dele. A imagem de um homem a partir aparecia-lhe em sonhos e noite após noite acontecia uma despedida, num cais de embarque, muito velho, a desmoronar-se. Foi o que aconteceu à sua vida naquele dia quando foi consultar o médico: desmoronou. Passou bastante tempo desde aquele dia em que se despediram na entrada no metro junto a Notre Dame e, jurou a si própria não chorar mais por um homem que a abandonou. Os primeiros dias após a partida dele, foram passados entre as consultas no psicanalista, passeios pela cidade, para espalhar a raiva e a tristeza que sentia, e conversas com a avó, embora tentasse poupar a velha senhora dos seus problemas. Mariana passava o tempo a vigiá-la, não fosse ela apoquentar demasiado o coração cansado da madame.

Ao fundo já avistava o cais de embarque da estação de comboio. Partira com um propósito que não conseguiu cumprir, e voltava como uma derrotada.

E, se não fosse o problema de saúde que podia trazer-lhe complicações graves, estaria muito ralada com o facto de não ter conseguido classificar-se no campeonato, mas, quem passou quase mais de um mês a pensar que podia ter um cancro provocado pela presença do vírus do papiloma, o campeonato e a dança perderam toda a importância. Mesmo que a população não a recebesse bem, pensava que já nada a podia afectar. O especto da morte espreitou-a de perto e, agora que sabe que há possibilidade do próprio organismo eliminar o vírus que revelou uma fraca presença, o que mais queria era aproveitar a vida, com Thierry ou sem Thierry.

Os travões da moderna composição foram accionados e o comboio parou suavemente. Aline pegou no saco que colocou a tiracolo e aproximou-se da porta para sair. Primeiro iria a casa de Marie, queria ter uma longa conversa com ela, precisava disso, Marie tinha-se tornado numa mãe substituta. Só depois

dessa conversa iria tomar decisões quanto à sua vida.

O dia estava ensolarado e cheirava a primavera. O ar vindo da montanha trazia um cheiro a pinho característico do desabrochar da vida na floresta.

Encheu o peito de ar e sentiu-se em casa novamente. Naquele momento tudo lhe fez sentido. Não tinha motivos para fugir. Era ali, naquela vila medieval, o sítio onde se sentiu mais feliz em toda a sua vida, e era ali que ia ficar durante algum tempo. Não tinha motivos para fugir. As palavras do psicanalista fizeram ressonância finalmente, foi preciso chegar a Oloron para perceber o que ele lhe dizia há semanas, «A nossa casa é onde nos sentimos bem, onde nos amam», e ela sentia-se amada por Marie, por Nicole e até pela população.

Se Thierry reagisse mal, teria que resolver o assunto com ele próprio. Iria aceitar o convite da família Garcia para voltar a trabalhar com eles, pelo menos até começar as aulas na universidade. Sabia que o convite partia de Nicole, mas deixara de se incomodar com isso, afinal eram amigas.

Percorreu a distância até à rua com um sorriso nos lábios, finalmente a vida deixara de lhe parecer tão negra e pela primeira vez sentia que não precisava de ter um homem na sua vida para ser feliz. Era quase um sacrilégio, uma jovem ter um pensamento desse tipo, mas sentia-se livre, apesar do amor por Thierry ainda estar muito vivo e, a sua única preocupação, nesta altura era com ele. Tinha que falar com ele uma última vez, para o aconselhar a fazer análises, existia uma hipótese ínfima de ela o ter contagiado, apesar de terem usado precauções.

Com a farta cabeleira loura entregue à brisa primaveril do final da tarde, caminhava através do passeio externo à gare com a intenção de apanhar um táxi. O movimento na estação era intenso com um vaivém de passageiros em todas as direcções. Uma criança fazia uma birra junto a um cavaleiro mecânico situado na porta da loja de artesanato. Aline olhou a vila de forma diferente.

Era bom regressar. Quando se ia aproximar da fila de táxis, um carro parou junto a ela, e uma janela abriu-se.

- Olá. Pode-me dar uma informação? – disse uma voz feminina familiar.

- O que é que vocês estão aqui a fazer? – exclamou surpresa.

- Temos saudades tua, tonta.

Nicole e Oli saíram do carro, e a amiga correu a abraçá-la. Agarrou-se ao pescoço dela e deixou-se abraçar. Quem bem lhe sabia aquele contacto.

Precisava mesmo de um abraço.

- E eu? Não tenho direito a um abraço? – perguntou Oli com um sorriso nos lábios, feliz por vê-la.

Sentir-se acolhida era uma experiência nova, mas muito reconfortante.

Deixou-se envolver pelos braços grandes e fortes do primo e encostou a cabeça ao seu peito, em busca de protecção. Ele entendeu e estreitou o abraço.

- Já te mudaste para Oloron? – perguntou Aline ao primo.

- Só aos poucos. – respondeu ele.

No horizonte a montanha resplandecia de verde. Ao fundo da rua um carro que lhe parecia conhecido rodava em direção ao sítio onde se encontravam.

Pareceu-lhe reconhecer a matrícula e, à medida que se aproximava em marcha lenta, afrouxou o abraço de Oli e fixou o olhar no condutor. Não estava enganada. Era ele.

## Capítulo 19

Era como se tivesse um bicho a corroer-lhe as entranhas. Vê-la ali, depois de muitas semanas sem notícias, foi uma bênção e um tormento para o qual não estava preparado. Viu saudades e amor, quando cruzou o olhar com o dela, há pouco na gare, mas também viu uma sombra de dor, bem lá no fundo. Talvez a relação não tivesse futuro e ele não estivesse preparado para lidar com um problema daquela natureza. Sabia, agora, depois da consulta feita ao médico que não fora contagiado, mas que uma vida sexual com ela implicava cuidados e restrições na forma de se amarem. Não era impossível, mas seria sempre uma incógnita, à qual não conseguia responder: ficar com ela e em conjunto ultrapassarem a doença, ou ficar sem ela e morrer a cada dia que passa?

Subiu as escadas em passadas lentas e pesadas e entrou no largo corredor como se transportasse o mundo nas costas. Ia mudar de roupa e embrenhar-se no campo, onde, sozinho com o tractor e com a natureza podia pensar com mais clareza. Quase a transpor a porta do quarto ouviu a voz da mãe.

- Aline chegou hoje, não foi?

Virou-se e encarou a mãe que estava encostada à ombreira da porta que dava para a sala.

- Como é que sabes? – perguntou com alguma rispidez da qual se arrependeu logo.

- Marie avisou-me. Estou a ver que isso já te afectou.

- Desculpa a rispidez. Talvez seja melhor contar-te, preciso mesmo de partilhar com alguém o que sinto.

Simone estendeu os braços num gesto que o convidava a refugiar-se como quando era criança, e Thierry não se fez rogado. Caminhou em direcção a ela e entrou na sala, instalando-se numa poltrona frente à sua. Simone fechou a porta e juntou-se ao filho para ouvir as suas confidências tal como quando era criança.

Aline pensou que a passagem dele pela gare, se deveu a uma coincidência, mas mesmo assim ficou com o coração aos saltos. Nicole e Oli estranharam ele não ter parado, ninguém sabia o que se passou entre eles e, nem sabia se devia esclarecê-los ou deixar as coisas como estavam. Mas como é que ia explicar que não estavam mais juntos? Aqueles eram os únicos amigos que tinha e, apesar de ter descoberto a avó

recentemente devia muito a Marie a Nicole e aos pais dela e, a Olivier, que passados tantos anos se revelou um ser humano bondoso e preocupado com ela.

- Eu e o Thierry já não estamos juntos.

Todos mostraram admiração menos Nicole que já percebera há algum tempo que a amiga deixara de falar em Thierry.

- Já tinha percebido que não estavam bem. Deixaste de falar nele quando te telefonava. Não quis ser intrometida, mas há pouco quando ele passou por nós na gare e não parou, tive a certeza disso. O que é que se passou, podemos saber?

Aline suspirou e mexeu-se nervosa, no sofá. Pegou na chávena de chá e agitou o conteúdo com uma colher, como se estivesse a ganhar coragem para uma tarefa árdua. Os três estavam na expectativa mas foi madame Marie que quebrou o silêncio.

- Não precisas de contar se isso te incomoda. Seja o que for não altera em nada o que sinto por ti.

Oli e Nicole apressaram-se a concordar acenando com a cabeça, mas Aline estava determinada a fazê-lo. Estava farta de uma vida de mentiras, por isso não ia usar esse método com a única família lhe restava.

- Incomoda sim, Marie. Mas eu quero contar, mesmo que depois fiquem a pensar mal de mim, quero que me vejam como sou. Preciso disso.

Entretanto na quinta dos Morin, Simone conversava com o filho mais velho.

- Não percebo filho. Se não estás infectado, se o médico disse que é compatível com uma vida sexual e se gostas assim tanto dessa rapariga, porque é que não a procuras? Não a deves julgar pelo passado. Não foi isso que eu e o teu pai te ensinámos.

- É verdade mãe. Quem me dera ser assim tão seguro de mim. Não é por ela que estou na dúvida, é que não consigo imaginar que a doença dela é fruto de uma espécie de vida que abomino. Sei que não tenho esse direito...

- Não tens mesmo Thierry Morin. Aline pode ter sido contagiada apenas por um único homem, já estás a partir do pressuposto que ela era uma vadia.

- Estou mesmo, mãe. Sei que tenho que ultrapassar isso, mas ainda não sei como. Só sei que não a esqueço um único momento. Ela está entranhada em mim. Vou deixar passar uns dias e entretanto vou pensar no que fazer. A vida é estranha. Quando eu julgava que ia casar, ter filhos e viver uma vida calma, aqui, a minha noiva surge com um finório que conduzia um Porsche. Fui trocado por um carro. Agora que conheço uma mulher, simples, sem pretensões e inteligente, para além de bonita, uma maldita doença surge para nos assombrar.

Na casa de Marie, todos já sabiam o que passava com Aline e Nicole manifestava a sua discordância de

pontos de vista com Aline.

- Mas se não tens lesões e o vírus está inactivo, porque é que dizes que nunca mais vais ter um namorado.  
– retorquiu Nicole admirada pelo confissão dela.

Aline sentiu que Marie e Nicole não conseguiram disfarçar a surpresa que lhe causou a sua revelação. Fizeram os possíveis para não se mostrarem chocadas, mas a face denunciou-as. Aline sabia que a reacção das pessoas era essa. Era um estigma e, apesar de só ela saber que se tivesse tido mais cuidado, provavelmente não teria sido infectada com o vírus continuava a ter vergonha daquela parte da sua vida. Sabia até que isso não era verdade, poderia ter tido só um parceiro sexual e ele infectá-la na mesma. Estava a ser demasiado dura consigo própria e como lhe dizia o psicanalista, a dar voz a Rose, que sempre a achara uma prostituta.

- Não estou preparada para mais perdas. O último golpe na minha auto-estima foi Thierry. Desculpem não concordar com vocês, mas sentir que um homem tem nojo de mim, é a por coisa que me pode acontecer. Até eu já senti nojo de mim e das coisas que vivi, mas quero virar a página.

- Não és tu quem tem a culpa, Aline. Penso que o meu pai tem bastante culpa sobre a tua vida, e a minha mãe também. Tu eras apenas uma criança.

Oli estava apenas a tentar aligeirar a dor dela. Mas não adiantava culpar os outros, embora fossem responsáveis. Ela tomara algumas decisões que a prejudicaram, já era adulta, e dessas não pode culpar ninguém.

- Mas também não adianta culpar os outros. É comigo que eu preciso de me conciliar, é a mim que não perdoou algumas decisões estúpidas.

Sorriu para os tranquilizar e levantou-se em direcção à pia onde depositou a chávena vazia.

- Marie, ainda tenho espaço aqui?

- Mas claro minha filha. – aprontou-se a responder. – Nada me dá mais alegria.

- Nicole, o lugar no café ainda está disponível?

- Claro, Aline. Foste tu que quiseste sair, lembras-te? Podes começar amanhã, ou hoje ainda se quiseres.

- Hoje não. Vou descansar e organizar algumas coisas, mas sobretudo as ideias. Ah! Já me estava a esquecer. Fico muito feliz por vocês os dois – e apontou para Oli e Nicole – e, quanto a ti meu primo e irmão, espero não voltar a perder-te de vista.

Caminhar ao longo da rua ouvindo o rio a correr lá em baixo era música para os seus ouvidos. É verdade, o lar estava onde a pessoa sentisse amor, e foi ali que o sentiu pela primeira vez. Não só o amor verdadeiro por Thierry, mas também o amor que todos lhe deram: Marie, Nicole, os pais de Nicole e a população em geral. Aquela era a sua casa definitivamente. Não iria partir de Oloron só porque Thierry vivia lá. Tinham que aprender a viver um com o outro e, quem sabe, num futuro próximo, pudessem falar sobre o que aconteceu e perdoarem-se. De tão imbuída nos seus pensamentos nem reparou no carro que a

acompanhava em marcha lenta, ligeiramente atrás de si. Passou a ponte e virou à esquerda rumo ao restaurante de Garcia. No princípio de verão às dezanove horas ainda era de dia e uma brisa ligeiramente fresca descia da montanha. Arrepiou-se e parou para tirar o casaco da mochila que transportava às costas. Encostou-se à parede de uma casa para facilitar a tarefa e o audi azul-escuro parou junto a ela. Aline ficou surpresa, mas pensou ser alguém a pedir informações de algum ponto turístico como era hábito.

- Olá. Não me conheces? – indagou uma figura masculina de dentro do luxuoso carro.

Aline sobressaltou-se e, em segundos uma infinidade de coisas lhe passou pela mente. Pensou no pervertido Michel, o sadomasoquista de quem fugira, e até em Étienne com os seus luxuosos carros. Para onde quer que fosse, nunca estaria a salvo de se encontrar com escroques que desprezava. Não adiantava fugir. Ia acabar com aquilo em segundos. Pegou no casaco e na mochila e voltou a colocá-la às costas. Se fosse necessário podia correr sem empecilhos nas mãos.

- Ei miúda, estás com medo de mim? Não mordo.

A voz era-lhe familiar, mas não se recordava de onde a conhecia.

Parou e ficou à espera do que viesse a seguir. Já estava bastante assustada, e o medo parecia tê-la paralisado.

Um homem, alto, com rabo-de-cavalo e vestido de forma desportiva, saiu de dentro do luxuoso carro. Uma luz acendeu-se dentro do cérebro de Aline e desatou a rir à gargalhada. Nunca iria imaginar que fosse ele. Desde o dia da festa em sua homenagem nunca mais o vira.

## Capítulo 20

- Estavas com medo confessa? – perguntou enquanto dava a volta ao carro e se dirigia a ela.

- Bolas Neymar! Medo, medo, não, mas receosa estava.

Neymar aproximou-se dela, pôs-lhe a mão no ombro e deu-lhe um beijo na face como se fosse a coisa mais natural do mundo e fossem velhos conhecidos. Não sentiu desconforto, mas preferia que ele não o tivesse feito.

- Então que fazes por aqui? Queres boleia para algum sítio?

- Não. – apressou-se a responder antes que ele insistisse mais.

Neymar tinha qualquer coisa que lhe fazia lembrar os homens que tinha conhecido e por quem se deixara encantar, só que esses tempos iam longe.

Hoje sabia muito bem identificar um sedutor que apenas via nela um bom pedaço de cama. Os seus sentidos ficaram alerta assim que ele lhe colocou a mão no ombro com demasiada familiaridade.

- Porque não? – perguntou enquanto, colocava um pé em cima do passeio e outro na estrada junto ao carro, barrando-lhe o caminho.

Sentindo o desconforto a crescer Aline resolver acabar com a cena de imediato.

- Olha Neymar. Vou trabalhar, ali – e apontou para o restaurante de Garcia – não é preciso boleia. De qualquer forma, não me lembro de te ter dado confiança ao ponto de teres um à vontade tão grande comigo, e desculpa se estou a ser rude.

O homem não pareceu ficar afectado com a agressividade dela e continuou na mesma posição.

- Então é verdade. Sempre andas com o agricultor. Estive uns tempos fora e deram-me essa novidade.

O tom jocoso com que ele proferiu a frase foi o suficiente para acirrar o odio de Aline. E, se alguém estava a jeito para levar com ele, Neymar era uma dessas pessoas.

- Vai-te catar! Para dizer a verdade não gostei de ti no dia em que te conheci e, agora quando apareceste ainda pensei em dar-te o benefício da dúvida. Não vales nada. Nem me importo que sejas amigo de Thierry, aliás, ele é que é teu amigo... sai daqui. – e deu-lhe um encontrão passando por ele em passo apressado em direcção as traseiras do restaurante.

Fervia por dentro quando entrou na cozinha. A azáfama já era considerável por ali, pelo que o casal não deu pelo ar transtornado dela, no entanto, Nicole sempre atenta, percebeu que a amiga estava estranha.

Questionou-a com um encolher de ombros como se estivesse a dizer «o que tens tu mulher», e aproximou-se dela com um rolo de toalhas de papel na mão.

Esperou que ela apanhasse o cabelo e colocasse o avental e dirigiram-se as duas para a sala de refeições.

- Encontrei ali fora o estropício do Neymar. Corri com ele. É atrevido o sujeito.

- Ah, pois é. É o típico sedutor barato, quer dizer, ele tem dinheiro, mas é só isso, é muito vulgar.

- Eu diria inconveniente. – acrescentou Aline.

E deram as duas uma gargalhada.

- Coitado, não tem nada de bom. – observou Nicole. – Talvez o carro. – e caíram na gargalhada de novo.

- Tu é que estás demasiado sensível Aline, ele é inofensivo embora seja uma figura e tanto. Quando não está alcoolizado é um tipo divertido, mas é um tanto frustrado e isso nota-se. Deixa-o. Vamos ao trabalho.

Passaram mais de três horas sem que desse pelo passar do tempo. O

trabalho absorvera-a por completo e, quando Nicole a cutucou com o cotovelo indicando-lhe que olhasse na direcção do café, através dos quadrados da divisória de madeira, nem prestou atenção. Já voltara há

duas semanas e a rotina estava a organizar-lhe o tempo e os pensamentos. Não conseguia negar o sofrimento, e alguns dias, nem os olhos inchados de chorar, mesmo com maquilhagem mais carregada. Marie, incentivava-a a procurar Thierry e parecia saber mais do que lhe contava, mas ela jamais iria procurá-lo. Sentia a sua falta. Habituará-se à sua presença diária quando trabalhava com ele.

Foram muitos meses de convivência em que teve oportunidade de o conhecer e começar a amá-lo. Thierry era um homem íntegro e ela admirava-o por isso, mas estava ainda bastante magoada por ele a ter abandonado embora compreendesse o gesto dele.

Nicole voltou a passar por ela e disselhe quase ao ouvido em surdina: - Já viste quem está ao balcão?

Aline voltou-se surpreendida e desejando que não fosse o parvalhão do Neymar.

- O irresistível Neymar? – gracejou.

- Não querida. Vê tu mesma.

Intrigada voltou a cabeça e foi com espanto e agrado que reconheceu o perfil de Thierry. Apressou-se a disfarçar o sorriso e sorratamente recolheu os pratos vazios das mesas dos clientes, não queria que ele a visse. Ele já era cliente habitual do restaurante e não ia deixar de o frequentar por causa dela.

O coração disparou e a velha sensação de empolgação quando o via, voltou.

Nicole, ciente da paixão que a amiga nutria por ele, não deixou de observar o comportamento dela.

- Então? Pernas bambas? – e riu-se.

- Ora Nicole. Ele está aqui, só isso. Não tem nada que ver comigo.

- Não sabes. Penso que ele e o Oli andaram a falar. O Oli não me quis dizer o que foi, mas descaiu-se a dizer que ele lhe tinha telefonado.

- Para mim esse assunto está encerrado. Vamos terminar a limpeza, quero sair pelas traseiras sem que ele me veja. E, quando tiver a minha folga vou a Paris passar uns dias com a avó, quero arejar. Thierry é passado.

- Sim querida. Vou acreditar em ti. – gracejou dando-lhe uma piscadela de olho.

- Lá porque caíste de amores pelo meu irmão, passaste a acreditar nos homens, foi? – picou-a.

- Teu irmão? É lá! Voltou ao posto que tinha. Ele vai ficar feliz. Sempre te considerou irmã e vai continuar. Sabes que o Oli gosta muito de ti, não sabes?

- Não sei Nicole, sei que estou disposta a deixar que ele goste de mim, e também a gostar dele. É o passo maior que consigo dar.

- Tens razão. E pronto, tudo terminado. Vinte e três horas. Descanso merecido, vai-te embora. Estas com sorte que ele já saiu.

- Quem?

- Thierry. Já saiu há minutos. Estás salva. – brincou dando-lhe um encontrão amigável com o cotovelo.

A noite estava agradável e apesar do cansaço das horas de intenso trabalho, sempre em pé, apetecia-lhe passear ao longo do rio. O maior risco que podia correr era deparar-se outra vez com Neymar e, com o avançado da noite, já deveria ter uns copos a mais, mas mesmo assim preferiu correr o risco. Hoje sentia-se nostálgica do tempo em que ele, noite após noite se encostava ao balcão ou simplesmente ia jantar ao restaurante só para a ver.

Como seria bom apagar toda a sua vida antes de Oloron. Mas, mesmo que isso fosse possível, talvez não o fizesse, porque a Aline que era hoje, também era fruto de tudo o que tinha passado. Aprendera a maldade das pessoas, mas também outras coisas, como a solidariedade, a gratidão, o remorso e o arrependimento. Olhando para trás, quase não se reconheceu na pessoa que foi outrora: rebelde, egoísta e promiscua. A única parte que modificava da sua vida era a que dizia respeito aos homens, e ao respeito por si própria. Mas agora não havia nada que pudesse fazer, ia seguir em frente e, quem sabe dali por alguns meses as novas análises, trouxessem novidades animadoras como o médico lhe disse ser possível. Por enquanto estava viva, de saúde e nem ia preocupar-se mais com o papiloma.

Tomou um rumo diferente do habitual, mais longo, mas que lhe permitia caminhar ao longo do rio. O barulho da água a correr com vigor, era um balsamo para a sua alma, fazia-lhe lembrar o mar e o vaivém das ondas do mediterrâneo, onde tantas vezes tomou banho de madrugada depois de uma longa noite a servir bebidas. No verão a água do mediterrâneo é quente, quase tão quente como as caraíbas costumava ouvir aos turistas, e no meio da noite, entrava no extenso areal junto à marginal, e largava a roupa peça a peça até cair na água com estrondo e rindo à gargalhada. Loucuras da juventude. Riu-se dessas lembranças, apesar de tudo o que passou ainda conseguia retirar algumas coisas boas do seu passado. Apenas tinha saudades do mar. Uma brisa quente agitou os salgueiros frondosos que, lá em baixo junto à água pareciam cascavéis a agitar o guizo em sinal de aviso. O aviso que estava a chegar a casa.

Atravessou a rua afastando-se do rio e, prestes a chegar à porta deparou-se com um cenário conhecido. Pareceu-lhe ter recuado alguns meses. Podia fugir, ainda estava a alguns metros da porta, mas não era covarde a esse ponto.

Podiam acusá-la de muita coisa, mas nunca de covardia, talvez por isso nunca tenha denunciado Rose, esperou sempre que se fizesse justiça. Apenas o marulhar dos salgueiros lá em baixo e som dos sapatos entoavam na calçada medieval. Tudo o mais era um silêncio que incomodava. Uma novidade. O

fumo de um cigarro elevava-se no ar formando espirais que desapareciam em segundos. Caminhou lentamente em direcção a ele e pensou que ia ficar nervosa, mas subitamente uma calma estúpida invadiu-a. A calma de quem não tinha mais nada a esconder, nem a temer.

- Ia jurar que o tempo não tinha passado e esta era a primeira vez que tu me esperavas aqui, lembras-te?-  
disselhe Aline como se não se vissem desde ontem.

Montado no selim da Harley, parecia o Marlon Brando numa cena de um filme antigo, daqueles que costumava ver com o tio Dennis. Pensava sempre nele como pai, ainda era difícil admitir que era tio, tal

como com Oli a quem via sempre como irmão.

Ele deitou o cigarro para o chão, apagou-o com a bota e sorriu-lhe. Um sorriso que Aline não sabia como interpretar.

- Nunca me esquecerei. Eras a rapariga mais bonita e mais misteriosa que eu já vira alguma vez. Não deixavas que chegasse até ti, a única hipótese era seguir-te até casa. Bastante trabalho me deu, saber onde estavas.

Aline estava serenamente calma, a ouvi-lo e parecia-lhe que tudo aquilo era um sonho, que nada se passara entre eles e que podiam recomeçar tudo de novo. Mas não podiam. Uma maldita doença, estava entre eles. Não existiam riscos de saúde para ela, mas ele não sabia e, por ela ficaria na ignorância.

Não estava nos seus planos retroceder um passo para modificar a relação dos dois. Tinha pensado viver entre Oloron e Paris e se tinham que se cruzar algumas vezes queria estar em paz com ele.

Thierry ficou sentado na mota, calmo e sereno como ela o conhecia.

Estendeu-lhe a mão à espera que ela a colocasse na sua. Mas Aline ficou onde estava, a cerca de um metro dele.

- Aline, desculpa.

Não sabia o que pensar, mas desculpas eram a última coisa que queria ouvir, ou que pensava ouvir. Não fazia sentido, ele não tinha que pedir desculpa. Ninguém tinha que pedir desculpa.

- Não tens que pedir desculpa. Ninguém tem. No teu lugar reagiria da mesma forma, aliás, eu sabia que a nossa relação terminava no dia em que te contasse o resultado das análises. Mas sabes Thierry? Já não tem importância.

Segue a tua vida que eu vou tentar fazer o mesmo.

Thierry coçou a cabeça, sinal de preocupação e de discordância, como tão bem conhecia nele.

- Foi um choque o que me contaste, e a minha reacção foi de canalha. Não tinha o direito de te rejeitar daquela forma. Perdoa-me.

- Perdoar? Não tenho nada a perdoar-te. A vida já seguiu Thierry, segue a tua.

- Aline, tu fazes parte da minha vida. Eu amo-te como sempre te amei desde que te conheci. Por favor perdoa-me.

Aline já se tinha esquecido de como ele era alto e, quando o viu junto a si, pareceu-lhe um gigante, talvez porque o tenha colocado num pedestal, de onde nunca o tirou.

Num ápice as mãos dele estavam na cintura dela e sentiu a dureza do seu peito. Colocou as palmas das mãos de encontro aos músculos dele e afastou-o com suavidade. Não podia. Não queria.

- Também te amo, sempre te amei, quase desde o primeiro dia em que te vi, ali no restaurante, a meteres

conversa comigo. Mas não posso. Tu sabes que não.

Aline sabia que não estava a ser sincera. O médico disselhe que podia fazer uma vida normal, tendo algumas precauções até saber o resultado das segundas análises, mas não podia suportar a ideia de um homem ter nojo dela, e sabia que mais cedo ou mais tarde ele ia senti-lo.

- Não quero que tenhas nojo de mim. – a afastou-se dele com suavidade.

- Tens um raio de sentido de oportunidade Aline! Não venhas com desculpas, eu fui ao médico, estou informado e não tenho nada. E, se eu não tenho nada é porque tu também não estás doente, certo.

Fora apanhada.

- Ainda não sei. Talvez daqui por alguns meses saiba a certeza, mas agora ainda há presença do vírus. Mas não quero ser rejeitada outra vez. Para mim chega de homens, mesmo amando-te muito. Vai. Vai embora. Não quero ser e fazer-te infeliz.

- Posso ser eu a decidir isso?

- Não. Quem decide a minha vida sou eu. – disse com rispidez.

Thierry puxou-a até si e beijou-a com intensidade, com avidez mesmo.

Uma descarga desceu-lhe pela espinha deixando-a paralisada, mas manteve-se firme e não se atirou nos braços dele como era sua vontade.

Ele afastou-se, olhou-a profundamente com desânimo e deixou-a e voltou a sentar-se na mota. Ligou a ignição e colocou o capacete na cabeça.

- Nem que eu tenha que repetir tudo de novo, vou conquistar-te de novo Aline Gauthier.

- Esquece-me Thierry. Dentro em breve vou sair daqui e nunca mais me vêes.

- Engano teu, minha querida. Vou até ao fim do universo à tua procura.

E arrancou com a mota, acelerando muito e fazendo um barulho ensurdecador ao longo da rua.

## Capítulo 21

- Bom dia Marie. – cumprimentou ainda a esfregar os olhos com sono.

- Bom dia ma chérie. Tens uma visita na sala, à tua espera.

Sobressaltou-se e, pela mente passou-lhe ora Thierry, ora Neymar. Não que quisesse ver de novo o amigo

do ex-namorado, mas tinha algum receio que ele a procurasse. Livrar-se dele não era fácil. Encolheu os ombros num gesto que queria dizer «quem é» e Marie riu-se.

- Ninguém que estejas à espera. Vai lá. É o teu irmão.

- Oh Marie! – resmungou. – Que susto.

- O susto era Thierry? – perguntou com o sobrolho levantado, mas com uma pitada de galhofa.

- Oh, não perde uma oportunidade de me atazanar.- resmungou na brincadeira, enquanto a abraçava.

Abraçar alguém era algo impensável há meses atrás. Quando chegou em Oloron, mas parecia um bicho-do-mato acossado, do que um linda rapariga em busca de trabalho e de um lugar onde pudesse ser feliz.

Marie era a mãe que nunca teve. Conselheira, amiga, sem a julgar e com uma pitada de bom humor até nas coisas mais sérias. Adoçou a sua vida em muito, e hoje tem a certeza que fez o mesmo por ela. Uma ligação para a vida, enquanto as duas estivessem neste mundo. Foi com Marie que aprendeu o significado da palavra amor. Marie amou-a, mesmo sem e conhecer bem, acreditou nela e incentivou-a a não ter medo da vida.

- Sim, sim, querida. Pareceu-me ver uma Harley no passeio ontem de noite, mas talvez fosse um sonho. Os velhos costumam delirar de noite. – disse a rir.

Sorriu, e fazendo uma careta de boa disposição, pegou numa chávena com café, e descalça, vestindo apenas um pijama, caminhou em direcção à sala onde Oli já a esperava.

Por mais que se esforçasse para olhar para ele como primo, não conseguia. Olivier seria sempre seu irmão.

- Olá, bom dia, senhor inspector. – cumprimentou-o bem disposta. – Vem prender alguém?

E sentou-se no sofá junto a ele, ao mesmo tempo que lhe dava um sonoro beijo na cara.

Aline olhou para o homem na sua frente e percebeu como ele era interessante. Aquela pose de duro com um olhar do mais suave que conhecia, dava-lhe um charme quase irresistível. Finalmente percebeu o que Nicole viu nele.

- Que foi. – perguntou retribuindo o beijo. – Estás a olhar para mim de forma estranha.

- Deves ter partido muitos corações ao longo da tua juventude. Nicole que se cuide. Sabes mano, desculpa mas nunca te vou chamar primo...

- Ainda bem, isso ia assustar-me. Serás sempre a minha irmãzinha pequenina.

- Lamento imenso o que nos aconteceu. Eu não merecia, mas tu também não. Desculpa, eu sei que ela é a tua mãe, mas não gosto dela, sempre senti que não era sua filha. Quando te foste embora, foi horrível. O pai desaparecia e, sem ti, houve dias em que me passou pela cabeça acabar com a vida.

Olivier baixou a cabeça. Sentia-se responsável pelo sofrimento que lhe causaram, mas naquele tempo,

era demasiado jovem e egoísta para pensar nos outros.

- Basta de desculpas. Não quero mais desculpas de ninguém. Vamos seguir com a vida, todos.

- Sim, é isso. Passei por aqui antes de regressar a Paris. E...- hesitou-queria contar-te que a mãe e Jardel...

Nem o deixou terminar. Sabia que os abutres iam aparecer.

- Reclamaram parte na herança?- observou. - Previsível.

Riram-se os dois, um sorriso amarelo, mas cúmplice. Ambos sabiam que a mulher que os criara era interesseira, e com Aline foi cruel.

- Mudando de assunto, o que é que Nicole diz de te ver apenas alguns dias de vez em quando?

- Diz que se muda comigo para Paris. Ah, e vou passar a comissário, vou deixar o trabalho de rua. Querida irmã – brincou – quero constituir família, ter filhos, e Nicole é a eleita, o que é que pensas disso?

Aline fez cara séria e com o ar mais solene que conseguiu arranjar disse: - Se algum dia a fizeres chorar...enfim. Espero que não. Fico muito feliz por vocês. – e fez-lhe um afago na face com barba crescida de dois dias, a sua imagem de marca como Nicole lhe dizia sempre.

- E tu? Quando é que te reconcilias com Thierry?

- Se fosse assim tão simples. Mas não é. Eu estou bem. Sabes a melhor maneira que temos de ser felizes no futuro? É criar um futuro. É o que vou fazer a partir de agora. Pensar em mim de forma mais construtiva. Vai lá à tua vida. Eu fico bem. Dentro de duas semanas, na minha folga vou a Paris ver a avó.

- A velhota é boa pessoa, gosto dela, e agora que a encontramos, não quero abandoná-la. – disse ele.

- Nem eu. Mas...no meio desta embrulhada toda que foi a minha vida, há dias lembrei-me de um pormenor. Eu era bebé quando o pai me trouxe e vocês eram crescidos, já entendiam as coisas da vida. Não estranharam a situação?

O que é que o pai vos disse?

Oli coçou a barba e olhou para ela.

- Sabes que essa parte está um tanto enovoadada na minha mente. Mas recordo-me de me sentir confuso com um bebé que de repente me foi apresentado como irmã. O pai era muito reservado como sabes, mas pensando bem, a reacção da...mãe era estranha. Nunca questioneei nenhum dos dois.

- Está certo. Era o que me faltava saber para encerrar esta parte da minha vida. Vai lá à tua vida. Encontramo-nos em Paris daqui a umas semanas.

Os dias passaram ao sabor do tempo e em todos via Thierry. A partir daquela noite em que a esperou na porta de Marie, cumpriu a promessa de a voltar a conquistar. Acompanhava-a até casa a pé, convidava-a para sair nos dias de folga e, nem uma só vez se insinuou com alguma intenção de forçar algum contacto. Passaram a estar juntos em quase todos os lugares e a dança voltou à vida dos dois. Aline sentia a cada dia que passava, um desejo enorme de o beijar e de se atirar nos braços dele sem qualquer restrição. Mas, à medida que o tempo passava sem que ele avançasse um sinal de desejo, começou a pensar que talvez ele quisesse ser apenas seu amigo e que ainda teria nojo dela, ou medo que ela o contagiasse com o vírus do papiloma.

Fazia alguns dias que sabia o resultado das análises que fizera em Paris há três semanas e podia finalmente estar descansada. O médico fora muito claro, «está tudo bem, não tem lesão, e não há sinal do vírus, teve sorte, o seu caso é raro acontecer, todas as mulheres e homens tivessem a mesma sorte que você. O seu organismo eliminou o vírus, o que não acontece em quase cem por cento dos casos. Acredita em milagres?»

Passou a acreditar e bem precisava de um, a vida já fora dura o suficiente, portanto merecia. Não tinha intenção de contar essa novidade a Thierry. Não queria que ele pensasse que era uma oferecida e, embora esse pensamento fosse um tanto antigo para o século vinte e um, estava finalmente a resguardar-se dos pensamentos alheios. Sabia que hoje ele estaria à sua espera no final da noite, quando ela acabasse o trabalho, e era mais uma noite em que iam conversar amistosamente, mas sem que houvesse contacto físico entre os dois.

O restaurante encheu como era habitual. A época estival trazia sempre muitos turistas, tal como no inverno, que procuravam a paz da montanha e a vida simples de uma vila de província. Oloron Sainte Marie enchia as esplanadas com todas as nacionalidades durante a tarde e, de noite os restaurantes ficavam esgotados, chegando a existir fila para o jantar. Doíam-lhe os pés e estava cansada, mas a perspectiva de estar com ele dali a pouco apagava qualquer mal-estar que tivesse. Eram quase vinte e uma e trinta e nem sinal de Thierry. Estranhou. Era sempre tão pontual, que mal ela dava por isso já estava sentado ao balcão conversando alegremente com o empregado enquanto ia olhando para ela a servir às mesas do outro lado da divisória.

- Aline, o teu iphone tem uma mensagem, diz o meu pai. – avisou Nicole.

- Já vou ver. Primeiro vou recolher a louça suja das mesas. Não deve ser nada de importância.

Passada mais de uma hora finalizavam o trabalho no restaurante e Nicole comentou com ela a ausência de Thierry.

- Pois é, não sei nada dele. Mas também nem tenho que saber, não é?

- Ora Aline, tu e as tuas teimosias. Vais ver que o homem se fartou de esperar que desses algum sinal... esqueceste que o rejeitas há meses?

- Tenho sido cautelosa, só isso.

- Não exageres que paciência tem limites, e até um doutorado em paciência, como ele, se farta. – avisou

Nicole.

- Está bem. Vou ver o meu *iphone*, pode ser que deite alguma luz no desaparecimento do homem. – e riram as duas bem dispostas.

Tirou o avental, colocou-o no cabide e abriu a mochila de onde tirou o telefone que Thierry lhe tinha oferecido há alguns meses. Tinha uma mensagem dele.

*“ Hoje não posso fazer-te companhia, tive uns assuntos familiares a resolver e ausentei-me de Oloron. Sei que amanhã estás de folga, e é domingo. O jantar é em minha casa. Espero-te às dezoito horas e não aceito desculpas. Caso ainda não saibas, eu amo-te.”*

- Que sorriso é esse? Esclareceste o mistério?

- Sim. Ausentou-se da vila. Vou-me embora. Até segunda que amanhã é o meu dia de descanso. – despediu-se balançando as mãos acima da cabeça como se tivesse a dançar a rumba.

- Sortuda. Vai lá. – disse Nicole dando-lhe um beijo na face.

- Bom fim de semana a todos.

O casal e a filha responderam em uníssono. Há muito que Garcia dissera à esposa que teriam que contratar novas empregadas. Adivinhara que o destino da filha estaria em Paris, junto do namorado, e que Aline, mais cedo ou mais tarde voltaria para Thierry. Nicole correu para a sala de descanso dos empregados – ao lado da cozinha-, o sinal de chamada do Skype avisava-a que Oli estava em linha. Já nenhum dos dois, pai e mãe, fazia vista grossa ao homem que conquistara o coração da filha. Garcia ficara apreensivo quando percebeu que ele tinha mais dez anos que ela, mas desistiu de lutar contra isso, se ele a amava, e ela também, não iria levantar obstáculos.

Há vários dias que Marie lhe falava da importância do perdão, sem especificar muito bem a que se estava a referir. Mas hoje estava apostada em falar mais sobre o assunto sem que conseguisse escapar-lhe.

- Mas Marie, não tenho nada que perdoar. Quer dizer, podia perdoar a Rose e ao meu pai, quer dizer ao meu tio, mas já não me importo, não quero saber perceber? Não altera nada. E quando aos meus pais biológicos, coitados, dois infelizes. Já dei um passo em frente, sabe. Mas há dias que me quer dizer alguma coisa, não é?

Marie já conhecia bem a sua menina, como lhe chamava quando se referia a ela em conversas com as vizinhas e todos sabiam do apreço que tinham uma pela outra. Sabia que o homem certo para ela era Thierry, mas os dois eram muito casmurros, e se já não existia vestígios da doença, o problema estava ultrapassado.

- Pronto, vou ser directa. Quando é que tu e Thierry retomam o namoro?

- Ora ai está! Era isso que me queria dizer há alguns dias, não era? Eu desconfiava. Há uma conspiração para que eu volte para ele.

- Sabes que sim.

- Hoje vou jantar na quinta. Há meses que não entro lá.

- Quem convidou?

A alegria dela, estampada no rosto sorridente dispensava qualquer resposta.

- Vai querida. Leva uma escova dentes. Simone e Gérard estão em viagem novamente. Vão estar sozinhos.

Não respondeu mas ficou a pensar que ele devia estar a engendrar qualquer armadilha da qual não pudesse escapar. Nem ela sabia se queria escapar.

No verão àquela hora o sol ainda ia alto e o entardecer ainda demorava.

Vestiu um vestido de algodão, vermelho, e calçou umas sandálias de meio salto no mesmo tom e, para recordar os velhos tempos foi de bicicleta. O

vento a bater-lhe na cara trouxe-lhe à memória as manhãs ainda frias de Março, quando começou a trabalhar na quinta. Recordava-se de percorrer a distância até lá sempre com o coração acelerado. Sabia que ele estava lá para a receber. Thierry era uma visão dos céus e, sempre que o via, pensava em como a sua vida seria diferente se ele a amasse. O tempo não alterara os sentimentos dos dois, os acontecimentos é que geraram entropia onde começava a reinar a paz e o amor. Amor sincero e desprendido.

A casa grande enfeitada com sardinheiras coloridas em tons de rosa, vermelho e branco, pendentes das janelas, já se avistava ao longe. Em minutos estaria lá. Talvez estivesse na altura de baixar a guarda e deixar a vida acontecer. Considerava-se abençoada por estar limpa do vírus e, um dia ia agradecer ao santuário de Lourdes pelas graças concedidas. Passou a ter fé, pois o que lhe aconteceu só podia ter sido um milagre. A espiritualidade ganhou outra dimensão na sua vida e, se antes negava a existência de um ser superior, agora acreditava que houve intervenção divina na sua cura. Não negava nem afirmava a existência do que desconhecia e essa era a sua fé pessoal.

Atravessou o portão grande e o ritmo cardíaco acelerou. Nem sinal das aves que costumavam andar por ali. O silêncio imperava. Ao fundo o lago com os dois cisnes era o único sinal de vida. Deixou a bicicleta encostada no mesmo sítio, junto à porta do escritório, ajeitou o cabelo despenteado pelo vento e ficou a absorver tudo aquilo. Tinha saudades. Há muitos meses que não entrava ali. Nem sinal de Thierry. Começou a pensar que estava enganada e que ele não a convidou. Teria sonhado?

Caminhou lentamente até ao fundo do enorme pátio interior, e aproximou-se do lago. Os cisnes, vaidosos, continuavam a limpar a plumagem branca e não deram sinal de alarme. No lado oposto ao pequeno lago estava o poço tapado com uma tampa artística de madeira, para evitar acidentes. Ao lado, uma torneira com um sistema de bomba hidráulica, manual, permitia a quem tivesse sede beber água fresca das suas entranhas. Aline accionou a manivela várias vezes e encheu um copo deixando o líquido frio escorrer pela garganta.

Foi quando ia deitar o copo de plástico para o lixo que viu a toalha branca bordada à mão posta em cima do poço com uma garrafa de *Chianti* e dois copos. Sorriu. A dois metros de distância um grelhador ardia

à espera que lhe colocassem algo em cima para assar. E mais além, debaixo do velho salgueiro, estava posta uma mesa para dois.

- Sim, é para ti, para nós.

Aline sobressaltou-se ao ouvir a voz dele, e ao virar-se deparou-se com um homem vestido de forma desportiva, com calça de ganga e tshirt branca e ténis, mas, o mais importante e que realçava no conjunto era o sorriso, largo e afectuoso, um convite a deixar-se envolver por aqueles braços enormes fortalecidos pelo trabalho pesado do campo. Thierry pousou a travessa com peixe para grelhar no bordo do poço e aproximou-se. Colocou-lhe uma mão na cintura, outra nas costas e puxou-a si num gesto de protecção e carinho. Aline sentiu o hálito quente junto ao ouvido.

- Nunca mais te atrevas a afastar-te de mim, Aline Gauthier, e se eu um dia tiver alguma reacção estúpida, interna-me por insanidade mental. Onde é que eu estava com a cabeça quando te deixei, meu amor.

E numa fúria contida há tanto tempo devorou-lhe os lábios, sem que ela se opusesse. A fome que tinham um do outro há muito que tinha passado o prazo de validade, tudo o que viesse a seguir era pouco para a saciar.

- Vou carregar-te para a minha cama e não aceito um não. – disse com um misto de amor e autoridade. – E não te preocupes que não estou doente. Fui ao médico. Ah! E comprei umas dez embalagens de preservativos.

Caíram os dois na gargalhada com os exageros dele, e Aline resolveu que era tempo de o esclarecer face à sua doença.

- Temo que os preservativos não vão ser necessários, meu amor. Estou bem, não há sinal do vírus.

Thierry pegou-lhe ao colo com leveza, um gesto habitual da dança, e carregou-a até á porta de casa enquanto Aline lhe despeteava o cabelo com as mãos.

- Fico muito feliz, por ti. A minha preocupação era um dia perder-te por causa da doença.

Colocou-a no chão depois de transpor a porta.

- Anda. Estamos sozinhos.

- Eu sei. Marie disse-me.

E voltaram a rir. Estavam rodeados de pessoas que os queriam ver juntos.

Uma hora depois, ainda aninhados nos braços um do outro, tinham o estomago a roncar com fome.

- Vamos jantar? – disse ela, faminta. – Foi para isso que cá vim. Ou queres matar-me à fome.

- Nem pensar meu amor. – e beijou-a com ardor. – Mas vais ter que esperar um pouco, nesta altura as brasas do assador devem estar um pouco fracas e o peixe cheio de moscas. Esqueci-me da travessa em cima do poço.

Há mais peixe no frigorífico e em meia hora estamos a jantar, e depois carregó-te para aqui outra vez. Aline, nunca mais saís daqui.

- Sabes que não me importo nem um pouco?

- Sei.

- Quero envelhecer contigo, ter filhos, uma família como nunca tive, por isso pensa bem se é o que queres Thierry. Não quero que voltes a ter dúvidas sobre mim, não fui nenhuma santa, nem quero desculpar-me de algo que aconteceu antes de te conhecer. Não quero que me rejeites outra vez.

- Isso não volta a acontecer, e mesmo que ainda estivesses doente, ficaria contigo na mesma. Sabes isso, não sabes?

Aline acenou com a cabeça em sinal de afirmação, e enroscou-se nele.

Era ali o seu lugar, a sua casa, o sítio onde se sentia amada e protegida.

Chegara finalmente a casa.



## A AUTORA

Ambra Blanchett (pseudónimo de L. J. Craveiro) Nasceu em 1963 na planície alentejana e os melhores momentos da sua infância foram passados numa quinta em contacto com a natureza. Viveu em França na periferia de Paris durante alguns anos. Estudou psicologia clínica na Universidade de Évora e especializou-se em psicoterapia na SPPC em Lisboa e, actualmente vive na cidade de Évora, Portugal, onde também trabalha.

É autora de artigos científicos e de um livro sobre o desenvolvimento emocional infantil (Meus pais, Meus Espelhos) e outro, sobre as relações amorosas ( Apaixonou-se pela pessoa errada? Reconheça os sinais) também publicados na amazon.

Desde muito cedo manifestou interesse pelas artes, chegando a frequentar cursos de desenho pintura e piano.

É leitora compulsiva do género literário romance.

Adora viajar e fá-lo frequentemente em família com o marido e os filhos.

Já visitou países na Ásia, América Central, África, Europa e Médio Oriente.

Divide o seu tempo entre a família, os amigos, o consultório e a escrita.

## NOTA DA AUTORA

O virus do papilloma humano é mais comum do que se possa pensar.

Dizem as estatisticas que cerca de oitenta por cento das mulheres e cinquenta por cento dos homens estão infectados. O virus, grande responsável pelo cancro do colo do útero mata milhares de mulheres por ano mundialmente. A inspiração para este livro surgiu dos dramas que a autora tem acompanhado em prática clínica ao longo da sua carreira de psicóloga.

Contactos <http://www.ambrablanchett.blogspot.pt> <https://twitter.com/AmbraBlanchet>  
<http://www.pinterest.com/ambrablanchett> <https://www.tumblr.com/blog/ambrablanchett>